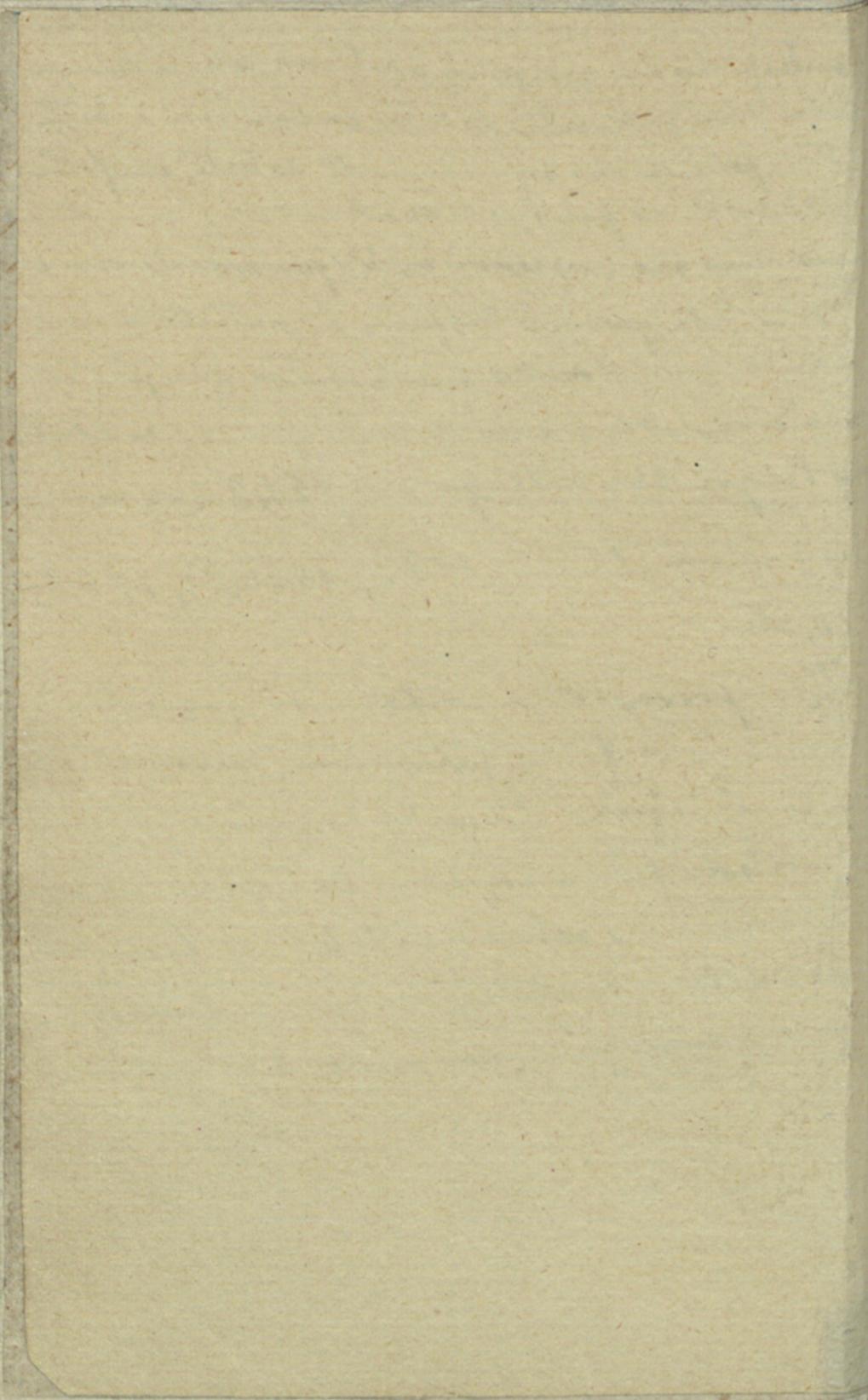


Odem histórica das Lusiadas.

Principiarmos a ler na istancia 84^o do canto 4^o,
pois que é verdadeiro princípio de assumpto
ou da ação, e continuando a ler pelo canto 5^o,
ate à istancia 34^o, voltar dahi à istancia 43^o
do canto 1^o, e principiando em metade della,
continuar ate ao fim do canto 2^o. Dahi
partir do princípio do 8^o e dirigir ate
ao fim do 7^o. O canto 8^o comprehendo os
subtacções, e tudo o mais que Basco da
Faria passou em Calicut, que he ouvi-
dugou. Os cantos novos e didicos entur-
a volta para o Reino. Não se falka nos
primeiros 18 istancias porque temem
que servam de desordem, e empêchem seu
e proprio, Invocar, e principiaca-
a dedicatoria de Faria. Vid. ill^o
de Faria sobre.

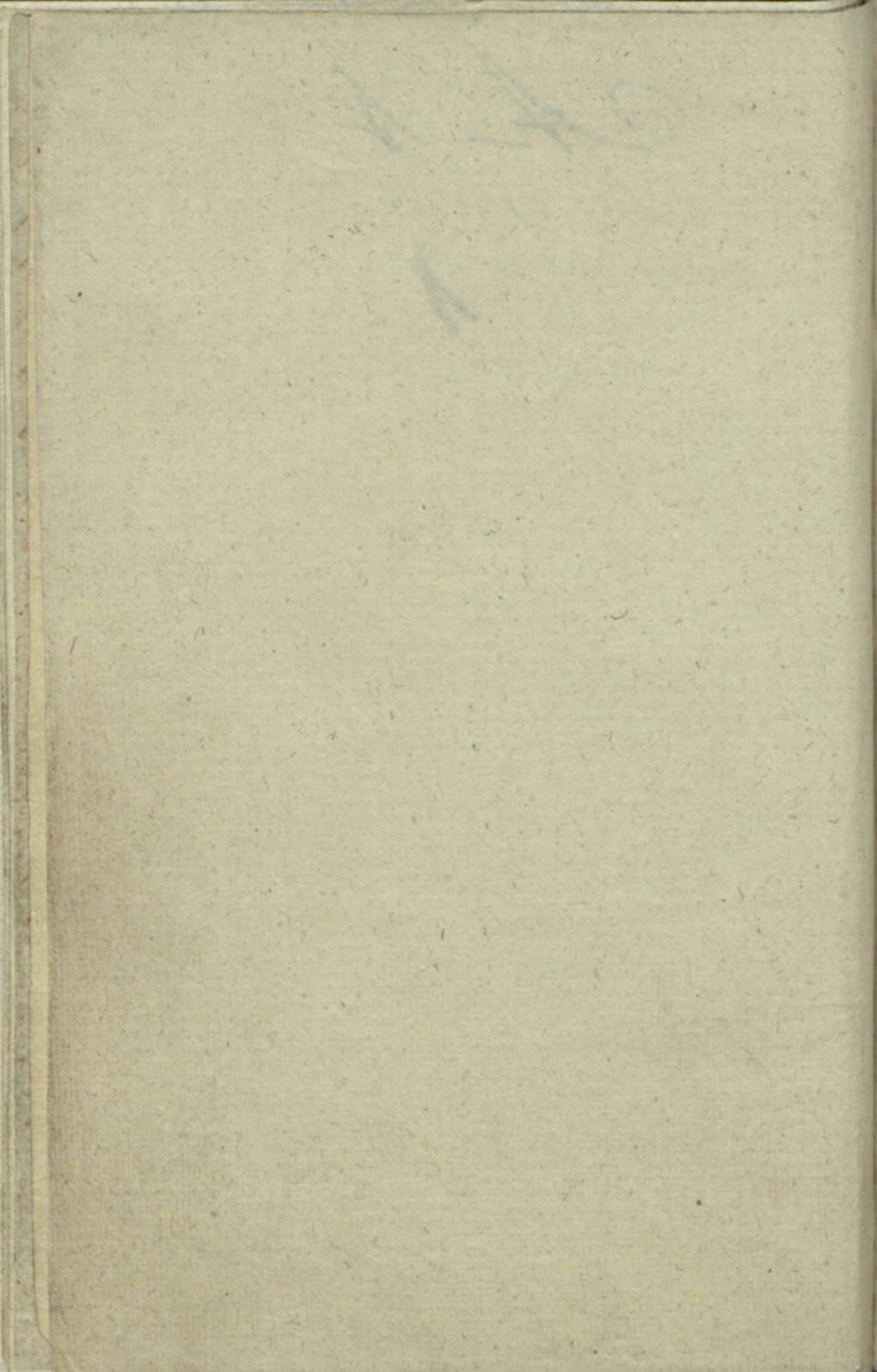
O frontispício em que se vê o pelicano com a cabeça voltada para a direita do leitor, embora com a data -1572, foi impresso separadamente do texto, em folha dobrada in-8º, ao passo que os outros exemplares do mesmo anno são impressos in-4º juntamente com o texto. - Esta gravura despeçou da portada e imitada e perfeita de que a outra que já era grava e causada quando a empregavam na edição das Regras de Santiago em 1548 (24 annos antes) e em 1552, 1554, 1560(?), 1563, 1570, etc.

Pode provar-se a evidencia que esta gravura não foi a primeira, mas uma imitação infiel daquelle em que o pelicano está voltado para a esquerda. Os trophæus de armas que ornaram as columnas lateraes foram cortados deixando vestígios de corte imperfeito, a quais não aparecem nesta segunda gravura.



A T

1



Esta Edição é a primeira das duas que
em vida do autor se imprimirão
no anno de 1572, como se vê do Exa-
mo critico das primeiras cinco edi-
ções dos Lusiadas, por Sebastião=
Francisco de Mendes Trigoso, no to-
mo oitavo das Memorias da Ca-
dernaria Real das Ciencias.

Vid. a outra Ed. de 1572 e as notas
que nella escrevi.

anno VIII 1558 in libro ordinario
Iustini M. cap.

OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moēs.



Impressos em Lisboa, com licença da
Santa Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de António
Gógalvez Impressor.
1572.

FASILADAS

de Pintor que es

Wences.



Impresión en Tinta Negra, con la que se
imprimió el libro, es de la que
se impuso el libro, es de la que
se impuso el libro, es de la que

1821

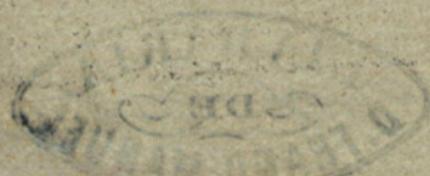
V el Rey faço saber aos que este Aluara viré
que eu ey por bem & me praz dar licença
a Luis de Camões pera que pessa fazer im-
primir nesta cidade de Lisboa, h̄a a obra em
C̄tava riua chamada Os Lusiadas, que cō
tem dez cátos perfeitos, na qual per ordem
poetica em versos se declarão os principaes
feitos dos Portugueses nas partes da India depois q̄ se descoberio
a nauEGAçāo pera elles por mādado del Rey dom Manoel meu
vilauo q̄ sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tē-
po de dez annos que se começarão do dia q̄ se a dita obra acabar
de imprimir em diáte, se não possa imprimir nē vender em meus
reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nē leuar aas ditas
partes da India pera se véder sem licēça do dito Luis de Camões
pera pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quē o con-
fessor fizer pagar cinquoēta cruzados & perder os volumes que
imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a
outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra ven-
der, h̄e sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-
bargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na pri-
meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se
imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geeral
do sancto officio da Inquisiçām, pera com sua licença se auer de
imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais
algūs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença
do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se
imprimirá outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem
que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em
meu nome, per mim assinada, & passada por minha Chancel-
laria, sem embargo da Ordenaçām do segundo liuro, titulo xx.
que diz que as couisas cujo effeito ouuer de durar mais que hum
anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham.
Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes
de Setembro, de M.D.LXXI. Jorge da Costa o fiz escreuer.



VI por mandado da sancta & geral inquisição estes dez
Cançôes dos Lusiadas de Luis de Camões, dos valerosos
feitos em armas que os Portugueses fizeram em Ásia &
Europa, & não achey nelles cousa algua escandalosa, nem
contraria à fee & bôs costumes, somente me pareceo que e, &
necessario aduertir os Lectores que o Author pera encarecer
a difficultade da nauegaçam & entrada dos Portugueses na
India, vsa de húa fíção dos Deoses dos Gentios. E ainda que
sancto Augustinho nas suas Retractações se retrachte de ter
chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deo-
sas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Au-
tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poeti-
co, não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses
na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a ver-
dade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam
Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se impri-
mir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita eru-
dição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

8



OS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMÓES.

Canto Primeiro.



S armas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusi-
tana,
Por mares, nunca de antes na-
uegados,
Passaram, ainda alem da Taprobania,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;
Entre gente remota edificáram
Novo Remo, que tanto sublimáram.

E tambem as memorias gloriofas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Africa, & de Asia, andaram de vastade
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando e spalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem

OS LUSTRADAS DE L. DE CAR

Cessem do fabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizeram:
Callese de Alexandre, & de Trajano
A fama das vitorias que tiveram,
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tende em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado,
Foy de my vesso rio alegrente,
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente:
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que nam tenham enueja ás de Hypocrene.

Dai-me húa furia grande & sonorosa,
E nam de agreste a vena, ou franta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Setam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO

E vos ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiqua liberdade,
E não menos certíssima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos ó nouo temor da Maura lança,
Maraulha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florente,
De húa arvore de Christo mais amada
Que nenhúa nascida no Occidente,
• Cesaria, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Ve o tambem no meyo do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita canalleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Queinda bebe o licor do sancto Rio.

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a mageſtade,
Que nesse teu ro gēſto vos contemplo,
Que ja ſe moſtra qual na inteira idade,
Quando ſobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chāo: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido
De premio vil: mas alto, & quaſi eterno,
Que nam he premio vil ſer conhecido,
Por hum pregam do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelleſ de quem fois ſenhor ſuperno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ſer do mundo Rei, ſe de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vās façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentiroſas,
Louuar os voſſos, como naſe eſtranhas
Muſas, de engrandece ſe deſejofas:
As verdadeiras voſſas ſam tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamōte, & o vāo Ruzeiro,
E Orlando,inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO.

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,
Hum Egas, & hum dom Fuas, q de Homero
A Citera parelles so cobiço:
Pois polos doze Pares daruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço:
Douuos tambem aquelle illustre Gama
Que para si de Eneas toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória:
E aquelle que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande & prospéra victoria:
Outro Ioanne, inuito caualleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

14

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
Se fizeram por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

A 3

E em

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

15
Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,) 11
De exercitos, & feitos singulares,
De Africa as terras, & do Oriente os mares.

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado,
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vós por dote aparelhado:
Que affeiçoadá ao gesto bello, & tenro,
Deseja de compraruos pera genro.

17

Em vós se vem da Olimpica morada,
Dos dous auds, as almas ca famosas,
Húa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam, verse renouada
Sua memoria, & obras valerosas.
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO.

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejam:
Day vos fauor ao nouo atreumento,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o falso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que sam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

39

Ia no largo Occeano nauegauam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiroauam,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vam cortando,
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas:

20

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está da humana gente,
Se ajuntam em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente,
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LVSIADAS DE L. DE CA

21
Deixam dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foy dalo,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali se acharam juntos num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

22
Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, feuero, & soberano,
Do rosto respiraua hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano:
Com hua coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23
Em luzentes assentos marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estiuão
O. outros Deos e todos assentados,
Com ra Razam, & a Ordem concertauam:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauam:
Quando Iupiter alto assi dizendo,
Cum tom de voz começa, grane & horendo.

Eternos

A CANTO PRIMEIRO.

Eternos moradores do luzente

Estelifero polo, & claro assento,

Se do grande valor da forte gente,

Do Luso, nam perdeis o pensamento,

Deueis de ter sabido claramente

Como he dos fidos grandes, certo intento,

Que por ella sesqueçam os humanos,

De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

25

Ia lhe soy (bem o vistes) concedido

Cum poder tam singelo, & tam pequeno,

Tomar ao Mouro forte & guarnecido,

Toda a terra que rega o Tejo ameno:

Pois contra o Castelhano tam temido,

Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.

Assi que sempre em fim com fama & gloria

Tene os tropheos pendentes da victoria.

26

Deixo Deoses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcancáram,

Quando com Variato, na inimiga

Guerra Romana tanto se affamáram.

Tambem deixo a memoria que os obriga

A grande nome, quando aleuantáram

Hun por seu capitam, que peregrino

Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca usadas, nam temendo
De Africa & Noto a força a mais fatreu:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinam seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia.

28

Prometido lhe estâo do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada;
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entradas;
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada;
Ja parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

29

E por que, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos climas, & ceos exper.mentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos!
E tendo guarneциda a lassa frota,
Começaram a seguir sua longa rota.

Estas

CANTO PRIMEIRO.

30
Estas palavras Jupiter dezia,

Quando os Deoses per ordem respondendo,
Na sentença hum do outro difiria,
Razões diuersas dando & recebendo:
O padre Baco, ali nam consentia
No que Jupiter disse, conhescendo
Que esqueceram seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
Húa gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual soejaria
Da India, tudo quanto Doris banha,
E com nouas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha;
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebrainda a memoria.

32

Ve que ja teue o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso;
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome, em negro vaso;
Dagoa do esquecimento, se la chegam
Os fortes Portugueses, que nauegam.

Sustentaria

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentaua contra elle *Venus bella*,
Affeiçoadaa gente Lusitana,
Per quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostráram na terra Tingitana:
Ena lingoa, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupçam cre que he a Latina.

34

Estas causas mouiam Cyterea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arreceia
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, & na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem.

35

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De silvestre aruoreda abastecida,
Rompendo os ramos vao da mata escura,
Com impito & brueza desmedida:
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompense as folhas, ferue a serra erguida:
Tal andava o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no Olimpo consagrado,

Mas

Mas Marte que d^a Deosa sustentaua
 Entre todos as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigaua;
 Ou porque a gente forte o merecia,
 De antre os Deoses em pee se leuantaua,
 Merencorio no gesto parecia:
 O forte escudo ao collo pendurado,
 Deitando pera tras medonho, & yrado.

37

A viseira do elmo de Diamante,
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,
 Por dar seu parecer se pos diante
 De Iupiter, armado, forte & duro:
 E dan lo húa pancada penetrante,
 Co conto do bastão, no solio puro:
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
 Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

38

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,
 Tudo aquillo obedece, que criaste,
 Se esta gente que busca outro Emispherio,
 Cuja valia, & obras tanto amaste:
 Nam queiras que padeçam vituperio,
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste.
 Nam ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LUSTIADAS DE L. DE CAI

Que se aqui a razam se nam nostrasse,
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Bacó os sostentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam priuado:
Mas esta tençam sua, agora passe,
Por que em sim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

40

E tu Padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tēs tomada,
Nam tornes por detrás, pois he fraquezas
Desistir se da coufa começada.
Mercúrio pois excede em ligereza
Ao vento leue, & aa seta bém talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

41

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Em

CANTO PRIMEIRO.

Em quanto isto se passa, na fermosa

Cosa Eterea do Olimpo omnipotente,

Cortava o mar a gente belicosâ;

Ia la da banda do Austro, & do Oriente,

Entre a costa Ethiopica, & a famosa

Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente

Queimava entam os Deuses, que Tifeô

Co temor grande em peixes conuerteo.

43

Tam brandamente os ventos os leuauam,

Como quem o ceo tinha por amigo:

Sereno o ar, & os tempos se mostrauam

Sem nuuês, sem receyo de perigo:

O promontorio prasso ja passauam,

Na costa de Ethiopia, nome antigo:

Quando o mar descobrindo lhe mostraua,

Nouas ilhas que em torno cerca, & lana.

44

Vasco da Gama, o forte Capitão,

Que a tamanhas empr sas se offerece,

De soberbo, & de alto coraçam,

A quem fortuna sempre fauorece,

Pera se aqui deter nam ve razam,

Que inhabita la a terra lhe parece:

Por diante passar determinaua:

Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Eis aparecem logo em companhia,
115
Hūs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, & de alegria
Nam sabe mais que olhar a causa della:
Que gente sera esta, em si deziam,
Que costumes, que ley, que Rei teriam?

116

As embarcações eram, na maneira
Muy veloces, estreitas, & compridas,
As vellas com que vem eram de esteira,
Dūas folhas de Palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de ousado, & nam prudente,
O Pado o sibe, & Lampetusa o sente.

117

De panos de algodam vinham vestidos,
De várias cores, brancos, & listrados,
Hūs trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados:
Da cinta pera cima vem despidos,
Por armas tem adagas & tarçados:
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

Cos

CANTO PRIMEIRO.

129
Cos panos, & cos braços acenauam,
As gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinauam
Pera que junto ás Ilhas amainassem:
A gente, & marinheiros trabalhauam,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.
119

Nam erão ancorados, quando a gente
Estranha, po'as cordas ja sobria,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
Os de Phaetom queimados nada engeitam.
50

Comendo alegremente perguntauam,
Pela Arabica lingoa, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscauão,
Ou que partes do mar corrido tinhamb?
Os fortes Lusitanos lhe tornauam,
As discretas repostas que conuinham:
Os Portugueses somos do Occidente,
Himos buscando as terras do Oriente:

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diueros Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com ledá fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

52

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas ja razam parece que saibamos,
Se entre vós a verdade nam se nega:
Quem sois, que terra he esta que habitaiss?
Ou se tendes da India algüs finais?

53

Somos, hum dos das Ilhas, lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, & sem Razão:
Nos temos a Lei certa que ensinou,
O claro descendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A māy Hebrea teue, & o pay Gentio.

EST

CANTO PRIMEIRO

55
Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

55
E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo Idaspé, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bem feito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proueja.

56
Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repousasse:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A noyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, e não cuydada,
Por acharem da terra tam remota,
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer entam consigo cuya da, e nota
Na gente, e na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crerão,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

58

Da Lúa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrelas os Ceos acómpanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

59

Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirar se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou:
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partie

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apousentos Caspios habitando.
 A conquistar as terras Asiana,
 Vierão: & por ordem do destino,
 O Imperio tomáram a Costantino.

61
 Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia,
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente,
 Nam vñado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

62
 Está a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, & vñso,
 E a lingoaagem tam barbara, & enleada.
 Tambem o Mouro astuto está confuso,
 Olhando a cor, o traço, & a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dezia,
 Se porventura vinham de Turquia.

LOS LVSTADAS DE L. DE ACAY

64
E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fe,
Pera ver se conforme á sua seja,
Ou se famdos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dè,
Mostra das fortes armas de que usauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

64
Respondeo o valeroso Capitão,
Por hum que a lingoa escura bem sabia:
D arte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa.

65
A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, & inuisibil,
A quelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil
Que padecio deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Deste

CANTO PRIMEIRO

Desse Deos homem, alto, & infinito,
Os liuros que tu pedes nam trazia,
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tēs dito,
Comprido esse desejo te seria:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

67

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros, amostrar as armaduras,
Vem arneses, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos, & sagittiferas aljauas,
Partasanas agudas, chuças brauas.

68

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas sulfuneas, tam danosas,
Porem aos de Vulcano nam consente
Que dem fogo aas bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medrosas,
Não mostra quanto pode, & com razão,
Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

B 4

Porem

S L V S I A D A S D E L . D E C A .

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Húa vontade má de pensamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratallos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse aa India ser levado,
Dizlhe, que o largo premio leuarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometelhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tam danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

71

Tamambo o odio foy, & a má vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade,
A quem juyzo algum nam alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose

Partiose nisto em sim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido:
 Cortaram os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

73

Doclaro assento Etereo, o gram Tebano,
Que da paternal coxa foy nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuya hum falso engano
 Com que seja de todo destruydo.
 E em quanto isto so na alma imaginava
 Consigo estas palauras praticava.

74

Está do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Ajam os Portugueses alcanfado,
 Das Indianas gentes belicosas.
 E euso filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça

La quiserão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ia quiseram os Deoses que tinesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo fometesse
Debaixo de seu jugo, o fero Marte:
Mas asse de soffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Que u co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Não sera affy, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, reuoluerey da Maura gente,
Porque sempre por via yra dereita,
Quem do oportuno tempo se aproueita:

77

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Prasso fabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

Entrando

A CANTO PRIMEIRO.

78
E entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de nouo sam chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homens que passauam,
Que com pactos de paz sempre ancorauam:

79

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nós, & que todos seus intentos
Sam pera nos matarem, & roubarem,
E molheres & filhos captiuarem.

80

E tambem sey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tençam danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilado, occulto & quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda nam ficarem deste geito,
Desfrydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito,
Outra manha & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os leue aonde sejam desfrydos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos taes casos, sabio & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

83

E busca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,
De quem fiar se possa hum feito grande,
Dizlhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas, & mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se aleuante.

la o

CANTO PRIMEIRO.

84
Ião rayo Apolineo visitaua,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos seus determinau
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertaua,
Como se fosse o engano ja sabido:
Mas pode sospeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

85

E mais tambem mindado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foi lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidaua muy contrario:
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido aduersario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis somente que trazias.

86

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embarçado, e de azagaya,
Outro de arco encuruado, e seta eruada;
Esperão que a guerreira gente faya,
Outros muytos ja postos em cillada.
E porque o caso leue selhe faça,
Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Andão pela ribeira ⁸⁷ alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a astea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito a gente generosa,
Andarlhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

88

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca, & pondo se diante,
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere, & mata & poem por terra:

89

Eis nos bateis fogo se leuanta,
Na furiosa & dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado espanha:
Ferido o ar retumba, & assouia:
O coraçam dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Ja foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto auenturoso.

Não

A CANTO PRIMEIRO.

⁹⁰
Não se contenta a gente Portuguesa:

Mas seguindo a victoria estrue, & mata

A pouoaçam sem muro, & sem defesa,

Esbombardea, acende, & desbarata.

Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,

Que bem cuidou comprala mais barata:

Ia blasfema da guerra, & maldizia,

O velho Inerte, & a māy que o filho cria.

⁹¹

Eugindo, à seta o Mouro vay tirando,

Sem força, de conarde, & de apressado,

A pedra, o pao, & o canto arremessando,

Dalhe armas o furor desatinado:

Ia a Ilha, & todo o mais, desemparando,

Aa terra firme foge amedrontado.

Passa, & corta do mar o estreito braço,

Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

⁹²

Hūs vāo nas almādias carregadas,

Hum corta o mar a nado diligente,

Quem se affoga nas ondas encuruadas,

Quem bebe o mar, & o deita juntamente:

Arrombāo as meudas bombardadas

Os Pangaios sotis da bruta gente.

Desta arte o Portugues em fim castiga,

A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tornam vitoriosos ⁹³ pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
Evão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa,
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acefa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inicaterka,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a má tençam no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,
Como em final das pazes que tratava.

95

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, atento
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Dest a

CANTO PRIMEIRO.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitam, que nam cahia em nada,
Do engano so ardil que o Mouro vrdia:
Delle muy largamente se informava,
Da India toda, & costas que passava.

97

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o maleuolo Baco lhe ensinara
De morte, ou captiveiro nouos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razam dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98

E dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synonos Phrigios enganou,
Que perto està húa lha, cujo assento,
Pouo antigo Christão sempre abitou:
O Capitão que a tudo estaua a tento,
Tanto co eslas nouas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede,
Que a Ilha he possuida da malma
Gente, que segue o torpe Mahamedes:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
Quilva, muy conhecida pola fama.

100

Pera lá se inclinava a leda frota:
Mas a Deos i em Cythere celebrada,
Vendo como deixana a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Nam consente que em terra tam remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a desvia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

101

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinaçam leuar a vante,
Outra maldade inica cometendo,
Anda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuarão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Eram Christãos com Mouros juntamente:

Tambem

CANTO PRIMEIRO

502
Tambem nes^sas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuava,
Que aqui gente de Christo nam auia;
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitam que em tudo o Mouro crio,
Virando as vellas, a Ilha demandava:
Mas nam querendo a Deosa guardadora,
Nam entra pela barra, & surge fora;

503
Estaua a Ilha ad terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia,
Hua cidade nella situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antiga idade,
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

504
E sendo a ella o Capitam chegado,
Estranhamente ledo, porque esperava
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro que tomara.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes & grauissimos perigos,
O caminho de vida nunca certo.
Que aonde a gente poem sia esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança.

106

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade auorrecida;
Onde pode acolherse hum fraco humano,
Onde terà segura a curta vida?
Que não se arme, & se indigne o céo sereno,
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim

Canto Segundo.



A neste tempo o

lucido Planeta,

Que as horas vay do dia disting
uido,

Chegaua aa desejada, & lenta Meta,

A luz celeste aa gentes encobrindo:

E da casa maritima secreta,

Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrido:

Quando as fingidas gentes se chegárao

Aas naos, que pouco auia que ancorárao.

2

Dantre elles hum que traz encomendado,

O mortifero engano, assi dezia:

Capitam valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o reyno, & falsa via,

O Rei que manda esta Ilha aluoroçado

Da vinda tua tem tanta alegria,

Que nam deseja mais que agasalharte,

Verte, & do necessario reformarte.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E porque está em estremo desejo
De te ver, como coufa nomeada,
Teroga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhooso,
Traras a gente debil, & cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido diamante:
Daqui leuaras tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Nam entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota nam temendo,
Comprirà sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado:
Perguntalhe

CANTO SEGUNDO.

Perguntalhe despois, se estam na terra
Christãos, como o Piloto lhe dezia,
O mensageiro astuto que nam erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo crê:
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algüs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.
Ia a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei apresentaram,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correram, & notáram
Muito menos daquelle que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que sempre a mocidade,
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãis: que vxdia a falsidade,
Por ver o nduegante destruydo:
Estava núa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido,
Mostrandose Christão, & fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto Spirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix Virgem pura,
A companhia sancta está pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, so das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui

¹²
Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estava,
Poem em terra os gioelhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo gouernava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thioneu, & assi por deiradeiro
O falso Deos adorao Verdadeiro.

¹³
Aqui foram denoite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foram na mundo, & num momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

¹⁴
Tornam da terra os Mouros co recado,
Do Rei spera que entrassem, & consigio
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrau sincero amigoso
E sendo o Portugues certificado,
De nam quer receyo de perigo
E que gente de Christo em terra viaja,
Dentro no falso rido entrar querei.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & sacerdote santo,
Que ali se agafalháro, & dormirão,
Em quanto a luz cubriu o escuro manto:
E que no Rei, & gentes nam sentirão
Senam contentamento, & gosto tanto:
Que nam podia certo auer sospeita.
Nua mostra tam clara, & tam perfeita.

16

Co isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas pareciam:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam;
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

17

Na terra cautamente aparelhauam,
Armas, & monições, que como visssem
Que no Rio os nauios ancorauam
Nelles ou sadamente se sobissem:
E nesta treicam determinauam,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incantos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinham feito.

CANTO SEGUNDO.

18
As ancoras tenaces vāo leuando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas fós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andaua sempre a gente assinalada:
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do ceo ao mar como hūa seta.

19
Conuoca as aluas filhas de Neréo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que por que no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondolhe a causa a que deceo,
Com todos juntamente se partia:
Pera estoruar que a armada nam chegasse,
Aonde pera sempre se acabasse.

20
La na agoa erguendo vāo com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atraueffa
Com mais furor o mar do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agoa crespa, em força suma.
Abrem caminho as ondas encruadas,
De temor das Nereidas apressadas.

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Vay a linda Dione furiosa,
Nanç sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Ia chegão perto donde o vento teso.
Encheu as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As naos ligeras que hão por diante.

22

Poemse a Deosa com outras em direito
Da pròa capitânia, & ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchado:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuando a estauão,
E da barra inimiga a desviauão.

23

Quaes pera a coua as prouidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exerceitam de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali sam seu trabalho, & fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nimpas e storuando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

CANTO PRIMEIRO.

24
Torna pera detrás a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente yrada,
O leme a hū bordo, & a outro atrauessando,
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estaua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

25
A celeuma medonha se aleuanta,
No rudo Marinheiro que trabalha,
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Nam sabem a razam de furia tanta,
Nam sabem nest a pressa quem lhe valha;
Cuidão que seus enganos sam sabidos,
E que ande ser por isso aqui punidos.

26
Eilos subitamente se lançauão,
A seus bateis velocias que trazião,
Outros encima o mar aleuantauão,
Saltando nagoa a nado se acolhião:
De hum bordo & doutro subito saltauão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

OS LUSIADAS DE I. DE CAJ

Assi como em seluatica alagoa,

As rās no tempo antigo Lycia gente,

Se sentem por ventura vir pessoa,

Estando fora da agoa incautamente,

Daqui, & dali saltando, o charco soa,

Por fogir do perigo que se sente,

E acolhendose ao couto que conhecem,

Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

28

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,

Que ao perigo grande as naos guiāra,

Crendo que seu engano estauan noto,

Tambem foge saltando na agoa amara:

Mas por nam darem no penedo immoto,

Onde percão a vida doce, & cara:

A ancora solta logo a capitaina,

Qualquer das outras junto della amaina.

29

Vendo o Gama, atentado a estranheza

Dos Mouros, não cuidada, & juntamente,

O Piloto fogirilhe com presteza,

Entende o que ordenaua a bruta gente,

E vendo sem contraste, & sem brauez,

Dos ventos, ou das agcas sem corrente,

Que a Nao passar auante não podia,

Auendo o por milagre assi dezia.

O caso

O caso grande, estranho, & não cuydado,
 O milagre claríssimo, & evidente,
 O descuberto engano inopinado,
 O perfila inimiga, & falsa gente,
 Quem poderá do mal aparelhado
 Liurarse sem perigo sabiamente.
 Se la de cima a guarda soberana,
 Não acudir aa fraca força humana?

31

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
 Destes portos a pouca segurança,
 Bem claro temos visto na aparence,
 Que era enganada a nossa confiança:
 Mas pois saber humano, nem prudencia
 Enganos tão fingidos não alcança:
 O tu guarda diuina, tem cuidado
 De quem sem ti não pôde ser guardado.

32

E se te moue tanto a piedade,
 Desta misera gente peregrina,
 Que so por tua altíssima bondade,
 Da gente a saluas, perfida & malina,
 Nalgum porto seguro de verdade:
 Conduzirnos ja agora determinas,
 Ou nos amostra a terra que buscamos,
 Pois so por teu seruço nauegamos.

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

33
Ouuiolhe estas patauras piadosas,
A fermosa Dione, & comouida,
Dantre as Nymphas se ray, que saudosas
Ficarão desta subita partida:
la penetra as Estrelas luminosas,
la na terceyra Esphera recebida:
Auante passa, & la no sexto ceo,
Perá onde estaua o Padre se moueo.

34
E como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho
E tudo quanto a via namorava
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hūs espiritos viuos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esphera fria.

35
E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, & cara
Se lhapresenta assi como ao Troyano,
Na selua ldeia ja se apresentara:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabarão.

36

Os crespos fios douro se esparziam
 Pelo colo, que a neue escurecia,
 Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
 Com quem Amor brincaua, & nam se via.
 Da alua petrina flamas lhe saiam,
 Onde o Minimo as almas acendia.
 Polas lisas colunas lhe trepauão,
 Desejos, que como Era se enrolauão.

37

Cum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo,
 Porem nem tudo esconde, nem descobre
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Ia se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

38

E mostrando no angelico sembante,
 Co riso húa tristeza misturada,
 Como dama que foi do incauto amante,
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, & se ri, nū mesmo instate,
 E se torna entre alegre magoada.
 Desta arte a Deosa, a quem nenhúa iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

LOS LUSIADAS DE LT DE CAJ

39
Sempre eu cuidey, o Padre poderoso,
Que pera as coufas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroſa.
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroſo,
Sem que to mereceſſe, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Aſſentarey em fim que fuy mofina:

40

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vāo caidas vejo,
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu deſejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora poiſ porque o amo he mal tratado,
Querolhe querer mal, ſera guardado.

41

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que poiſ eu fuy: & niſto de mimosa
O roſto banha, em lagrimas ardentes,
Como eo orualho fica a frescar oſa
Calada hum pouco, como ſe entre os dentes
Lhe impedira a falla piadosa.
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & gram Tonante.

E destas

CANTO SEGUNDO.

112
E destas brandas mostras comouido,

Que moueram de hum Tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do Leo fátilo,
Torna sereno & claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro:
De modo que dali, se so se achara,
Outro nouo Cupido se gerara.

113

E co seu apertando o rosto amado,

Que os saluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe por em sosiego o peito yrado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

114

Fermosa filha minha nam temais

Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejas
Esquecerense Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LVSTADIAS DE L. DE CAS

Que se o facundo Vlysses escapou,
De serra Ogioia Ilha, eterno escrauo:
E se Antenor os seios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauo.
E se o piadoso Eneas nauegou,
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.
Os vossos mōres coufas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

16

Fortalezas, cidades, & altos muros,
Porelles vereis figha edificados:
Os Turcos belacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Seram dadas na terra leis milhores.

17

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremor delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O casananca visto, & milagroso,
Que trema, & ferua o Mar em calma estādo
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della bão medo os Elementos.

Vereis

CANTO I SEGVNDO.

Vereis a terra que á agna lhe tolbia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vāo descansar da longa via,
As naos que n'uegarem do Occidente:
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Nam poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornarselhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que doucercos terá, dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, e forte,
Feitos de armas grandissimos fazendo;
Enuejoso vereis o gram Mauorte,
Do peito Lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali veram que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE LODE CA

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virà despois a ser senhora,
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altuua, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porà, & a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

Vereis a fortaleza sostentarse,
De Cananor, com pouca força & gente:
E vereis Calecu desbaratarse,
Cidade populosa, & tam potente.
E vereis em Cochim assinalarse,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Cívara ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

53

Nunca com Marte, instruço & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuís Aclias guerras animoso,
O Capitam venceo Romano injusto,
Que dos pouos de Aurora, & do famoso
Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egipcia linda, & nam pudica.

Conio

CANTO SEGUNDO.

Como vereis o mar feruendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sogeita a rica Aureo Cheifonezo,
Ate o longico China n'uegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Occeano obediente.

55
De modo filha minha, que de geito,
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se vera tam forte peito,
Do Gantico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agrauado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de affrontados
Resucitassem todos os passados.

56
Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maria aa terra, porque tenha
Hum pacifico porto, & sossegado,
Pera onde sem receyo a frota venha.
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte Capitam se nam detenha,
Lhe manda mais, q̄ em sonhos lhe mostroisse
A terra, onde quieto reposoisse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

57
Ia pelo ar o Cyleneo voava,
Com as asas nos pés aa terra deço,
Sua vara fatal na mão leuava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas renocava,
Do Inferno, & o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

58

Conigo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande & raro,
Que o nome illustre a hú certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado & caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Corumor famosíssimo, & perclaro.
Ia Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto & modo.

59

Dali pera Mombaça logo parte.

Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço & arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coraçam, astucia, & siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Ceo co a luz alheia,
 Tinham o largo Mundo alumiado,
 E so co sono a gente se recreia.
 O Capitam illustre, ja cansado,
 De vigiar a noite que arreceia,
 Breue repouso entam aos olhos davaa,
 A outra gente a quartos vigiaua.

61

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
 Dizendo , fuge, fuge Lusitano,
 Da cilada que o Rei maluado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,
 Sereno o tempo tens, & o Occeano,
 E outro Rei mais amigo, noutra parte,
 Onde podes seguro agasalharte.

62

Nam tens aqui senão aparelhado,
 O hospicio que o cru Diomedes davaa,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De cauallos a gente que hospedaua:
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hóspedes tristes imolaua.
 Teras certas aqui, se muito esperas,
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaité

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharas de mais verdade,
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

61

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitam, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De húa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Nam se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo s̄prito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assopraua.

62

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento
Dos marinheiros, de húa & de outra banda
Leuam gritando as ancoras acima
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

CANTO SEGUNDO.

Neste tempo, que as ancoras leuauam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortauam,
Por serem dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Linces vigiauam,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentiram,
Voando, & nam remando lhe fogiram.

67

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento, & brando,
Com suave & seguro mouimento,
Nos perigos passados vam fallando,
Que mal se perderám do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em saluo escapa por acerto.

68

Tinha húa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando viram
Ao longe doux nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respiram,
Porque auiam de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas viram.
Hum de temor do mal que a receaua,
Por se saluar a gente aa costa dama.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que fica tam manhoſo:
Mas nas mãos vay cair do Lufitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroſo,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Nam teue resistencia, & se a tiuera
Mais dāo resistindo recebera.

70

E como o Gama muito deſejaffe,
Piloto pera a India que buscaua,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas nam lhe ſoccedeo como cuidaua,
Que nenhum delles ha que lhe inſinaffe
A que parte dos Ceos a India eſtaua.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharam Piloto certo.

71

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo reſpeito.
O Capitam o affella por verdade,
Porque ja lho diſſera deſte geito,
O Cylenéo em ſonhos, & partia,
Pera onde o ſonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

CANTO SEGUNDO.

33

Era no tempo alegre quando entraua,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquetaua,
E Flora derramaua o de Almathea:
A memoria do dia renouaua,
O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
Em que aquelle, a quem tudo està sogeito,
O sello pos a quanto tinha feito.

73

Quando chegaua a frota aaquella parte,
Onde o Reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o Sancto dia:
Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
A cor porpurea ao longe aparecia.
Soão os atambores & pandeiros,
E assi entrauam ledos & guerreiros.

74

Enchese toda a praya Melindana,
De gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana
Que toda a doutra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pesada.
Mandão fora hū dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.
O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
que os peitos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muito que saissem,
Pera que de seus Reinos se seruissem.

76

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, nam dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleixos,
que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que entam na terra ania,
E a vontade aa dadiua excedia,

77

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.

E manda

CANTO TSEGUNDO. 29

Manda mais hum na prática elegante,
que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de nam fair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assio embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

79

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da suma iustiça concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Nam menos delle amado que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

80

Nam somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vāo matando,
Por roubarlhe as fazendas cubicadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado:

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

81
Que geraçam tam dura ahi de gente?

Que barbaro costume, e vfança fea,

Que não vedem os portos, tam somente:

Mas inda o hospicio da deserta area?

Que ma tençam? que peito em nós se sente?

Que de tam pouca gente se arreceia.

Que com laços armados tam fingidos,

Nos ordenasssem vernos destruydos?

82

Mas tu, em quem muy certo confiamos

Acharse mais verdade, ò Rei benigno,

E aquella certa ajuda em ti esperamos,

Que teue o perdido Itaco em Alkino:

A teu porto seguros nauegamos,

Conduzidos do Interprete diuinò:

Que pois a ti nos manda, está muy claro,

Que es de peito sincero, humano, e raro.

83

Enam cuydes, ó Rei, que nam saisse,

O nosso Capitam esclarecido

A verte, ou a seruirte, porque visse,

Ousoso peitasse em ti peito fingido:

Mas saberas que o fez porque comprisse,

O regimento em tudo obedecido,

De seu Rei, que lhe manda que nam saia,

Deixando a frota em nenhu porto, ou praia.

E porque

E porque he de vassalos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Nam quereras, pois tēs de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça,
Em tudo aquillo que elle & os seus pôderem
Em quanto os rios pera o mar correrem.

85

Assi dizia, & todos juntamente,
Hūs com outros em pratica fallando
Louuuam muito o estamago da gente,
Que tantos ceos & mares vai vassando,
E o Rei illustre, o peito obediente,
Dos Portugeses, na alma imaginando:
Tinha por valor grande, & muy subido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

86

E com risonha vista, & ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima
Toda a sospeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, & obras sam de geito,
Pera vos ter o mundo em muita estima.
E quem vos fez molesto tratamento,
Nam pode ter sobido pensamento.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

87
De nam fair em terra toda a gente,
Por obseruar a vsuda preminencia;
Ainda que me pesé estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento nam consente,
Nem eu consentirey que a excellencia,
De peitos tam leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

88

Porem como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos pensamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

89

Isto disse, & nis agoas se escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro;
Co a embaxada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro:
Enchemse os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscavam,
E assi ledos a noite festejauam.

Nam

LACANTO SEGUNDO.

90
Não faltam ali os rayos de artificio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, & as ondas atroando.
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estam queimando,
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
Instrumentos altissonos tangiam.

91
Respondenlhe da terra juntamente,

Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po sulfureo escondido:
Agrita se aleuanta ao Ceo, da gente,
O Mar se via em fogos acendido:
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

92
Mas ja o Ceo inquieto renoluendo,

A gentes incitaua a seu trabalho,
E ja a māy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiāose as sombras lentas de fazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orualho,
Quando o Rei Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

93
Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre ledas,
Luzem da fin i purpura as cabaias,
Luſtram os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias.
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

94

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de sedas de diuerſas cores,
Tras o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores.
Na cabeça húa fota guarneſida,
De ouro, & de seda, & de algodam tecida.

95

Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tíria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada,
Cum resplendor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobreim ouro, & aljofar ao veludo.

Com

96
 Com hum redondo emparo alto de seda,
 Núa alta & dourada astea enxerido,
 Hum ministro aa solar quentura vedá,
 Que nam offenda & queime o Rei sobido:
 Musica tras na proa, estranha & leda,
 De aspero som, horrisimo ao ouuido:
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo:

97

Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Milindano,
 Com lustrosa & honrada companhia,
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano.
 Mas Francesa era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor, que a gente tanto prezava.

98

De botões douro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que Fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibam ajunta, & achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Prima na gorra, hum pouco declinada.

OS LUSTIADAS DE L. DE CAJ

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dão Mürice excellente,
A varia cor, que os olhos alegraua,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o fermo so esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpba filha de Thaumante.

100

Sonorosas trombetas incitauam,
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauam,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horrissonas bramando,
Com as nuuēs de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

101

Ia no batel entrou do Capitam
O Rei, que nos seus braços o leuaua,
Elle co a cortesia, que a razam
(Por ser Rei) requeria, lhe fallaua.
Cūas mostras de espanto, & admiraçam
O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,
Como quem em muy grande estima tinha
Gente que de tam longe à India vinha.

CANTO SEGUNDO.

102
E com grandes palavras lhe offerece,
Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
E que se mantiemento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Dizlhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouvio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley ti reassé guerrà.

103
E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganháram a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viueram:
E com muitas palavras apregoa,
O menos que de Luso mereceram:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

104
O tu que so tiueste piedade
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana,
Aquella alia, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros nam podemos.

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

¹⁰⁵
Tu so de todos quanto queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido & jocundo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria
Viuirão teus louuores em memoria.

¹⁰⁶
Isto dizendo, os barcos vam remando,
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
Vam as naos, húa & húa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam,
Cos anafis os Mouros respondiam.

¹⁰⁷
Mas despois de ser tudo ja notado,
Do generoso Mouro, que passava,
Ouindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto, & ancorado,
Nao a o batel ligeiro que as leuava,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas coufas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitava, perguntando agora,
 Pelas guerras famosas & excellentes,
 Co pouo auidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hispberia ultima, onde mora:
 Agora pelos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

109

Mas antes valeroso Capitam,
 Nos conta, lhe dezia, diligente,
 Da terra tua o clima, & regiam,
 Do mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geraçam,
 E o principio do Reino tam potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

110

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te tras o Mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem criado
 Conta: que agora vem cos aureos freios,
 Os cauallos que o carro marchetado,
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O Vento dorme, o mar & as ondas jazem:

Enam

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menos co tempo se parece,
O desejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha, que por fama nam conhece
As obras Portuguesas singulares:
Nam tanto desuiado resplandece,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Milindanos tem tam rudo peito,
Que nam estimem muito hum grande feito.

152

Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vāo, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
O reino de Plutam horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo;

153

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do fotil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razam ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

Canto Terceiro.



Gora tu Caliope

me ensina,
O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Ass: o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe
Te negue o Amar diuido como soe.

2

Poem tu Nymfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar me Apolo na agoa soberana.
Senam direy, que tes algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Prometros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, despois de hum pouco estar cuidado
Aleuantando o rosto, assi dizia:
Mandasme, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a grande analofia:
Não me manda cantar estranha historiia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tam sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He nam poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & figura,
Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,
 Meta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
 Com suas salsas ondas o Occeano,
 E pela Austral, o Mar Mediterrano.

⁷
 Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Azia se auizinha: mas o Rio
 Que dos montes Rifeios vay correndo,
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:
 Onde agora de Troia triunfante,
 Nam vè mais que a memoria o nauegante:

⁸
 La onde mais debaxo està do Polo,
 Dos montes Hyperboreos aparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome dos sopros, se ennobrecem,
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandecem.
^{Rife} Que a neve està contino pelos montes,
 Geledo o mar, geladas sempre as fontes:

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAR^A

Aqui dos Cytas , grande quantidade

Viuem, que antigamente grande guerra

Tiuera, sobre a humana antiguidade,

Cos que tinham entam a Egipcia terra:

Mas quem tam fora estaua da verdade,

(la que o juyzo humano tanto erra:)

Pera que do mais certo se informara,

Ao campo Damasceno o perguntara.

10

Agora nestas partes se nomea,

A Lapia fria , a inculta Noroega,

Escandinauia Ilha , que se arrea,

Das victorias que Italia nam lhe nega

Aqui, em quanto as agoas nam refreia,

O congelado Inuerno, se nauega.

Hum braço do Sarmatico Occeano,

Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano:

11

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha

Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,

Sarmatas outro tempo, & na montanha

Hircinia, os Marcomanos sam Polonios

Sugeitos ao Imperio de Alemanha,

sam Saxones, Boemios, & Panonios,

E outras varias nações, que o Reno frio

Laha, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

CANTO TERCEIRO.

52

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estam os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope sogeito
Ao Otomano está, que sometida,
Bizancio tem a seu seruiço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

53

Logo de Macedonia estam as gentes,
A quem laua do Axio a agoa fria:
E vos tambem, o terras excellentes,
Nos costumes, engenhos, & ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

54

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,
Onde Antenor ja muros leuantou,
A soberba Veneza está no meio
Das agoas, que tam baxa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptonino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre está ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade;

16

Galia ali se verá, que nomeada,
Cos Cesarios Triumfos foy no mundo,
Que do Sequâna, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se aleuantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, & de prata antam corrêão.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha nam tire o esforço & ousadia,
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

CANTO TERCEIRO.

18
Com Tingitania entesta, & ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido estreito se ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano.
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

19
Temo Tarragones, que se fez claro,
Sojeitando Partenope inquieta,
O Nauarro, as Austria, que reparo
Ia foram, contra a gente Mahometta,
Temo Galego cauto, & o grande & raro
Castelhauo, a quem fezo seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

20
Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,
E onde Febo repousa no Occeano:
Este quis o Ceo justo, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitandoo de si fora, & la na ardente
Africa estar quieto o nam consente.

E Esta he

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

22
Esta he a ditoria patria minha amada,

Aa qual se o Ceo me da , que eu sem perigo
Torne, com esta empreza ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.

Esta foy Lusitania diriuada,

De Luso, ou Lysa , que de Baco antigo,
Filhos foram parece, ou companheiros,
Enella entam os Incolas primeiros.

23
Desta o Pastor nisceo, que no seu nome

Se vè , que de homem forte os feitos teue,

Cuja fama , ninguem virá que dome,

Pois a grande de Roma nam se atreue:

Esta, o velho que os filhos proprios come,

Por decreto, do Ceo ligeiro, & leue,

Veo a fazer no mundo tanta parte,

Criando a Reino illustre , & foi desta arte.

24

Hum Rei, por nome Affonso , foy na Espanha

Que fez aos Sarracenos tanta guerra,

Que por armas sanguinas, força & manhas

Amuytos fez perder a vida, & a terra:

Voando deste Rei a fama estranha,

Do Herculano Calpe aa Caspia serra,

Muitos pera na guerra esclarecerse,

Vinham a elle, & aa morte offerecerse:

E com

CANTO TERCEIRO

24
E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios larens
Despois que em feitos altos & subidos,
Se mostraraa nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras taes,
Leuasssem premio digno, & dões iguaes.

25

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimendo,
Portugal ouue em sorte, que no mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal damor profundo,
Quis o Rei Castelhano, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

26

Este despois que contra os descendentes,
Da escraua Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue
Hum filho, que illusirasse o nome vfang
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

27
Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerosolim i sagrada,
E do lorde is a area tinha visto,
Que vio de Deos a carne em sua uada,
Que nam ten lo Gotfredo a quem resistiu,
Depois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram.

28

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O spírito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.

29

Mas o velho rumor, nam sey se errado,
Que em tanta antiguidade nam ha certeza,
Conta que a māy tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, nem se despreza;
O filho orfio deixaua deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo; so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

CANTO TERCEIRO.

43

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamaua, do Auò tomando o nome,
Vendose em suas terias nam ter parte,
Que a māy cō seu marido as māda & come,
Feruendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Reuoluidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

31

De Guimaraes o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a māy que tam pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, & a terra
Co elle posta em campo ja se via,
E nam ve a soberba, o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era o mayor.

32

O Progne crua, o magica Medea,
Se em vssos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pai, da culpa alheia,
Olhai que inida Terfa peca mais:
Incontinencia ma, cubica fea,
Sam as causas deste erro principais.
Scilla por húa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho v y.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe cloro, o vencimento,
Do padrao e da inica māy leuaua,
Ja lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua:
Porem vencido de lrão entendimento,
A māy em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve
Tanta veneraçam aos pais se deue.

34

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nem hum trabalho agraua, ou pesa:
Em trabalho cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa
Nam so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

35

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimaraes està cercado,
De infinito poder, que destia sorte,
Foy refazerse o immigo magoado:
Mas com se offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estaua mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,
 Que seu senhor nam tinha resistencia,
 Se vay ao Castelhano, prometendo,
 Que elle faria darlhe obedien.ia.
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa, & consciencia
 De Egas Moniz: mas nam consente o peito
 Do moço illustre, a outrem ser sogerto.

37

Chegado einha o prazo prometido,
 Em que o Rei Castelhano ji aquardaua,
 Que o Principe a seu mando sometido,
 Lhe desse a obediencia que esperaua.
 Vendo Egas, que fiaua fementido,
 O que delle Castella nam cui dava,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palaura mal comprida.

38

E com seus filhos & molher se parte,
 A aleuantar co elles a fiança,
 Descalços, & despidos, de tal arte,
 Que mais moue a piedade que a vingança.
 Se pretendes Rei alto de vingarte,
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis aqui venho offerecido,
 A te pagar co a vida o prometido.

OS LUSIADAS DE E. DE CA.

39

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dós filhos sem peccado, & da conforte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dós fracos satisfiz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,
Nellas fos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

110

Quil diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a piedade.

111

O grão fidelidade Portuguesa,
De vassallo que a tanto se obrigaua,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizen lo suspiraua,
Que mais o seu Zopiro são prezara,
Que vinte Babilonias que comara.

Mas

¹¹²
Mas ja o Principe Affonso aparelhaui,
O Lusitani exercito durosso,
Contra o Mouro que as terras habitaua,
Dalem do claro Tejo deleitoso:
Ia no campo de Ourique se assentaua,
O arraial soberbo, & belicoso:
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força & gente tam pequeno.

113

Em nenhā outra cousa confiado,
Senam no summo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o pouo bautizado,
Que pera hum so cem Mouros aueria:
Iulga qualquer juyz, fossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

114

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a fermosa & forte Dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudaram
E as que o Termodonte ja gostaram.

A matutina

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do Polo ja apartaua,
Quando na cruz o filho de Maria,
Amostrando se a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fè todo inflamado offi gritaua.
Aos infieis Senhor, aos infieis,
Enam amy que creio o que podeis.

116

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantaquam,
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amauam:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauam:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.

117

Qual cos gritos e vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Ouro remete, que fiado
Na forja está da cornu temuroso:
Ora pega na velha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que foço so,
Até que em fim rompeudo lhe a garganta,
Do brano a força horrenda se quebranta.

Tal

CANTO TERCEIRO.

48
Taldo Rei nouo, o eslamago acendido,
Por Deos, & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente,
Leuantam nisto os perros o lari lo
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas soão,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

49
Bem como quando a flama que ateada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se ateá,
Recolhe o fato, & foge pera a aldea.

50
Desta vrte o Mouro atonito & toruado,
Toma sem tento as armas muy de pressa
Nam foge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.
Hus caem meios mortos, & outros vão
A ajuda connuocando do Alcorão.

OS LUSIADAS DE L. DEACA.

Ali se vêm encontros temerosos,
Pera se desfazer húa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes Je dão medonhos & forçosos,
Por toda a parte andava acisso a guerra:
Mas o de Luso, armes, couraça & malha,
Rompe, corsa, desfaz, abola & talha.

Cabeças pelo campo vam saltando,
Bracos, pernas, sem dono & sem sentido,
E douiros as entradas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido,
Ia perde o campo o exercito nefundo
Correm rios de sangue desparzido
Com que também do campo a cor se perde,
Tornando carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos & fresa rica,
Desbaratado & ruivo Mairo H. Spano,
Tres dias o gran Reino campo fica:
Aqui pinta no branco esudo yfano,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em final destes cinco Reis ven. idos.

E nestes

CANTO TERCEIRO.

47

54
E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues que em cruz pintando veio.

55

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram victoria, o Rei sobido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sojugada
Foy juntamente: & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam sereno.

56

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
Enas serras da Lúa conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tu nobre Lixboa,⁵⁷ que no Mundo,
Facilmente das outras es príncesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acefa:
Tua quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa:
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

58

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tençam sanda e rão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos:
Cuja alta fama antam subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlysseos.

59

Cinco vezes a Lúa se escondéra,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendéra,
Ao duro cerco, que ll e estava posto.
Foy a batalha tam sanguina & fira,
Quanto obrigava o firme presuposto:
De vencedores asperos, & oufados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desta

CANTO TERCEIRO.

60

Desta arte em sim tomada se rendeo,
Aquelle que nos tempos ja passados
A grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados,
E em sim co Betis tanto algum podèram,
Que aa terra de Vandalia nome dèram.

61

Que cidade tam forte , por ventura
Auera que resista , se Lisboa
Nam pode resistir aa força dura
Da gente , cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer , por onde soa
O tom das frecas agoas, entre as pedras,
Que murmurando laua, & Torres vedras.

62

E vos tambem, o terras transtaganas,
Affamidas co dom da flaua Ceres,
Obedeveis aas forças mais que humanas,
Entregandolhe os muros & os poderes.
E tu laurador Mouro , que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas
E Alcaçare do sal , estam rendidas.

Eis

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argenta,
Vem sostentar de longo a terra & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Mos ares se aleuantam nobremente.
Obedeceo, por meio & ousadia
De Giraldo, que medos nam temia.

61

Ja na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancoso destruida;
Affonso que nam sabe fessegar,
Per estender co a fama a curta vida:
Nam selhe pode muito sostentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a corja viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

62

Com estas sujugada foy Polmella,
E a piscoxa Cizimbra, & juntamente
Sendo ajudado mais de sua estrella
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pela fralda da serra descnydado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

66
 O Rei de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cauallos furiosos,
 Innumerous pões, darmas & de ouro
 Guarneidos, querreiros & lustrosos:
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
 Cos ciumes da vaca, arrecofoso,
 Sentido gente o bruto & cego amante
 Saltea o descuadado caminhante.

67

Desta arte Affonso subito mostrado
 Na gente da, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba dinodado,
 Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,
 Dum Panico terror todo asombrado,
 So de seguillo o exercito procura.
 Sendo estes que fizeram tanto aballo,
 Nomais que so sesenta de cauallo.

68

Logo segue a victoria sem tardança,
 O gran Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja vinda
 Era andar sempre terras conquistando,
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço & arte, & valentia,
 Que a faz fazer as outras companhias.

G

Mas

OS LV.SIADAS DE L DECA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o merece,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que bomem nam conhece
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece.
Agora lhe nam deixa ter defesa,
Da maldigam da may que estaua presa.

70
Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Lião sendo, & nam dos Portugueses:
A pertinacia aquilhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,
Aa batalha onde foy vencido & preso.

71
O famoso pompeyo nam te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, & a linha ardente,
Temessimo o teu nome geralmente.

Posto

Posto que arica Arabia, & que os feroces
 Eniocos, & Colcos, cuja fama
 O veo dourado estende: & os Capadoces,
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,
 E que o molles Sofenes, & os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama,
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte
 Esta noutra mais alto & sancto Monte.

73

E poslo em fim que desdo mar de Atlante,
 Ate o Scitico T auro, monte erguido
 La vencedor te vissem, nam te espante
 Se o campo Emathio so te vio vencido,
 Porque Affonso veras soberbo & ouante
 Tudo render, & ser despois rendido.
 Assi o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

74

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do diuino juizo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente,
 Em vao dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do Martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido
 A cidade Vlyssea foy trazido.

O S L V S T A D A S D E L D E C A

75
Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que as terras se passasse dalentejo,
Com gente, & co belizero aparelho:
Sancho, desforço & dâmino sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho,
O rio que Sevilha vay regando,
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

76
E com esta victoria cobiçoso,
La nam descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Nam tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

77
Ia se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o Ceo:
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tingi que assento foy de Anteo.
O morador de Abila nam se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

CANTO TERCEIRO.

78
Entraua com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal,
Treze Reis mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem nam lhe soccede muito bem.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Nam lhe aproueita jatrabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, nam perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prouè com animo & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço & resistēcia

80

Mas o velho a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos ao sosiego,
Estando na cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que nam perde a prestez a coa idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CAMOENSES

81
E co a famosa gente à guerra vſada,
Vay socorrer a filho, & aſſi ajuntados,
A Portuguesa furi & costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presarica,
De seus senhores mārtos chea fica:

82
Logo todo o restante se partio,
De Lusitania, poſtos em fugida,
O Miralmomini ſo nam fogio,
Porque antes de fogir lhe foge a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louuores & graças ſem medida:
Que em caſos tam eſtranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

83
De tamanhas victorias triunfaua,
O velho Affonso, Principe ſobido,
Quando quem tudo em fim vencēdo andaua,
Da larga, & muita idade foy vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pigārāo ſeus annos deste geito,
Aa triste Libitina ſeu dereito.

Os altos

A CANTO TERCEIRO

34
Os altos promontorios o chorarão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão:

35
Sancho forte mancebo, que ficará
Imitando seu pay na valontia,
E que em sua vida ja se exprimirão,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára,
Do Ismaelite Rei de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercarão
Os golpes de seu braço em si prouarão.

36
Despois que foy por Rei aleuantado,
Auendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro lauraua:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada que passaua:
De armas fortes & gente apercebida,
A recobrar Iudea ja perdida.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

87
Passauam a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo padecio,
Quando Guido co a gente em sede acefa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauam,
As agoas que os de guido desejauam.

88

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, aaquelle parle
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Ta que em seruico vay, do sancto Marte
Assi como a seu pay acontecera,
Quando tomou Lixboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue e doma.

89

E se tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay tambem do forte
Liones, nam consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mauorte:
Ate que na ceruiz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma forte,
Vio ter a muitas villas suas vizinhas
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mao

CANTO TERCEIRO.

90
Mas entre tantas palmas saltado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Reiterceir
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcacere do sal por derradeiro:
Porque dantes os Mouros o tomáram,
Mas agora estruidos o pagaram.

91
Morto despois Affonso lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quē mandaua era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causa dos priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios cōsentia.

92
Nam era Sancho nam tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrendo incesto,
Com a māy Agripina cometia:
Nem tam cruel aas gentes & molesto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foi Helio gabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

Nem

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiuo, & consumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei nam obedece, nem consente,
Que nam for mais que tudo excellente.

94

Por esta causa o Reino gouernou,
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Nam cabe o altiuo peito tam pequeno.

95

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recuperado braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a naçam forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis

CANTO TERCEIRO.

37

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
Com quem a fama gran le se escurece,
Da liberdade Alexandrina.
Coeste o Reino prospero florece,
(Alcançada ja a paz aurea diuina)
Em constituições, leis & costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.

97

Fez primeiro em Coimbra exercitarse,
O valeroso officio de Minerua,
E de Helicona as Musas fez passar se,
Apesar de Mondego a fertil erua:
Quanto pode de Athenas desejar se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas da tecidas de ouro,
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

98

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte & excellente!

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme & sereno,
Porque nam he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porem quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

100

Nunca com Semirâmis, gente tanta
Veio os campos Idaôpicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamando se de Deos açoute horrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiu de Granada
Foy nos campos Tartêsios ajuntada.

101

E vendo o Rei sublime Castelhano,
A força inexpugnabil, grande & forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Ja perdido húa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a caríssima consorte,
Molher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entraue

CANTO TERCEIRO:

53

Entraua a fermosissima Maria,
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto: mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados,
Os cabellos Angelicos trazia,
Pelos heburneos hombros espalhados:
Diante do pay ledo, que a agasalha,
Estas palauras tais chorando espalha.

503

Quantos pouos a terra produzio
De Africa toda gente fera & estranha,
O gram Rei de Marrocos conluzio
Pera vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamанho junto nam se vio,
Despois que o falso Mar a terra banha:
Trazem ferocidade, & furor tanto,
Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

504

Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe està, da Maura espada,
E se nam for contigo socorrido,
Verme as delle & do Reino ser priuada,
Viuua & triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
Portanto

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Portanto, ô Rei, de quem com puro medo,

O corrente Muluca se congella,

Rompe toda a tardança, acude cedo,

Aa miseranda gente de Castella.

Se esse gesto que mostras claro & ledo,

Diz pay o verdadeiro amor assella:

Acude & corre pay, que se nam corres,

Pode ser que nam aches quem socores.

106

Não de outra sorte a timida Maria

Fallando está, que a triste Venus, quando

A Iupiter seu pay fauor pedia,

Pera Eneas seu filho, nauegando

Que a tanta piedade o comouia,

Que caido das mãos o rayo infando.

Tudo o clemente Padre lhe concede,

Pesandolhe do pouco que lhe pede.

107

Mas ja cos esquadões da gente armada,

Os Eborense campos vão qualhados,

Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,

Vam rinchando os cauallos jaezados:

A canora trombeta embandeirada

Os corações aa paz acostumados:

Vay ás fulgentes armas incitando

Pelas concuidades retumbando.

Entre

CANTO TERCEIRO.

56

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aleuantado,
E somente co gesto esforça & anima,
A qualquer coraçam amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

509
Iuntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estam defronte
Da grande multidam da cega gente,
Pera quem sam pequenos campo & monte.
Nam ha peito tam alto & tam potente,
Que de desconfiança nam se afronte
Em quanto nam conheça, & cliro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

510
Estam de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, ante o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Estão o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta & nua,
Aa nobre terra alheia chamam sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,

Do Rei Saul, com causa tam temido,

Vendo o Pastor inerme estar diante,

So de pedras & esforço apercebido,

Com palavras soberbas & arrogante,

Despreza o fraco moço mal vestido:

Que rodeando a funda o desengana,

Quanto mais pode a Fé que a força humana:

112

Desta arte o Mouro perfido despreza

O poder dos Christãos, & nam entende,

Que está ajudado da alta fortaleza,

A quem o Inferno horrifico se rende.

Coelli o Castelhano, & com destreza

De Marrocos o Rei comete & offende.

O Portugues que tudo iestima em nada,

Se faz temer ao Reino de Granada.

113

Eis as lanças & espadas reteniam,

Por cima das armess, brauo estrago,

Chamão (segundo as leis que ali seguiam,) 114

Hus Mafamede, & os outros Sanctiago,

Os feridos com gritao Ceo feriam,

Fazendo de seu sangue bruto ligo,

Onde outros meios mortos se afogauam,

Quando do ferro as vidas escapauam.

Com

114
 Com esforço tamанho eſtrue eſ mata,
 O Luso ao Granadil, que em pouco eſpaço,
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
 De alcançar tal victoria tam barata,
 Inda nam bem contente o forte braço,
 Vay ajudar ao brauo Castelhano,
 Que pelejando eſta co Mauritano.

115
 Ia ſe hia o Sol ardente recolhendo,
 Pera a caſa de Thetis, eſ incliado,
 Pera o Ponente o vesp̄ero trazendo,
 Eſtava o claro dia memorado,
 Quādo o poder do Mauro grande eſ horrēdo
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,
 Com tanta mortindade, que a memoria,
 Nunca no mundo vio tam gram victoria.

116
 Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morreram neſte vencimento,
 Quando as agoas co sangue do aduersario
 Fez beber ao exercito ſedento,
 Nemo Peno aſperíſſimo contrario,
 Do Romano poder de nascimento:
 Quando tantos matou da illufbre Roma,
 Que alqueires tres de aneis dos mortos tōma.

OS LUSIADAS DE L DE CA.

157
E se tu tantas almas fo podesse,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permissam & vingança foy celeste,
Enam força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois de IESV certificado.

158

Passada esta tam prospéra victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino da memória,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Acontece o da misera, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

159

Tu so, tu puro amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste cansa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com ligrimas tristes se mitiga:
E por que queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano?

Estauas

CANTO TERCEIRO

120
Estauas linda Inês posta em soego
De teus annos, colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledo & cego,
Que a fortuna nam deixa durar muito,
Nós faudos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinando, & às eruinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

121
Do teu Principe ali te respondiam,
As lembranças que na alma lhe merauão,
Que sempre ante seus olhos te trazi...m,
Quando dos teus fermosos se apartauão
Denoite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voauão.
E quanto em fim cuidava, & quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

122
De outras bellas senhoras, & Princesas,
Os desejados tálamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suave te sogeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do povo & a fantasia
Do filho, que casar se nam queria.

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

123
Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue so da morte indina,
Matar do fir me amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse aleuantada,
Contra hua fraca dama delicada

124
Traziam aos horrificos algozes,
Ante o Rei, ja mouido a piedade:
Mas o pouo com falsas, & ferozes
Razões, aa morte crua o persuade:
Ella com tristes & piadosas vozes,
Saídas so da magoa, & siudade
Do seu Principe, & filhos que deixaua
Que mais que a propria morte a magoaua.

125
Pera o Ceo cristalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piadosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estaua atando,
Hum dos duros ministros rigurosos:
E despois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,
Cuja orfindade como māy temia,
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

A CANTO TERCEIRO.

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
Enas aues agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas criauças vio a gente,
Terem tam piado so sentimento,
Como co a māy de Nino ja mostrārāo,
E cos irmāos que Ron.a edificaram.

527
O tu que tēs de humano o gesto & o peito,
(Se de humano he, matar hūa donzella
Fraca & sem força, só por ter subjeito
Ocoraçam, a quem soube vencella.)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o nam tēs a amorte escura della,
Mouate a piedade sua & minha,
Pois te nam moue a culpa que nam tinha.

528
E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdella nam fez erro:
Mas se to assi merece esta inocencia,
Poem me em perpetuo & misero desterro,
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

129
Poemme onde se vse toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos nam acheyz.
Ali co amor intrinseco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas riliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da māy triste.

130
Queria perdoarlhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe nam perdoão;
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra hūa dama, o peitos carniceiros
Feros vos mostrais, & caualleiros.

131
Qual contra a linda moça Policena,
Confolaçam extrema da māy velha,
Porque a sombra de Achiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, & mansa ouelha)
Na misera māy postos, que endoudece
Ao duro sacrificio se offerece.

Tais

A CANTO TERCEIRO: 132

Tais contra Inès os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha:
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauam, feruidos & yrofós,
No futuro castigo nam cidosos.

133
Bem poderas, ô Sol, da vista destes
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da sua mesa de Tyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia:
Vos, ô concauos valles que podestes,
A voz extrema ouuir da boca fria
O nome do seu Pedro que ouuisdes,
Por muito grande espaço repetistes.

134
Assí como a bonina que cortada,
Antes do tempo foy, candida & bella,
Sendo das mãos laciuas mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
Tal está morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca & viua cor, co a doce vida:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As filhas do Mondego, à morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que in la dura,
Dos amores de Ines que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas fama agoa, & o nome amores.

136

Não corre o muito tempo que a vingança
Nam visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reino a gouernança,
A tomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruißimo os alcançá,
Que ambos immigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

137

Este castigador foy reguroso,
De latrocínios, mortes & adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
Eram os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justíçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

Do justo

CANTO TERCEIRO

Do justo & duro Pedro nasce o brando

(Vede da natureza o desconserto)

Remisso, & sem cuidado algum Fernando,

Que todo o Reino pos em muito aperto

Que vindo o Castelhano deuastando

As terras sem defesa, esteue perto

De destruirse o Reino totalmente,

Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente

Ou foy castigo claro do peccado,

De tirar Lianor a seu marido,

E casarse com ella de enleuado,

Num falso parecer mal entendido:

Ou foy que o coraçam sogeito, & dado

Ao vicio vil, de quem se vio rendido,

Molle se fez, & fraco, & bem parece

Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiueram sempre a pena

Muitos, que Deos o quis, & permitio:

Os que foram roubar a bella Elena,

E com Apio tambem Tarquino o vio:

Pois por quem Dauid Sanctio se condena?

Ou quem o Tribo illustre destruiu

De Benjamin? bem claro nolo insina,

Por Sarra Faraõ, Schem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

E poisse os peitos fortes enfraqueçê
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andava transformado,
De Marco Antonio a fama se escureçê,
Com ser tanto a Cleopatra affeçoadô:
Tu tambem Peno prospero o sentiste,
Despois que húa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurarse por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a neue humana pura,
O ouro, & o labastro transparente
Quem de húa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coraçam conuerte que tem preso,
Em pedra nam: mas em desejo aceço.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando
Húa suave & Angelica exelencia,
Que em si està sempre as almas trâformado
Que tiuesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experiençia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muito mais culpada o julgarla.

Fim.

arribas 1000 vols mazurkis offi 100
mazurkis 1000 vols mazurkis offi 100

mazurkis 1000 vols mazurkis offi 100

Canto Quarto.



Espois de procello

sa tempestade,

Nocturna sombra, & sibilante

vento,

Traz a manhaã serena claridade,

Esperanca de porto, & saluamento:

Aparta o Sol a negra escuridade,

Remouendo o temor ao pensamento:

Assi no Reino forte aconteceo,

Despois que o Rei Fernando falleceo.

2

Por que se muito os nossos desejaraõ,

Quem os danos & offensas va vingando,

Naquelles que tambem se apropriaõ,

Do descuido remisso de Fernando,

Despois de pouco tempo o alcançaraõ,

Ioanne sempre illustre aleuantando

Por Rei, como de Pedro unico erdeiro

(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

OS IVSIADAS DE I. DE CA

Ser isto ordenaçam dos ceos diuina,
Por finais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de húa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, polo Reino ou Dom Ioão,

Alteradas entam do Reino as gentes,
Co odio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas & euidentes
Faz do povo o furor por onde vinha,
Matando vāo amigos & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia desonesto
Mais (despois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre:
Quem como Assianas precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podense

CANTO QVARTO.

71

Podense por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrin,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano esti, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida famalho concede.
Com esta voz castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao pay succede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões & varias terras.

8

Vem de toda a prouincia que de hum brigo,
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras que Fernando, & que Rodrigo
Ganharam do tirano & Mauro estado:
Nam estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros foinas armas excellente.

Os

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauam
A nobre Ilha tambem se apercebria,
Que antigamente os Tirios habitauam
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas colunas nas bandeiras.

10

Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suave & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
A aquelles, cujos golpes ja prouastes.

11

Tambem mouem da guerra as negras furias
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou delle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioannes

Ioanne, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Sansam Hebreo da quedelha;
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,
 E nam por que conselho lhe falece,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas so por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos differenças;

53.

Nam falta com razões quem desconserte,
 Da opiniam de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada & ma deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 que a propria & natural fidelidade
 Negão o Rei & a patria, & se conuem
 Negaram (como Pedro) o Deos que tem.

111

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte dom Nuno aluarez: mas antes
 Posto que em seus Irmãos tam claro o visse,
 Reprouando as vontades inconstantes:
 A aquellas duuidosas gentes disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado, & nam facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,

Ha de auer quem refuse o patrio Marte?

Como, desta prouincia que princesa

Foy das gentes na guerra em toda parte,

Ha de sair quem negue ter defesa,

Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte

De Portugues, & por nenhum respeito

O proprio Reino queira ver sogeito.

16

Como, nam sois vosinda os descendentes

Daquelles, que debaixo da bandeira,

Do grande Enriquez, feros & valentes

Vencestes esta gente tam guerreira?

Quando tantas bandeiras, tantas gentes

Poheram em fugida, de maneira,

Que sete illustres Condes lhe trouxeram

Presos, afora a presa que tueram?

17

Com quem foram contino sopeados

Estes, de quem o estais agora vos,

Por Dmns & seu filho, sublimados

Se nam cos vossos fortes pais & anôs?

Pois se com seus descuidos, ou peccados,

Fernando em tal fraqueza assi vos pos,

Torne vos vossas forças o Reino nouo,

Se he certo que co Rei se muda o povo.

Rci

CANTO QUARTO.

Rei tendes tal, que se o valor tuerdes
Igual ao Rei que agora aleuantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem ja desbaratastes:
E se com isto em fim vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay as mãos a vosso vāo receio,
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

19

Eu so com meus vassalos, & com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, & infesta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da patria mestra,
Da lealdade ja por vos negada,
Vencerey (nam so estes aduersarios.)
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

20

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias sos de Canas,
Ja pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Affricanas;
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, nam deixarām em quanto a vida
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I

Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CAXIAS

Destarte a gente força, & e força Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Remouem o temor frio importuno,
Que gelidos lhe tinha os corações:
Nos animais caualgam de Neptuno,
Brandindo & volteando arremessoēs,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Viu a famoso Rei que nos liberta.

22

Das gentes populares, hūs aprouam
A guerra com que a patria se Joséinha,
Hūs as armas alimpão & renouam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capaçetes estofam, peitos prouão,
Armas e cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras & tenções de seus amores.

23

Com toda esta lustrofa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto
Com que passaua Xerces o Helesponto:

Dom

²⁴
Dom Nuno Aluarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o forte Huno o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala dereita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

25

E da outra ala que a esta corresponde,
Antão Vazquez de Almada he Capitão,
Que despois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a festra mão,
Logo não retagoarda não se esconde,
Das quinas & castellos o pendão,
Com Ioanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vay de Marte.

26

Estauam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas
Prometendo jejús, & romarias:
Ia chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

27
Respondem as trombetas mensageiras,

Pifaros sibilantes, & atambores,

Alferezes volteam as bandeiras

Que variadas sam de muitas cores:

Era no seco tempo, que nas eiras

Ceres o fructo deixa aos lauradores,

Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,

Baco das vuas tira o doce mosto.

28

Deu sinal a trombeta Castelhana,

Horrendo, fero, ingente, & temeroso,

Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,

A tras tornou as ondas de medroso:

Ouuiu o Douro, & a terra transtagana,

Correo ao mar o Tejo duuidoso:

E as mais que o som terrible escuitarão,

Aos peitos os filhinhos apertarão.

29

Quantos rostos ali se vem sem cor,

Que ao coração acode o sangue amigo,

Que nos perigos grandes, o temor,

He maior muitas vezes que o perigo,

E se o não he, pareceo, que o furor

De offendre, ou vencer o duro inimigo,

Faz não sentir, que he perda grande & rara

Dos membros corporais da vida cara.

Começase

ACANTO QUARTO.

Começase a trauar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hus leua a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, & encontra, & a terra ē sim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

31

Ja pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão;
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os vales soão:
Espedação se as lanças, & as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo ciroão.
Recre, em os inimigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.

32

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(caso feo & cruel:) mas nam se espanta,
que menos he querer matar o yrmão,
quem contra o Rei & a patria se aleuanta:
Dostes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadraõ, que se adianta
Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
guas nas guerras Civis de Iulio Magno.

13

088

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

33
O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coracão, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano,
Receberdes grauissimos castigos,
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algústredores ouue algúas vezes.

34
Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vêm:
Esta ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo lião,
Que cercado se ve dos caualleiros,
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle iroso
Toruado hū pouco está, mas nam medroso.

35
Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yrão não lhe compadecem
Que as costas dè, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualleiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algú dos seus, que o animo valente,
Perde a virtude contra tanta gente.

³⁶
Sentio Ioane a afronta que passava
Nuno, que como fabio capitam,
Tudo corria, & via, & a todos dava,
Com presençā & palavras coraçam;
Qual parida Lioa, fera & braua,
Que os filhos que no ninho sos estam
Sentio, que em quanto pasto lhe buscará.
O pastor de Maſilia lhos furtara.

37

Corre raiosa, & freme, & com bramidos,
Os montes sete Irmãos atroa & abala,
Tal Ioanne com outros escolhidos
Dos seus correndo acode aa primeira alga:
O fortes companheiros, o subidos
Caualleiros, a quem nenhum se ygoala,
Defendey vossas terras que a esperança
Da liberdade, està na vossa lança.

38

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
Que entre as lanças & setas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeiro:
Pelejay verdadeiros Pereugueses:
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopeando a lança quatro vezes,
Com força tira & deste vñico tiro
Muitos lançarão o vñimo sospiro.

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

99
Porque eis os seus acefós nouamente

Dhúa nobre vergonha & honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerá, do Marcio jogo
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assi recebem junto, & dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.

10

A muitos mandam ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua,
O Mestre morre ali de Sanctiago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

11

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passam destê mundo:
E porque mais aqui se amanse & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana,
Foy derribada os pés da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encruece,
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,
 A multidão da gente que perece,
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dam & as vidas : ja falece
 O furor, & sobejam as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vee, & de seu proposito mudado.

113

O campo vay deixando ao vencedor,
 Contente de lhe nam deixar a vida,
 Seguemno os que ficaram, & o temor
 Lhe da nam pès , mas asas aa fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despandida,
 Da magoa, da desonra , & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

114

Algūs vāo maldizendo & blasfemando
 Do primeiro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vāo culpando
 Do peito cobiçoso & sitibundo:
 Que por tomar o alheo , o miserando
 Pouo auentura aas penas do profundo,
 Deixando tantas māis, tantas esposas
 Sem filhos , sem maridos desditosas.

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

115
O vencedor Ioanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande gloria
Com offertas despois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria;
Mas Nuno que nam quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senam por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.

116

Ajudao seu destino de maneira:

Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo & o vencimento:
Ja de Siuilha a Betica bandeira,
E de Varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pés sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

117

Destas & outras victorias longamente,

Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente,
Dar os Reis ministros por maridos,
Aas duas Illustriſſimas Ingleſas,
Gentis, fermosas, inclitas princesas.

Nam

CANTO QUARTO.

48
Não soffre o peito forte usado aa guerra
Nam ter imigo ja a quem faça dano,
E assinam tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aues polo argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamento,
De Ceita toma, & o torpe Mahometo
Deita fora, & segura toda Espanha
Da Iuliana, má, & desleal manha.

50

Nam consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam dito so se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita geração, altos Infantes.

Não

OS LVSIA DAS DE L. DE CA.

51
Não soy do Rey Duarte tam dito so,
O tempo que ficou na summa alegria,
Que assi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, & neste Rey
Nam usou ella tanto desta ley.

52

Vio ser captiuo o sancto yrmão Fernando:
Que a tam altas empresas aspiraua,
Que por saluar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
Só por amor da patria está passando
A vida de senhor a feita escrava,
Por nam se dar por elle a forte Ceifa
Mais o pubrico bem que o seu respeito.

53

Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria nam perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espanha nam temesse
A capiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido per espanto,
Nem os Decios leais fizeram tanto.

Mas

CANTO QUARTO.

Mas Affonso do Reino vñico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em noſſa Hesperie
Que a soberba do barbaro fronteiro,
Tornou em baxa & humilima miseria,
Fora por certo inuiçao caualleiro,
Se nam quisera yr ver a terra Iberias
Mas Afrika dira ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

55

Este pode colher as maçãs de ouro,
Que fomente o Terintio colher pode,
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
A ceruiz inda agora nam sacode:
Na fronte a palma leua, & o verde louro,
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcaçer forte villa,
Tangere populoſo, & adura Arzilla.

56

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaxarão de Diamante,
Aas Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto acham diante,
Marauilhas em armas estremadas,
E de escriptura dinas elegante,
Fizeram caualleiros nesta empreſa
Mais, affinando a fama Portuguesa.

Porem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem despois tocado de ambiçam,
E gloria de mandar amara e bella;
Vay cometer Fernando de Aragam,
Sabre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multidam,
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

58

Nam quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo Ioanne, e logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que entam lhe foy ajuda não pequena,
Saiose em fim do trançe perigoso,
Com fronte nam toruada mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidooso o vencimento.

59

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram
Nos Philipicos campos se vingaram.

Porem

CANTO QUARTO.

Porem despois que a escura noite eterna,
Afonjo aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entam gouerna,
Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
Este por auer fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passaram
Espanha, França, Italia celebrada,
E la no illustre porto se embarcaram,
Onde ja foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostraram,
Fazendo a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegam,
Vão se aas praias de Rodes arenosas,
E dali aas ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno sam famosas:
Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
Das enchentes Niloticas vndosas,
Sobem aa Ethiopia, sobre Egipro,
Que de Christo la guarda o sancto rito.

OS LVSAI DAS DE L. DE CA.

63
Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome errou;
As costas odoriferas Sabeas,
Que a māy do bello Adonis tanto honrou
Cercão , com toda a Arabia descuberta
Feliz , deixando a Petrea , & a Deserta.

64
Entram no estreito Persico , onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vāo em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historiā,
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde nam se atreueo passar Trajano

65
Virão gentes incognitas , & estranhas
Da India , da Carmania , & Gedrosia ,
Vendo varios costumes , varias manhas
Que cada Região produze & cria ,
Mas de vias tam asperas , tamanhas
Tornarse facilmente nam podia ,
La morreram em fim , & la ficaram ,
Que aa desejada patria nam tornaram .

CANTO QUARTO.

Parece que guardava o claro Ceu
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empreza tam ardua, que o moueo,
A subidos & illustres mouimentos:
(Manoel, que a Ioanne soccedeo
No reino, & nos altiuos pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigaçam, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Nam deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas que jaem
A repouso conuidão, quando caem.

68

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas sam,
Reuoluendo contino no conceito
De seu officio, & sangue a obrigaçam,
Os olhos lhe occupou o sonno aceito,
Sem lhe desoccupar o coraçam:
Porque tanto que lasso se adormece
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui se lhe apresenta que subia
Tam alto que tocaua aa prima Esphera
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha, & fera:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos longinquos & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.

70

Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte seluatico habitauam,
Mil aruores syluestres & eruas varias
O passo & o irato aas gentes atalhauam:
Estas duras montanhas aduersarias,
De mais conuersacam, por si mostrauane
Que desque Alão peccou aos nossos annos
Nam as romperão nunca pés humanos.

71

Das agoas se lhe antelha que saião
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrida
A barba hirsuta, intonsa, mas comprido,

Dambos

CANTO QUARTO.

54

Dambos de dous à fronte coroada
72
Ramos nam conhecidos, & eruas linha,
Hum delles a presença tras cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impeto alterada
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa,
Vay buscar os abraços de Aretusa.

73

Este que era o mais graue na pessoa
Deslarte pera o Rey de longe brada,
O tu a cujos reinos & coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nos outros, cuja fama tanto voa
Cuja ceruiz bem nunca foy domado,
Te auisamos que he tempo que ja mandes
A receber de nos tributos grandes.

74

Eu sou o illusbre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, que nessa serra
Que vés, seu nacimento tem primeiro:
Custartemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com nam vistas victorias, sem receyo,
A quantas gentes vés poras o freyo.

OS LUSIAS DAS DE L. DE CA

Não disse mais o rio Illustre & sancto,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo espanto
E grande alteraçam de pensamento:
Estendeo nisto Febo o claro manto:
Pello escuro Emisperio somolento:
Veyo a menham no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa & roxas flores.

76

Chama o Rei os sonhores a conselho,
E propoem lhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiraçam:
Determinam o nautico aparelho,
Pera que com sublime coraçam
Vaa a gente que mandar cortando os mares,
A buscar nouos climas, nouos ares.

77

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se posesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coraçam me prometia:
Nam sey porque razão, porque respeito,
Qu porque bom sinal que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chaua:
Deste cometimento grande, & graue.

E com

E com rogo e palavras amorsas
 Que he hū mādo nos Reis que a mais obriga,
 Me disse: As couzas arduas e luflrosas
 Se alcançam com trabalho e com fadiga:
 Faz as pessoas altas e famosas,
 A vida que se perde e que perigo,
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura mais se estende.

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para húa empresa qual a vos se deue,
 Trabalho illustre, duro e esclarecido,
 O que eu sey que por mi vos sera leue:
 Não s'fri mais, mas logo: O Rey subido,
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
 He tam pouco por vos, que mais me pensa
 Ser esta vida couza tam pequena.

80

Imaginay tam inhas auenturas
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,
 O lião Cleonéo, Arpias duras
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:
 Decer em finhas sombras vans e escuras
 Onde os campos de Dite a Estige laua,
 Porque a mayor perigo, a mōr affronta
 Por vos, o Rey, o Sprito e carne he prōpea.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

81
Com merces sumptuosas me agardece,
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanhar me logo se offerece
Obrigado damor & damizade,
Não menos cobiçoso de honra & fama,
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

82

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho
D'experiencia em armas & furor:
Ia de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valer,
Todos de grande esforço, & assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem:
Assi foram o Myntas ajuntados,
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Fatidica nao, que on sou primeira
Tentar o mar Euxinio, auentureira.

E ja

84
 E ja no porto da inclita Vlissea,
 Cum aluoroço nobre, & cum desejo,
 (Onde o licor mestura & branca area
 Co salgado Neptuno o doce Tejo:))
 As naos prestes estam, & não refrea
 Temor nenhum o iuuenil despejo,
 Porque a gente maritima & a de Marte
 Estam pera seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados,
 De varias cores vem, & varias artes,
 E não menos de esforço aparelhados
 Pera buscar do mundo nouas partes:
 Nas fortes naos os ventos fossegados,
 Ondeão os aerios estandartes,
 Ellas prometem vendo os mares largos
 De ser no Olimpo estrellas como a de Argos.

86

Despois de aparelhados desta sorte
 De quanto tal viagem pede & manda,
 Aparelhamos a alma pera a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
 Pera o sumo poder que a Etherea corte
 Sostenta so coa vista veneranda,
 Imploramos fauor que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Partimonos offi do sancto templo,
Que nas Praias do mar està assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos soy em carne ao mundo dado:
Certifio te, o Rey, que se contempro
Como fuy destas prayas apartado
Cheyo dentro de duvida & receyo,
Que a penas nos meus olhos ponho o freyo

88

A gente da cidade aquelle dia
(Hús por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista, & descontentes:
E nos coa virtus a companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

89

Em tam longo caminho & duuidofo,
Por perdidos as gentes nos julgauam
As mulheres cum choro piadofo,
Os homens com suspiros que arrancauam
Mãis, Esposas, Irmãs, que o temerofo
Amor mais desconfia, acrecentauam
A desesperaçam, & frio medo
De ji nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual

CANTO QVARTO.

6

Qual vay dizendo: O filho à quem eu tinha
 So pera refrigerio, & doce emparo
 Desta cansa la ja velhice minha,
Que em choro acabará, penoso & amaro:
 Porque me deixas, misera & mezquinha?
 Porque de mi te vas, o filho charo
 A fazer o funero enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

91

Qualem cabello: O doce & amado esposo
 Sem quem não quis amor que viuer possa,
 Porque is auentur ar ao mar iroso
 Essa vida que he minha, & nam he vossa?
 Como por hum caminho duuido so
 Vos esquece a afeição tam doce nossa?
 Nosso amor, nosso vāo contentamento,
 Quereis que com as vellas leue o vento.

92

Nestas & outras palauras que diziam
 De amor, & de piadosa humanidade,
 Os velhos & os mininos os seguiam,
 Em quem menos esforço poē a ydade:
 Os montes de mais perto respondiam
 Quasi mouidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhauam,
 Que em multidam co ellas se igoalauam.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuantarmos,
Nem a Māy, nem a Esposa, neste estado,
Por nos nāo magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento custumado,
Que posto que he de amor vfança boa
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco aleuantando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber só dexperiencias feyto
Tais palavras tirou do experto peito:

O gloria de mandar, o vaã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama;
O fraudulento gosto, que se atiça
Cúa aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho & que justiça
Fazes no peito vño que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles esprimentas.

CANTO QUARTO.

96
Dura inquietação d'alma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios;
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quem se o pouo nescio engana.

97

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faras tam facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que vitorias?

98

Mas ô tu geraçām daquelle insano
Cujo peccado & desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pos neste deserto & triste ausencia:
Mas in da doutro estado mais que humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade douro tanto te priou
Que na de ferro & darmas te deitou.

10

OS LUSIADAS DE L. DE CA

la que nestas goſtoſa vaidade

Tanto enleuas a leue fantasia,

la que aa bruta crueza & feridade

Poseſte nome esforço & valentia:

la que prezas em tanta quantidade

O desprezo da vida, que deuia

De fer sempre estimada, pois que ja

Temeo tanto perdella quem a dà.

100

Não tens junto com tigo o Ismaelite

Com quem sempre teras guerras sobejas?

Não segue elle do Arabio a ley maldita,

Se tu polla de Christo fo pellejas?

Nam tem cidades mil, terra infinita

Se terras & riqueza mais desejas?

Nam he elle por armas esforçado

Se queres por victorias ser louuado,

101

Deixas criar as portas o inimigo

Por yres buscar outro de tam longe,

Por quem se despouoe o reino antigo

Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:

Buscas o incerto & incognito perigo

Porque a fama te exalte & te lisonge,

Chamando te senhor com larga copia

Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito

O maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas vellas pos em seco lenho,
 Dino da eterna pena do profundo,
 Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
 Nunca juyzo algum alto & profundo,
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
 Te de por isso fama, nem memoria:
 Mas contigo se acabe o nome & gloria.

503

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas accendeo
 Em mortes, em desonras (grande engano)
 Quanto melhor nos fora Prometeo,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Que a tua estatua Illustre nam tueras
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

504

Nam cometera o moço miserando
 O carro alto do pay, nem o ar vazio
 O grande Achitector co filho, dando
 Hum, nome ao mar, & o outro fama ao rio
 Nenhum cometimento alio & nefando
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
 Deixa intentado a humana geraçam
 Misera sorte, estranha condiçao.

FIM.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando estaua, quando
brimos

As osas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos;
E como he ja no mar custume vsado
A vella desfraldando o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fezo vsado mouimento.

2

Entraua neste tempo o eterno lume;

No animal Nemeyo truculento,

E o mundo que com tempo se consumê

Na seista idade andaua enfermo & lento;

Nella ve, como tinha por costume

Cursos do Sol quatorze vezes cento,

Com mais nouenta & sete, em que corria

Quanlo no mar a armada se estendia.

Lao

AO CANTO QVINTO: 1208

Ia à vista pouco & pouco se desterra
Di aquelles patrios montes que ficauam,
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alongauam.
Ficauanos tambem na amada terra
O coraçam, que as magoas là deixauam,
E ja despois que toda se escondeo
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geraçam algua nam abrio,
As nouas ilhas vendo & os nouos ares,
Que o generoso Enrique descobrio
De Mauritania os montes & lugares
Terra que Anteo num tempo possuyo,
Deyxando aa mão ezquerda, que aa dereita
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Possamos a grande Ilha da madeira
Que do muito aruoreda assi se chama,
Dis que nos pouoamos, a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecera
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythera.

Deixamos

OS LUSIADAS DE LIDE CAT.

Deixamos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

7
Passamos o lemíte aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas laua & rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

8
Passadas tendo ja as Canarias ilhas
Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas
Terras por onde nouas marauilhas
Andaram vendo ja nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella

A aquella ilha apertamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanctiago,
 Sanclo que os Espanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daquitanto que Boreas nos ventou
 Tornarmos a cortar o immenso lagô,
 Do Jalgado Occeano, & assi deixamos
 A terra onde o refresco doce achamos.

10

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficaua ao Oriente
 A prouincia Ialofo, que reparie
 Por diuersas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,
 Logramos o metal rico & lucente,
 Que do curuo Gambea as agoas bebe
 As quaes o largo Atlantico recebe.

11

As Dorcadas passamos, pouoadas
 Das Irmaas, que outro tempo ali viuão;
 Que de vista total sendo priuadas
 Todas tres abum jo olho se seruião:
 Tu jo, tu cujas tranças enre spadas
 Neptuno ta nas agoas acendião,
 Tornada ja de todas a mais fea
 De biuoras enchesse a ardente area.

O
OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim perao ¹² Austro a aguda proa
No grandissimo golfão nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lyoa
Co Cabo 3 quem das Palmas nome demos:
O granderio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que alitemos,
Ficou, co a Ilha illustre que tomou
O nome dhun que o lado a Deos tocou.

¹³
Ali o muy grande reyno está de Congo
Por nós ja conuertido á fe de Christo,
Por onde o Zaire passa claro & longo
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este longo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

¹⁴
Ia descuberto tinhamos diante
La no nouo Hemisperio noua estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Algns tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de strelas menos bella,
Do Polo fixo, ondeinda se nam sabe
Que outraterra comece, ou mar acabe.

Afso

CANTO QUINTO

Assi passando aquellas regiões

Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous inuernos fazendo & dous verões
Em quanto corre dhum ao outro Polo:
Por calmas, por tormentas & opressões
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Visas a pesar de Iuno
Banharemse nas agoas de Neptuno.

16
Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trouoadas, temerosas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouões que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiuisse a voz de ferro.

17
Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem p'rmestra a longa experiençia,
Contão por certos sempre & verdadeiros
Iulgando as cousas so polla aparençia:
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro enzenho & por ciencia,
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou malentendidos.

O OS LUSTIADAS DE L. DE CA

Vi claramente visto o lume viuo

¹⁸
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiro
De tempestade escura & triste pranto:
Não menos foy a todos ecceſſiuo
Milagre, & couſa certo de alto eſpanto,
Ver as nuuēs do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Occeano.

¹⁹
Eu o vi certamente (& não presumo

Que a vista me enganaua) leuantarſe,
No ar hum vaporzinho & ſutil fumo
E do vento trazido, rodearſe:
De aqui leuado hum cano ao Polo ſummo
Se via, tão delgado que enxergarſe
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuuēs parecia.

²⁰

Hiaſe pouco & pouco acrecentando

E mais que hum largo masto ſe engroſſaua,
Aqui ſe eſtreita, aqui ſe alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em ſi chupaua:
Eſtauаſe co as ondas ondeando,
Encima delle húa nuuem ſe eſpeſſaua,
Fazendose mayor, mais carregada
Co cargo grande dagoa em ſi tomada.

Qual

CANTO QUINTO.

Qual roxa sangue suga se veria

Nos beixos da alimaria (que imprudente;
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
Chupando mais & mais se engrossa & cria,
Ali se enche & se alarga grandemente,
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
Assi, & a nnuem negra que sustenta.

22

Mas despois que de todo se fartou

O pé que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fin voou
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
As ondas torna as ondas que tomou:
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejão agora os sabios na escriptura
Que segredos fám estes de Natura.

23

Se os antigos Philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As marauilhas que eu passei, passaram
A tam diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixaram
Que influçam de sinos & de estrellas,
Que estranhezas, que grandes qualidades;
E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3

Mas

5 LUSIADAS DE L. DE CAS

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrará, em quanto o mar cortaua a armada
Quando da Eterea gaea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuues se começam
A descubrir os montes que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçam,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuençam de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na esfaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejoſa
Da terra que outro povo nam pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

CANTO QUINTO

27 Achamos ter de todo ja passado

Do Semicapro pexe a grande metá,

Estando entre elle & o circulo gelado

Austral, parte do mundo mais secreta:

Eis de meus companheiros rodeado

Vejo hum estranho vir de pelle preta,

Que tomarão per força, em quanto apanha

De mel os doces fauos na montanha.

28

Toruado vem na vista, como aquelle

Que nam se vira nunca em tal extremo,

Nem elle entende a nos, nem nos a elle,

Seluagem mais que o bruto Polifemo:

Começolhe a mostrar da rica pelle

De Colcos o gentil metal supremo,

A prata fina, a quente especiaria:

A nada disto o bruto semouia.

29

Mando mostrarlhe peças mais somenos

Contas de Cristalino transparente,

Alguns soantes cascaueis pequenos,

Hum barrete vermelho, cor contente:

Vil logo por finais & por acenos

Que com isto se alegra grandemente,

Mando o soltar com tudo & assi caminha

Pera a pouoaçam, que perto tinha.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas logo ao outro dia ³⁰ seus parceiros
Todos nus, & da cor da escuriâtreua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domésticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.

³¹
He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande e espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procure:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No auentureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

³²
O batel de Coelhe foy de pressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope oufado se arremessa
A elle, porque nam se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem: vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperce
Se mostra hum bando negro descuberto.

Da

CANTO QUINTO.

33
Da espessa nuuem setas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida,
Enam foram ao vento em vāo deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposa lhe demos tam tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita
Que a cor vermelha leuāo desta feita:

34
E sendo ja Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della
E assi orney a dar ao vento a vella.

35
Disse entam a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de decer que de subir:
Si he, responde o ousado auentureiro
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles cães, de pressa hum pouco vim
Por me lembrar que estauais ca sem mim.

Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Contou entam que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o nam deixaram,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornando se, logo se emboscaram
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37
Porem ja cinco Soes eram passados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando húa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Húa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

38
Tão temerosa vinha & carregada,
Que pos nos corações hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que mōr cousa parece que tormenta?

Não

Não acabaua, quando húa figura
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,
 De disforme & grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida:
 Os olhos encouados, & a postura
 Medonha & maa, & a cor terrena & palida
 Cheos de terra & crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

110

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificarte, que este era o segundo
 De Rodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:
 Cum tō de voz nos falla horrendo & grosso
 Que pareceo fair do mar profundo,
 Arrepião se as carnes & o cabello
 A mi, & a todos, sooo de ouuillo & vello.

111

E disse: O gente ousada mais que quantas
 No mundo cometerão grandes coufas,
 Tu que por guerras cruas, taes & tantas
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas
 Enuegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha que guardo & tenho
 Nunca arados destranho, ou proprio lenho:

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobrejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas
Inimiga teram esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja mōr o dano que o perigo:

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança,
Enām se acabará so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serey eterna & noua sepultura
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos & prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaca.

16

Outro tambem virá de honrada fama
 Liberal, caualeiro, enamorado
 E consigo trará a fermosa dama
 Que Amor por gram merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro & yrado,
 Os deixará dhum crù naufragio viuos
 Pera verem trabalhos ecceſſiuos.

17

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gérados & nacidos,
 Verão os Cafres asperos & auaros
 Tirar aa linda dama seus vestidos:
 Os cristalinos membros & perclaros
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despidos,
 Despois de ter pisada longamente
 Cos delicados pés a area ardente.

E verão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

18
E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miserros ficarem
Na feruida & implacabil e spessura:
Ali despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas so taram
Da fermosa & miserrima prisam.

19
Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca, & os olhos negros retorcendo,
Edando hum espantoso & grande brado,
Me respondeo, com voz pesada & amara
Como quem da pregunta lhe pesara.

50
Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que nūca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passaram fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu unica visto Promontorio,
Que per 10 Polo Antartico se estende
A quem vossa onusadia tanto offende.

Fuy

CANTO QUINTO.

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Alamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibrava os rayos de Vulcano:
Nam que posse ferra sobre ferra
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fuy capitam do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52

Amores da alta espôsa de Peleo
Me fizerão tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sair nua na praya, & logo presa,
A vontade sinto, de tal maneira
Que in la não sinto coufa que mais queira.

53

Como fosse ~~confia~~ impossibil alcançalla
Polla grandeza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entam por mi lhe falla.
Mas ella cum fermo riso honesto,
Respondeo: Qual sera o amor bastante
De Nympha que sustente o dhum Gigante.

Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

54
Com tudo por liurarmos o Occeano

De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair nam pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherāome com grandes abondanças
O peito de desjos & esperanças.

55
La nescio, ja da guerra desistindo

Húa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto linda
Da branca Thetis vnica de spida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

56
O que não sey de nojo como o conte

Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua;
Estando cum penedo fronte a fronte
E u pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não, mas mudou & queda
E junto dhum penedo outro penedo.

O nim pha

AO CANTO QVINTO.

O Nimpfa a mais ffermosa do Occeano
la que minha presença nam te agrada,
Que t2 custava terme neste engano,
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa & da desonra ali passada
Abuscar outro mundo, onde nam visse
Quem de meu pranto, & de meu mal se risse:

58

Erão ja neste tempo meus Irmãos
Vencidos & em miseria estrema postos,
E por mais segurarse os Deoses vãos
Algúis a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo nam valem mãos,
Eu que chorando andaua meus desgostos,
Comecey a sentir do fado amigo
Por meus atreuiimentos o castigo.

59

Conuerte semel a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que ves & esta figura
Por estas longas agoas se estenderam:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conuerteram
Os Deoses, & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas.

M

Af3

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Assi contaua & cum medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, leuantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi que remouesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61
Ja Phlegon, & Pyrois vinham tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy conuertido o gran gigante:
Ao longo desta costa, começando
Ja de cortar as ondas do Leuante,
Por ella a abuixo hum pouco nauegamos
Onde segunda vez terra tomamos.

62
A gente que esta terra possuia
Poiso que todos Etiopes eram;
Mais huminos no trato parecia
que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos & com festas de alegria
Pella playa arenosa a nos vierão,
As molheres consigo & o manso gado
Que apacentauão, gordo & bem criado.

CANTO QUINTO:

As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Canigas pastoris, ou prosa, ourina,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

61

E

Res como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo nos galinhas & carneiros
Atroco doutras peças que leuaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palaura sua algúna lhe alcançaram
Que desse algum final do que buscamos;
As vellas dando, as ancoras leuamos.

65

A aquinhambos dado hum grão rodeyo
A a costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, ande veyo
Outra armada primeira, que buscaua
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

O SAVIADAS DE L. DE CA.

66
Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo nouas vias.
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
que passar não deixaua por diante.

67

Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que contra nos ali corria
que por nos a do vento que assopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estaua
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a gram corrente

68

Trazia o Solo dia celebrado

Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nos, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

Desta

CANTO QVINTO.

Destagente refresco algum comamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No pouo com nos outros casi mudo:
Ora vè Rey quamanha terra andamos
Sem sair nunca desle pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem final,
Da desejada parte Oriental.

70

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas & por mares nam sabidos:
E do esperar comprido tam cansados
Quanto a desesperar ja compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

Corrupto ja & danado o mantimento
Danoso & mao ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento
Que se quer da esperanca fosse engano:
Crestu que se este nosso ajuntamento
De soldados, nam fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
For ventura a seu Rey & a seu regente?

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

72
Cres tu que ja nam forão leu a todos
Contra seu capitam se os resistira,
Fazendo se Piratas, obrigados
De desesperaçam, de fome, de ira
Grandemente, por certo estam prouados
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquelle Portugal alta eccellenzia
De lealdade firme, & obediencia.

73
Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agna salgada,
Fizemos desta costa algum desfio
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso & frio
Nâ nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda
Donde arica Sofala o ouro manda.

74
E na passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada & gemel
A proa inclina dhua & doutranao.
Quando in lo o coraçao que e spera & teme
E que tanto fiou dhum fraco pao,
Do que e sperava ja desesperado
Foy dhua nouidade aluoroçado.

E fez

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & valles bem se vião,
 Num rio, que alí sae ao mar aberto
 Bateis aa vela em rauão & sayão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Nauegar, porque entrellas esperamos
 De achar nouas algúas, como achamos.

⁷⁶
 Echiopes sam todos, mas parece
 Que com gente melhor comunicauão,
 Palaura algúia Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauão,
 Com outro que de tinta azul se tingue
 Cada bum as vergonhosas partes cinge.

⁷⁷
 Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grandeza igoalá
 As nossas, o seu mar se corta & finde.
 Mas que la donde fué o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente assi como nos da cor do dia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Muy grandemente a qui nos alegramos

Coa gente, & com as nouas muito mais.

Pellos finais que neste rio achamos

O nome lhe ficou dos bôs finais:

Hum padrão nesta terra aleuantamos

Que para asinalar lugares tais

Trazia alguns, o nome tem do bello.

Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascavéis & dostrinhos,
Nojosa criaçam das agoas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas & immundas
Dos hospedes que tinhamos vezinhos
Com mostras apraziueis & jocundas,
Ouuemos sempre o usado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas nam foy, da esperança grande & immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desuentura:
Assino ceo sereno se dispensa,
Coesta condiçam pesada & dura
Nacemos, o peso tera firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza:

E foy

E foy que de doença crua & feya
 A mais que eu nunca vi, desempararão
 Muitos a vida, & é terra estranha & alheia
 Os ossos para sempre sepultarão:
 Quem auerá que sem o ver o creya
 Que tam disformemente ali lhe incharão,
 As gingiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

82

Apodrecia cum fetido & bruto
 Cheiro, que o ár vizinho inficionava,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgião futil menos se achava:
 Mas qualquer neste officio pouco instruído
 Pella carne ja podre assí cortava,
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

83

Em fin que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho & em tanta desuétura
 Forão sempre com nosco aventureiros
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quae quer outeiros
 Estranhos, assí mesmo como aos nossos,
 Receberam de todo o illustre os ossos.

Assí

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

84
Assique desle porto nos partimos
Com mayor esperança & mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade & m'à vilza
La seras sabedor, & dos enganos
Dos pouos de Mombacha pouco humanos.

85
Ate que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Darà saude a hum viuo, & vida a hú morto,
Nos trouxe a piedade do aleo assento:
Aqui repousou, aqui doce conforto,
Noua quietacām do pensamento
Nos deste, & vés aqui se atente cuuisse,
Te contey tudo quanto me pediste.

86
Iulgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que rai caminhos cometessem?
Crès tu que tanto Eneas & o facundo
Vlisses, pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se escreuessedem,
Do que eu vi, a poder desforço & de arte,
E do que inda ei de ver, a oitava parte?

Esse

CANTO QUINTO.

87
Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contendia peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
Esoutro que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz altifona & diuina
Ouindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensüberuece.

88

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos
Desses seus Semideoses, & encareção,
Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Dem lhe mais nauegar à vella & remos
Os Cicones, & a terra onde se esquecem
Os companheiros em goſtando o Loto,
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

89

Ventos soltos lhe finjão & imaginem
Dos odres, & Calipso namoradas,
Harpias, que o manjar lhe contaminem
Decer aas sombras nuas ja passadas:
Que por muito & por muito que se afinem
Nestas Fabulas vaas tambem sonhadas,
A verdade que eu conteo nua & pura
Vence toda grandiloca eſcriptura.

Da

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

⁹⁰
Da boca do facundo capitam
Pendendo estauam todos embebidos,
Quando deu fim aa longa narraçam
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coraçam
Dos Reis em tantas gueroas conhecidos,
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade danimo & nobreza.

⁹¹
Vay recontando o pouo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tam longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

⁹²
Quam doçe he o louuor & a justa gloria
Dos proprios feitos , quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre & alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas ebras exercita
Louuor alheo muito o esperta & encita.

CANTO QUINTO.

93

Não tinha em tanto os feitos gloriofos

De Achiles, Alexandre na pelleja,

Quanto de quem o canta, os numerosos

Versos, isso só louua, isso deseja:

Os tropheos de Melciades famosos

Temistocles despertam só de enueja,

E diz, que nada tanto o deleitaua

Como a vez que seus feitos celebrava.

94
Trabalha por mostrarr Vasco da Gama

Que essas nauegações que o mundo canta,

Não merecem tamanha gloria & fama:

Como a sua, que o ceo & a terra espanta:

Si mas aquelle Heroe que estima & ama

Com dões, merces, fauores, & honra tanta

A lira Mantuana faz que soe

Eneas, & a Romana gloria voe.

95
Dá a terra Lusitana Scipioes,

Cesares, Alexandros, & da Augustos,

Mas não lhe dá com tudo aquelles dões

Cuja falta os faz duros & robustos.

Octavio, entre as mayores opressoēs

Compunha versos doutos & venustos,

Não dirá Fuluia certo que he mentira

Quando a deixaua Antonio por Glafira.

Vay

S L V S I A D A S D E L. DE CA.

96
Vay Cesar sojugando toda França
E as armas não lhe impedem a sciencia,
Mas nua mão a pena, & noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe & alcança
He nas comedias grande experienzia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

97
Em fim não ouue forte capitão
Que não fosse tambem donto & sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se nam da Portuguesa tam somente:
Sem vergonha o não digo, que a rezão
Dalgum nam ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso & rima,
Porque quem não sabe arte não na estimá.

98
Por isso & não por falta de natura
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
Nem auerà se este costume dura
Pios Eneas, nem Achiles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tam asperos os fez, & tam Austeros,
Tão rudos, & de ingenho tam remisso
Que a muitos lhe dà pouco, ou nada disso.

Aas

CANTO QUINTO.

96

Aas Musas agardeça o nosso Gama

O muito amor da patria, que as obriga

Adar aos seus na lira nome & fama

De toda a illustre & bellica fadiga:

Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,

Caliope nam tem por tam amiga,

Nem as filhas do Tejo, que deixassem.

As tellas douro fino, & que o cantassem.

100

Porque o amor fraterno & puro gosto

De dar a todo o Lusitano feito

Seu louvor, he somente o prosuposto

Das Tagides gentis, & seu respeito:

Porem nam deixe em fim de ter desposto

Ninguem a grandes obras sempre o peito,

Que por esta, ou por outra qualquer via

Não perdera seu preço & sua valia.



E I M.

Canto Seisto.



A M sabia em que
modo festejasse
O Rey Pagão os fortes nauegan-
tes,

Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tam possantes;
Pesimalhe que tam longe o apousentasse
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que nam no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abrio o caminho;

2

Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana
Com usadas & ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegra & engana
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha
 Ia mais do que devia, e o fresco vento
 O convida que parta e come a sínha,
 Os Pilotos da terra e mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito para cortar do falso argento,
 Ia do Pázão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Frotas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja
 Que dar a tais barões seu reino e estado:
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estará de contíno aparelhado,
 A pôr a vida e reino totalmente
 Por tão bom Rey, portam sublime gente.

⁵ Outras palavras tais lhe respondia
 O Capitão, e logo as velhas dando,
 Per a terras da Aurora se partia
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando
 No Piloto que leua nam auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauegaçā certa, e assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinho.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

As andas nauigiam do Oriente

I nos mares da India, & enxergauam

Os talamos do Sol, que nace ardente,

La quasi seus desejos se acabauam:

Mas o mao de Tioneo, que na alma senze

As venturas, que entam se aparelhauam,

A gente Lusitana dellas dina,

Arde, morre, blasfema & desatina.

Via estar todo o Ceo determinado

De fazer de Lisboa noua Roma;

Nam nõ pode estiruar, que destinado

Esta douro poder que tudo doma,

Do Olimpo deve em siun desesperado,

Nouo remedio em terra busca & toma,

Entra no humido reino, & darse aa corte

Daquelle a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas

Cauernas altas, onde o mar se esconde,

La donde as ondas saem furibundas,

Quando das iras do vento o mar responde,

Neptuno mora, & moram as jocundas

Nereidas, & outros Deuses do mar, onde

As agoas e impo deixam aas cidades,

Que habitão estas humidas deidades.

Discobre

CANTO SEXTO.

9
Descobre o fundo nunca descuberto

As areas ali de prata fina,
Torres altas se vêem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristalo que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro & radiante.

10
As portas douro fino, & marchetadas

Dorico aljofar que nas conchas nace,
De escultura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
De velho Caos a tam confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuersos officios ocupados.

11
Ali sublime o Fogo estaua encima,

Que em nenhua materia se sustinha,
Daqui as coisas viuas sempre anima,
Despois que Prometeu furtado o tinha:
Logo apos elle leue se fablava
O invisibil ar, que mai susinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio:

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

12
Estava a terra em montes reuestida
De verdes eruas & aruores floridas,
Dando pasto diuerso & dando vida
Aas alimarias nella produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescallos criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13

Noura parte esculpida estava a guerra
Que fizera os Deuses cos Gigantes,
Edu Tiseo debaxo da alta ferra
De Etna, que as flamas lança crepitantes.
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cauillo ouvirão, & a primeira
De Muierua pacifica Oliveira.

14

Ponca tardanca faz Ieyo irado
Na vista destas corsas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que ausado
Da vinda sua, o estava ja aguardando:
As portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Reyo do vinho.
O Neptuno

CANTO QUINTO.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também os grandes & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouuirme o mais quiseres,
Verão da desuentura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

16
Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dhúa & doutra banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro & feyo
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

17
Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hūs limos prenhes dagoa, & bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados nam falecem
Os negros misilhões, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Húa muy grande casca de Lagosta.

OS LUSIAS PAS DE LIDE CA:

O corpo nus, os membros genitais
Por não ter nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebeo crecimiento,
Ostras, & Camarões do musco sujos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocaua
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar, que longe retumbaua;
A toda a companhia apercebida
Dis Desses, pera os paços caminhaua
Do Deus, que fez os muros de Dardanias,
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nymphas pouoara:
O Prophet Proteo, deixando o gado
Maritimo p'cer pella aguia amara,
Ali vejo tambem, mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

CANTO QUINTO.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha
Grave, & leda no gesto, & tam fermoſa
Que ſe amansaua o mar de marauilha:
Vestida hua camiſa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixá verſe,
Que tanto bem não he pera esconderſe.

22

Anfitrite fermoſa como as flores,
Neste caſo nam quis que faleceſſe,
O Delfim traz conſigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecelſe:
Cos olhos que de tudo ſam ſenhores
qualquer parecerá que o Sol venceſſe,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas ſam eſpoſas dum marido.

23

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, vejo a ter diuino eſtado,
Conſigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deosſes relatado:
Pella praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o ſalgado
Mar ſempre cria, & as vezes pela area
No colo o toma a bella Panopea.

OS LUSIADAS DE L. DE CA
E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circos tinha usado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

25
Ja finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia ē cheiro passao

26
Estindo sossegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregandose no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheyo, fala desta sorte.

Princepe

CANTO SEXTO.

27
Princepe que de juro senhoreas

Dhum Polo ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que nam passsem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.

28
E vos Deoses do mar, que nam soffreis
Injuria algua em vossa reino grande,
Que com castigo ygo al vos não vingueis,
De quem quer que por elle corra, & ande:
Que descuido foy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos & atrevidos?

29
Vistes que com grandissima oufadia
Foram ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas & insolencias tais, que temo
Que do mar & do Ceo em poucos anos,
Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vedes agora a fraca geração

Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altivo coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino denassando
Os vossos estatutos vão quebrando.

31

Eu vi que contra os Myrias, que primeiro

No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assentirão
Vos a quem mais compete esta vingança,
que esperais, porque a pondes em tardanças?

32

E nam consinto Deoses que cuideis

Que por amor de vos do céo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que sem faz também a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas de sta gente.

que

³³
Que o gran Senhor & fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a estes barões no mar profundo:
Aqui vereis o Deoses como insinão
O mal tambem a Deoses: que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia
que quem com mais razão valer deuia.

³⁴
E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos vossos mares:
Mais que dizer, & nam passou daqui,
Porque as ligrimas ja correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

³⁵
A ira com que subito alterado
O coração dos Deoses foy nuiu ponto,
Não soffro mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que nam ajano mar mais nauegantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CAY

Bem quisera primeiro ali Protheo

Dizer neste negocio o que sentia,

E segundo o que a todos pareceo

Era algua profunda prophecia:

Porem tanto o tumulto se moueo

Subito na diuina companhia,

Que Thetis indinada lhe bradou,

Neptuno sabe bem o que mandou.

37

Iala o soberbo Hypotades soltauia

Do carcere fechado os furiosos

Ventos, que com palauras animauia,

Contra os varões audaces & animosos:

Subito o ceo sereno se obumbraua,

Que os ventos mais que nunca impetuoso

Começao nouas forças a yr tomando,

Torres, montes & casas derribando.

38

Em quanto este conselho se fazia

No fundo aquoso, a led a lassa Frota

Com vento sossegado proseguia

Pello tranquillo mar, a longa rota:

Era no tempo quando a luz do dia

Do Eolo Emisperio está remota,

Os do quarto da prima se deitauão

Pera o segundo os outros despertauão.

Vencidos

Vencidos vem do sono, e mal despertos

Bocijando a miude se encostauam,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que ass prauam:
Os olhos contra seu querer abertos
Mas estregando os membros estirauam,
Remedios contra o sonno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

110

Com que melhor podemos, lhum dizia,

Este tempo passar, que he tam pesada,
Senão com algum conta de alegria
Com que nos deixe o sonno carregado?
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter milhores.
Pera passar o tempo, que de amores?

111

Não he, disse Velofo, cousa justa

Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Nam fasse amores, nem delicadeza:
Antes de guerra feruida & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

Confesse

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

42
Consentem nisto todos, & encomendam

A Veloſo que conte iſto que aproua,
Contarey diſſe, ſem que me reprendam
De contar couſa fabulosa, ou noua:
E por que os que me ouuirem daqui o predaõ
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direyna na noſſa terra,
E eſteſ ſejam os doze de Inglaterra.

13
No tempo que do reino a redea leue

Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que ſossegado & liure o teue
Do vizinho poder que o moleſtaua:
La na grande Inglaterra, que da neue
Boreal ſempre abunda, ſen eaua
A fera Erinis dura & mà uizania
Que luſtre foſſe a noſſa Lusitania.

14
Entre as damas gentis da corte Ingleſa,

E nobres cortefuõs, a caſo hanadia
Se leuantou diſcordia em ira aceſa,
Ou foy opinião, ou foy porfia:
Os Cortefuõs a quem tam pouco peca
Soltar palauras graues de ouſadia
Dizem que prouaram, que bonras & famas
Em tais damas não ha, peraſer damas.

E que

E que se ouuer alquem com lança & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada
 Lhe daram feia infamia, ou morte crua;
 A feminil fraquezza pouco usada
 Nunca a oprobrios tais, vendose nua
 De forças naturais conuenientes
 Socorro pede a amigos & parentes.

46

Mas como fossem grandes & possantes
 No reino os inimigos, nam se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, co no deuem:
 Com lagrimas fermosas & bastantes
 A fazer que em socorro os Deoses leuem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47

Era este Ingres potente, & militara
 Cos Portugueses ja contra Castella,
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheiros, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esprementara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este que socorrer lhe nam queria,

Por nam causar discordias intestinas

Lhe diz, quando o direito pretendia

Do reino la das terras Iberinas,

Nos Lusitanos vitanta ousadia,

Tanto primor, & paries tam diuinias,

Que elles fos poderião, se nam erro

Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

19
E se agrauadas damas sois servidas,

Por vos lhe mandarey embaixadores,

Que por cartas discretas & polidas,

De vossa agrauo os façam sabedores:

Tambem por vossa parte encarecidas

Com palauras da fagos & damores,

Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo

Que ali terees socorro & forte esteyo.

50
Destarte as aconselha o Duque experio,

E logo lhe nomea doze fortes,

E porque cada dama hum tenha certo,

Lhe manda que sobrelles lancem sortes,

Que ellas so doze sam: & descuberto

Qual a qual tem caido das consortes,

Cadhuña escreue ao seu por varios modos,

E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

CANTO SEXTO.

51
Ia chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte aluoroça a nouidade,
Quisera o Rey sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia Magestade:
qualquer dos cortesaõs auentureiro
Deseja ser, com feruida vontade,
E so fica por bem auenturado,
Quem ja vem pello Duque nomeado.

52
Lana leal cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebem se os doze em tempo breue
Darmas, & roupas de vſo mais moderno
De elmos, cimeiras, letras & primores,
Caualos, & concertos de mil cores.

53
Ia do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aquellos, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Ingres esperimentado:
Não ha na companhia differençā
De caualleiro, desiro, ou esforçado:
Mas hum fo, que Magriço se dizia,
Destarte falla na forte companhia.

OS LUSIADAS DE LI DE CA

Fortíssimos consócios, eu desejo
A muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̄ as do Douro & Tejo,
Varias gentes, & leis, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mudo as cousas sam tamanhas)
Quero se me deixais, ir so por terra,
Por que eu serey com vosco em Ingraterra.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for com vosco ao prazo instituido
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por my fareis o que he diuido:
Mas se a verdade o spirito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,
Nam faram que eu com vosco la nam seja.

Assi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Lião, Castella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altissimos perigos
Do Perineo, que Espanha & Galia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande imperio foy parar de Frandes.

CANTO SEXTO

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteue muitos dias,
Mas aos onze a illustrissima companha
Corião do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Ingraterra aa costa estranha,
Pera Londres ja fazem todos vias,
Do Duque sam com festa agasalhados,
E das damas seruidos e animados.

58
Chegase o prazo, e dia assinalado,
De entrar em campo ja os doze Ingreses,
Que pello Rey ja tinham segurado,
Armanse delmos, greuas, e de arneses:
Ja as damas tem por si fulgente e armado
O Mauorte feroz dos Portugueses,
Vestem se ellas de cores e de sedas
De ouro, e de joyas mil, ricas e ledas.

59
Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por nam ter quem nomeado
Seja seu caualleiro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Sera o negocio assi na iorte Ingrisa,
Que as damas vencedoras se cunheçam
Posto que dous e tres dos seus falleçam:

OS LUSIADAS DE L. DE CAE

Ia num sublime & publico theatro,

Se assenta o Rey Ingres com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual cabe em sorte:
Nam sam vistos do Soldo Tejo ao Brato,
De força, esforço, & dano no mais forte,
Outros doze sair como os Ingreses
No campo, contra os onze Portugueses.

61
Mastigão os caualos escumando

Os aureos freos, com feroz sembrante,
Estaua o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num & noutro bando
Partido desigoal & dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçar se geralmente.

62

Viram todos o rosto aonde auia

A causa principal do reboliço,
Eis entra hum caualleiro, que trazia
Armas, cauallo, ao bellico seruiço:
Ao Rey & aas damas fala, & logo se bia
Pera os onze, que este era o gram Magriço
Abraça os companheiros como amigos,
A quem nam falta certo nos perigos.

A dams

CANTO SEXTO.

A dama como ouvio,⁶³ que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome & fama
Se alegra & veste ali do animal de Hele
Que a gente bruta mais que virtude ama:
Ia dão final & o som da tuba impelle
Os belicosos animos que inflama
Picão desporas largam redeas logo
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

⁶⁴
Dos caualos o estrepito parece
que faz, que o chão debaixo todo treme,
O coraçam no peito, que estremece
De quem os olha, se aluoroça, & teme
qual do caualo voa, que nam dece,
qual co caualo em terra dando, geme,
qual vermelhas as armas faz de brancas,
qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

⁶⁵
Algum dali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breue interualo,
Correndo algum cauallo vay sem dono,
E noutra parte o dono sem caualo:
Cae a soberba Ingresa de seu trono,
Que dous ou tres ja fora vão do valo,
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja que arnes, escudo & malha:

O⁶ LVSIADAS DE L. DE CAS

Gastar paliuras em contar estremos.
De golpes ferros, cruas e stocadas,
He desses gastaiores, que sabemos
Mais do tempo, com fabulas sonhadas:
B. Et i por fim do caso, que entendemos
Que com finezas ultas e affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as dimas vencedoras, e com gloria.

67
Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia;
Em quanto se detem em Inglaterra,
Ate tornar aa doce e chara terra.

68
Mas dizem que com tudo o gram Magrico
Desejoso de ver as coufas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruço
N tauel aa condeffa fez de Frandes:
E como quem numera ja nouizo
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Frances mata em campo, que o destino
Leteue de Trocato e de Coruino.

CANTO SEXTO.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teue bum fero desfio
Cum Germano engano so, que com manha
Nam diuida o quis pôr no estremo fio:
Contando assi Velojo, ja a companha
Lhe pede, que nam faça tal desfio
Do caso de Magrico, e vencimento
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70

Mas neste passo assi prompeos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordam despertando
Os marinheiros dhúa e doutra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas comar manda;
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuuem negra que aparece.

71

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande e subita procella,
Amaina, disse o mestre a grandes brados
Amaina, disse, amaina a grande vella,
Não esperam os ventos indinados
Que amainasssem, mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ser destruydo.

outro

Q 4

Oceo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Y2
O ceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente.
Toma gram summa dagoa pello bordo,
Alija disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, nam falte acordo,
Vão outros dar a bomba nam cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Y3
Correm logo os soldados animosos
A dar aa bomba, & tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, & forçosos,
A menear o leme nam bastaram,
Talhas lhe punhão dhña & doutra parte
Se aproueitar dos homens força & arte.

Y4
Os ventos eram tais, que nam poderam
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar entam vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que creceram,
A pequena grandura dhum batel,
Mostra a possante nao, que move espanlo
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

Anao

75
 A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
 Quebrado leua o masto pello meyo,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a saluar o mundo vejo:
 Não menos gritos vāos ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento.

76

Agora sobre as nuuens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que decião
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra e feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

77

As Alcioneas aues triste canto
 Iunto da costa braua leuantarão,
 Lembrando se de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe causarão:
 Os Delfins namorados entre tanto
 La nas couas maritimas entrarão,
 Fugindo aa tempestade, e ventos duros
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Nunca tam viuos ⁷⁸ rayos fabricou

Contra a fera soberba dos Gigantes,

O gram ferreiro sordido, que obrou

Do enteado as armas radiantes:

Nem tanto o gram Tonante arremessou

Relampados ao mundo fulminantes,

No gram diluvio, donde sós viueram

Os dous que em gente as pedras conuerteram.

de la lisa
Etamor. in
P. 1.

D. 1.
D. 2.

Denial
Etamor
P. 1.

79

Quantos montes entam, que derribaram

As ondas que batiam denodadas,

Quantas aruores velhas arrancaram

Do vento brauo as furias indinadas;

As forçosas raizes nam cuidaram

Que nunca pera o ceo fossem viradas,

Nem as fundas areas que podessem

Tanto os mares que encima as reuoluessem.

80

Vendo Vasco da Gama que tam perto

Do fim de seu desejo se perdia,

Vendo ora o mar ate o inferno aberto,

Ora com noua furia ao ceo subia,

Confuso de temor, da vida incerto,

Onde nenhum remedio lhe valia,

Chama aquelle remedio sancto & forte

Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

CANTO SEXTO

81
Divini guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar & terra senhoreas,
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo & defendeste
Das Syrtes arenosas & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pourador do alagado & vacuo mundo.

82

Se tenho nouos medos perigosos
Doutro Scylla & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baixos arenosos,
Outros Aeroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados,
Se esse nosso trabalho nam te offende,
Mas antes teu seruço so pretendo?

83

O ditoso aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostinueram
A sancta Fe, nas terras Mauritanas
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

Af3

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais atormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos nam cessauão,
Feros trouões que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Conigo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa Estrela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com ledâ fronte:
A deosa que nos ceos a gouernaua,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

86

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas nam sera, que auante leue
Tam danada tençam, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizenido, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimphas amoroſas
Grinaldas nas cabeças por de rosas.

Grinaldas

87
 Grinildas marida pôr de varias cores
 Sobre cabellos louros a porfia,
 Quem num dirá, que n'icem roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor infia:
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,
 Que mais fermosas vinham que as estrellas.

88
 Assi foy, porque tanto que chegaram
 A vista dellas, logo lhe falecem
 As forças com que dantes pellejaram,
 E ja como rendidos lhe obedecem:
 Os pés & mãos, parece, que lhe ataram
 Os cabellos que os rayos escurecem,
 ABoreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Oritia.

89
 Não creas, fero Boreas, que te creyo
 Que me tiueste nunca amor constante,
 Que brandura he de amor mais certo arreyo,
 Enam conuem furor a firme amante:
 Se ja nam pões a tanta infania freyo,
 Não esperes de my daqui em diante,
 Que possa mais amarre, mas temerte,
 Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assim esmo a fermoda Galatea

Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crè que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coraçam no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Ponco cuida que faz se logo abranda.

91

Desta maneira as outras amansauam
Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauam,
Amansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo rendo que amauam
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomadolhe omenagens
De lhe serem leais esta viagem.

92

Ia a manham clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gaeua os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ia fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vao do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra be de Calecu, se não me engano.

Esta

93
 Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que aparece:
 E se do mundo mais não desejais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece:
 Soffrer aqui nam pode o Gama mais,
 De ledo em ver que a terra se conhece,
 Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
 A merce grande a Deos agradeceo.

94
 As graças a Deos dava, & razam tinha
 Que nam somente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha
 Por quem tanto trabalho esperimentava,
 Mas via se liurado tam asinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhava
 O vento duro, feruido, & medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.

95
 Por meyo destes horridos perigos
 Destes trabalhos graues & temores
 Alcanção os que sam de fama amigos
 As honras immortais, & graos mayores:
 Nam encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores,
 Nam nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Mosconia Zebellinos.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

96
Não cos manjares nouos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que nam soffre a nenhum que o passo mude
Pera algua obra heroica de virtude.

97
Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

98
E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro ledo, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que assouia
Eleua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não virtude justa & dura.
Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,

Que experiencias fazem repousado,

E fica vendo, como de alto assento

O baixo traçô humano embaraçado,

Este onde tiver força o regimento

Direito, & nam de affeitos ocupado,

Subirà (como deve) a illustre mando,

Contra vontade sua, & nam rogando.

F I M.

Canto Septimo.



A se viã chegados

junto aa terra,

Que desejada ja de tantos forâ,

Que entre as correntes Indicas se
encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:

Ora sus gente forte que na guerra

Quereis leuar a palma vencedora,

Ja sois chegados, ja tendes diante

A terra de riquezas abundante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A vos, ò geração de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Nam digoinda no mundo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o ceo rotundo:
Vos, a quem nam samente algum perigo
E storua conquistar o povo immundo:
Mas nem cobica, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos çeos está em effencia:

3

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vossa nam pessais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
Aleia da vila eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas sam as sortes,
Que vos por muito prucos que sejais,
Muito facais na sancta Christandade:
Que tanto, ò Christo exaltas a humildade:

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que portam largos campos se apacentá,
Do successor de Pedra rebelado,
Nouo pastor, gran ceita inuenta:
Vedelos em feas guerras ocupado,
Que indaco cego error se nam contenta,
Nam contra o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelos

Vedelo duro Ingres, que se nomea
 Rei da velha & sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhora,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por entanto hum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terreste,
 Em quanto elle nam guarda a sancta lei,
 Da cidade Hieroselima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalos.

Achas que tēs direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão
 Enam contra o Cynisio & Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprouar da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra
 Erdaste, & as causas nam da justa guerras.

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

9
O miserros Christi os, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo de Sparzidos,
Que hūs aos ouros se dāo aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos:
Nam vedes a diuin a sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vostra antiga terra,
Fazendose famosos pola guerra?

10
Vedes que tem por uso & por decreto,
Do qual sam tam inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:
Entre vos nunca deix a fera Aleto
De famear cizanias repugnantes,
Olhay festais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos:
Se cobriga

CANTO SEPTIMO

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz yr conquistar terras alheas,
Nam vedes que Paclolo & Hermorios,
Ambos voluem auriferas areas,
Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
Affrica esconde em si luzentes veas,
Mouaos ja se quer riqueza tanta,
Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

12
Aquellas inuenções feras & nouas,
De instrumentos mortais da artelharia,
Ia deuem de fazer as duras prouas,
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Fazei que torne la aas siluestres couas,
Dos Caspios montes, & da Citia fria,
A Turca geraçam, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

13
Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
Bradando vos estão, que o pouo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do alcorão(duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriay de peito forte, & astuto,
E não queirais louuores arrogantes,
De serdes contra os vossos muy possantes,

OS LUSIADAS DE E. DE CA.

Mas em tantos que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Nam falecaram Christãos atreuitos
Nesta pequena casa Lusitana
De Africa tem maritimos assentos,
E na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos arce,
E se mais mundo ouuera la chegara.

E vejamos em tanto que acontece
A aquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraqueça
O furor vāo dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe apareça,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vem samear de Christo a ley,
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa myna terra se chegaram,
Leues embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu onde eram moradones:
Pera la logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar melhor, onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.

Alema

CANTO SETIMO

Além do Indo jaz, & à quem do Gange,
Hum terreno muy grande, & assaz famoso;
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauerno so.
Iugo de Reis diuersos o confirange
A varias leis: algüs o vicioso
Mahoma, algüs os Idolos adoram,
Algüs os animais, que entre elles morram.

18
La bem no grande monce, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes sam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Orios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

39
Entre hum & o outro rio: em grande espaço
Say da larga terra húa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta:
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Mas agora de nomes, & de vfança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Pátares, que em possança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua saluaçam nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra do Bengala.
Fertil de sorte que outra nam lhe igoalda.

O Reino de Cambaia belicofo
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndofo
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canarà viue seguro.

22
Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
So estende húa fralda estreita, que cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

CANTO SEPTIMO. 24

23
Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tam remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que alí nas ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
Fez concorrer a vello todo o pouo.

24
Entre a gente que a vello concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na regiāo da Berberia,
La onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vezinhança ja teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foy ja assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

25
Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana
Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
Tam longe da tua patria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a gram corrente,
Por onde a Lei diuina se acrecente.

Estantado

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Espantado ficou da gran viajem,
O mouro que Monçaide se chamaua;
Ouindo as opressoēs que na passajeim
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em sim, que a força da mensajem
Se pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E que em tanto que a noualhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria nam pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora ja a amizade,
Co elle come & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro tem conchece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

²⁹
 O Capitano abraça em cabo ledo,
 Ouindo clara a lingoa de Castella,
 Lunto de si o assenta, e prompto e quedo
 Pela terra pergunta, e cousas della:
 Qual se ajuntaua em Rodope o aruoredo,
 So por ouuir o amante da donzella
 Euridiçe, tocando a lira de ouro,
 Tala gente se ajunta a ouuir o Mouro.

30

Elle começa, o gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
 Nam he sem causa nō occulta, e escura
 Vir do longinco Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reinos tam remotos e apartados.

31

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum seruiço seu por vos obrado:
 Por isso so vos guia, e vos defende
 Dos imigos do mar, do vento yrado:
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diuerso pouo, rico e prosperado,
 De ouro luzente, e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente e speciaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

32
Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramà Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vniido & inteiro.

33
Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.

34
Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley pubrica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque nam lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos,

CANTO SEPTIMO.

119

A hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor
E os mais, a quem o mais serue & contenta
Hum so moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
Pera este Calecu somente fica,
Cidade ja por tracô nobre & rica.

36
Esta lhe dà co titulo excellente
De Emperador, que sobre os outros mande,
Isto feito se parte diligente,
Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
E daqui fica o nome de potente
Camorri, mais que todos digno, & grande
Ao moço, & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda & tem.

37
A ley da gente toda rica & pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andão nus, & somente hum pano cobre
As partes, que a cubrir natura ensina:
Dous modos ha de gente, porque a nobre
Naires chamados sam, & a menos digna
Poleás tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga.
Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vſiram ³⁸ sempre hum mesmo officio,
De outro nam podem receber conforto,
Nem os filhos teram outro exercicio,
Senam o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

39

Desta forte o Iudaico povo antigo
Nam tocaua na gente de Samaria,
Mais estranhezas inida das que digo
Nesta terra vereis de vſança varia,
Os Naires s̄os sam dados ao perigo
Das armas, s̄os defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre vſada
Na eſquerda a adarga, e na dereita a eſpadas

40

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Obſeruão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão couſa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abſtinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

Gerais sam as mulheres: mas somente
 Pera os da geraçam de seus maridos:
 Dito si condiçam, dito si gente,
 Que nam sam de ciumes offendidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

12

Assi contaua o Mouro: mas vagando
 Andaua a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandaua da verdade,
 Ia vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandara,
 O Capitam da armada que chegara.

13

Mas elle, que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detençā
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a ferrosoa diferença
 A vista alegra ao povo aluoroçado,
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, despois o fresco rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na praia hum reedor do Reino estaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
Na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito húa rica cama
Lhe offerece em que va, costume vsado,
Que nos hombros dos homens he leuado.

Desta arte o Malabar, destarte o Luso,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, & bem quisera
Perguntar: mas no tempo ja passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual bião fallando
Nas couzas que lhe o tempo offerecia,
Monçaidé entre elles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Assi pela cidade caminhando,
Onde húa rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo ja chegauão
Pelas portas do qual juntos entranão.

CANTO SEPTIMO.

Ali estam das deidades as figuras

Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o Demonio lhe fingia:
Vem se as abominaueis esculturas,
Qual a Chimera em membros se varia,
Os Christaos olhos a ver Deos vados
Em forma humana estam marauilhados.

18

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
Outro num corpo rostos tinha vnidos,
Bem como o antigo Iano se pintaua:
Outro com muitos braços diuididos
A Briarea parece que imitaua:
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Mensitico se adora.

19

Aqui feita do barbaro gentio
A supersticosa adoraçam,
Direitos vao sem outro algum desvio,
Pera onde estaua o Rei do pouo vao:
Engrossandose vai da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitam,
Estam pelos telhados & janellas
Velhos & moços, donas & donzellas.

Q

la

D. LUSÍNDAS DE L. DE CA.

Ia chegão perto, e não passos lento,
Dos jardins odoriferos fermoços,
Que em se escondem os regios apousntos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viviem os Reis daquella gente,
No campa e na cidade juntamente.

51

Pelos perais da certa a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade,
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

52

Estava hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspelaua,
Rege o ham capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirflos pelejaua,
Por elle edificada estaua Nisa.
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tam proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirà por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio;

Muy grande multidão da Assiria gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De húa tam bella, como incontinent.
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinentia.

54

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de Grecia gloriofas,
Terceira Monarchia, & sojogauão,
Ate as aguas Gangeicas vndofas:
Dum capitão mancebo se guiauão
De palmas rodeado valerosas,
Que janão de Filipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

55

Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreueram nossas historias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especularão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Edizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Nam valerà dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não valda gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz, da gente estranha
Sera tal, que serano mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.

57

Aſſi fallando entrauam ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nua camilha jaz, que nam fe igoala
De outra algua no prego & no lauor:
No recostado de ſlo fe aſſinala
Hum venerando & proſpero ſenbor;
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas fe adereça.

58

Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erua ardente:
Que a ſeu costume eſtaua ruminando:
Hum Bramene, pefſoa preminentē,
Pera o Gama vem com paſſo brando,
Pera que ab grande Principe o apreſente:
Que diante lhe acena que fe aſſente:

ad libitum

2

Sentado

Sentado o Gama ⁵⁹junto ao ríco leito,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estava o Samori no trajo e gento
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançando a graue voz do sabio peito,
 Que grande autoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, e do povo todo
 O Capitam lhe falla deste modo.

60

Hum grande Rei, de la das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura noda,
 Quuindo do rumor que la responde,
 O eco, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

61

E por longos rodeos ati manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelanda,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia.
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

62
E se queres com paçôs, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comerçio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Por que creçam as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reinos, fera certamente
De ti proueto, & delle gloria ingente.

63

E sendo assi que o no dest'a amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça;
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmão te tenha, & te conheça;
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima resposta.

64

Tal embaixada dava o Capitam,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de naçam
Tam remota, gran gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differe.
E que

que em tanto podia do trabalho
 Passado yr repousar, & em tempo breve
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei reposita alegre leue:
 La nisto punha a noite o usado atalho
 Aas humanas canseiras, porque ceue
 De doce sono os membros trabalhados,
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

⁶⁶
 Agasalhados foram juntamente
 O Gama, & Portugueses no apousente
 Do nobre Regedor da Indica gente
 Com festas & geral contentamento:
 O Catual no cargo diligente
 De seu Rei, tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

⁶⁷
 Tanto que os igneos carros do fermofo
 Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
 Manda chamar Monçайде, desejoso
 De poderse informar da gente noua:
 La lhe pergunta prompto & curioso,
 Se tem noticia inteira, & certa prona,
 Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse
Informaçam muy larga, pois fazia
Nisso seruço ao Rei, por que soubesse
O que neste negocio se fariam
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam faberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu nihbo, & o Sol no mar se banha.

69

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detimento
Da māy, tal que por bafo está aprovado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70

Porque elles com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rio Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memorauéis, & famosos:
Enam contentesinda, & na Africana
Parte, cortando os mares procellosos;
Nos nam querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades & altos muros.

Não

Nam menos tem mostrado esforço & manha,
 Em quaesquer outras guerras que acoteção,
 Ou das gentes beligeras de Espanha,
 Ou la dalgüs que do Pirene deção.
 Assi que nunca em fim com lanca estranha
 Se tem, que por vencidos se conheção,
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello,
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

72

E festa informação nam for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja & offende:
 Vay verlhè a frota, as armas, & a maneira:
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaras de veres a policia
 Portuguesa na paz & na milicia.

73

La com desejos o Idolatra ardia,
 De ver isto, que o Mouro lhe contaia,
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria
 Os lenhos em que o Gama nauegaua:
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geragam, que o mar coalhaua,
 Aa Capitânia sobem forte & bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras

Dorico fio sam, que o bicho gera,

Nellas estam pintadas as guerreiras

Obras, que o forte braço ja fizera:

Batalhas tem campais aventureiras,

Desafios crueis, pintura fera,

Que tanto que ao gentio se apresenta,

A tento nella os olhos apacenta.

75

Pelo que ve perguntu: mas o Gama

Lhe pedia primeiro que se assente,

E que aquelle deleite que tanto ama

Aceita Epicuria, esperimente:

Dos espumantes vasos se iderrama

O licor, que Noe mostrara aa gente:

Mas comer o Gentio nam pretende,

Que aceita que seguia lho defende.

76

A trombeta que em paz no pensamento;

Imagen faz de guerra, rompe os ares,

Co fogo o diabolico instrumento,

Se faz ouvir no fundo la dos mares:

Tudo o Gentio nota: mas o intento

Mostra a sempre ternos singulares,

Fetos dos homens, que em retrato breve

A mudia poesia ali descreue.

Alçase

CANTO SETIMO.

126

Alçase em pé, co elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujo nome nam pode ser defuncto
Em quanto ouuer no mundo trato humano;
No trajo a Gregoriana esta perfeita,
Hum ramo por insignia na dereita.

78

Hum ramo na mão tinha; mas o cego
Eu que cometô insano, & temerario,
Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

79

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos
Agora o mar, agora esperimentando
Os perigos Maiorci & inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Nua mão sempre a espada, & noutra a pena

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospicios alheios degradado.
Agora da esperanca ja ndquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado.
Que não menos milagre foi soluarse,
Que pera o Rei ludaico acrecentar se.

81

E ainda Nymphas minhas não baixava,
que tamanhas misérias me cercassem:
Seniam que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me enuentaram,
Com que em tam duro estado me deixaram.

82

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando gloriaos;
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espantar engenhos curiosos,
Pera porrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vossa fauor me nam falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuersos engrandeça:
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
 Que nam no empregue em quē o nam mereça
 Nem por lisonja louue algum subido,
 Sob pena de nam ser agradecido.

84

Nem creais Nímphas nam que fama desse
 A quem ao bem camum, & do seu Rei
 Anteposer seu proprio interesse:
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercícios
 Vfar mais largamente de seus vicios.

85

Nenhum que vse de seu poder bastante
 Pera seruir a seu desejo feio,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veio,
 Por contentar o Rei no officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

O
OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nem quem acha que he justo & que he devido
⁸⁶
Guardase a ley do Rei severamente,
E nam acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruile gente.
Nem quem sempre com pouco experio peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Per a taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

87

Aquelles sos direy que auenturaram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida.
Onde perdendoa, em fama a dilataram,
Tambem de suas obras merecida:
Apolo, & as Musas que me acompanharam,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM.

ombed Feboniedm dnoos & oddig
soffimplos 19119q adyentis qntz za

Canto Octauo.



A primeira figura
se detinha
O Catual, que vira estar pintada.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano Sabio lhe interpreta.

2

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Foy filho & companheiro do Thebano,

Que tam diuersas partes conquistou

Parece vindo ter ao ninho Hispano,

Segundo as armas que contino usou,

Do Douro, Guadiana o campo usou;

Ia dito Elisio, tanto o contentou

Que ali quis dar, aos ja cansados ossos

Eterna sepultura, & nome aos nossos.

12

13

O ramo que lhe ves pera diuisa,

O verde Tyrso foy de Baco usado;

O qual aa nossa idade amostra & auisa

Que foi seu companheiro & filho amado.

Ves outro, que do Tejo a terra pisa,

Despois de ter tam longo mar arado,

Onde muros perpetuos edifica,

E templo a Palas, que em memoria fica.

5

Vlisses he o que faz a sancta casa

Aa Deosa, que lhe da lingoa facunda,

Que se lâ na Asia Troia insigne abrâa,

Can Europa Lisboa ingente funda;

Quem sera estoutro ca que o campo arrasa

De mortos, com presenca furibunda?

Grandes batalhas tem desbaratadas,

Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

Aſſo Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor ja foi de gado,
 Viriato ſabemos que ſe chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderam
 O primor que com Pirro ja tiveram.

7
 Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os eſpanta,
 Que o grāde aperto em gente, inda q̄ honrosa
 As vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yroſa
 Degradado com nosco ſe aleuanta,
 Eſcolheo bem com quem ſe aleuantasse
 Pera que eternamente ſe illuſtrasse.

8
 Vés com nosco tambem vence as bandeiras
 Deffas aues de Iupiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos ſouberam ſer vencidas:
 Olha tam ſotis artes & maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingindas
 A fatidica Cerua que o auifa,
 Elle he Sertorio, & ella a ſua diuifa.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros;
Nos Vngaro o fazemos, parem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros;
Despois de tercos Mouros superado.
Galegos, & Leoneses canalleiros,
A acasa Sancta passa o Sancto Enrique,
Porque otronco dos Reis se sanctifique.

10
Quem he me dize est outro que me espanta;

Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destroçados:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, & estandartes.

11
Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,

Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio jura a fama,
De mais não celebrar nem hum de Roma;
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

Se

¹²
Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram,
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram,
Os que desbaratava este excellente,
Nam creas que seus nomes se estenderam
Com glorias imortais tam largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Ve que os de seus vassalos sam notaueis:

¹³
Este que ves olhar com gesto yrado,
Pera o rompido alumno mal sifrido,
Dizendo lhe que o exercito espalhado,
Recolha, & torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas moniz se chama o forte velho
Pera leais vassalos claro espelho.

¹⁴
Vello ca vai cos filhos a entregarse,
Acorda ao colo, nu de seda & pano,
Porque nam quis o moço fogeitarse,
Como elle prometera ao Castelhano:
Fez com siso & promessas levantar se
O cerco que ja estava soberano,
Os filhos & mother obriga aa pena,
Pera que o senhor salve, a si condena:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nam fezo Consultanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorant.¹⁵
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante.¹⁶
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constantez.¹⁷
E toutro assi, & os filhos naturais,
E a conforte sem culpa, que doe mais.¹⁸

Ves este que faindo da cilada,
Dá fibre o Rei que cerca a villa forte,
Ia o Rei tem preso, & a villa descerçada
Illustr feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada.¹⁹
No mar tambem aos Mouros dando a morte
Tomandolhe as galés, leuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.²⁰

Edom Euas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra.²¹
De Abila, mas gales da Maura gente,
Olha como entao justa & sancta guerra.
De acabar pelejando està contente.²²
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.²³

Não

¹⁸ Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro

Trajo, sair da grande armada noua,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta proua;
Olha Enrique famoso caualleiro,
A Palma que lhe nasce junto aa coua,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos sam os Martyres de Christo.

19

Hum Sacerdote ve brandindo a espada,
Contra Aronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quem por Maphamede enrista a lança;
He Teotonio Prior: mas ve cercada
Sanctarem, e veras a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

20

Vello ca donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferez mata,
E Hispalico pendam derriba em terra,
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pay cos ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Olha aquelle que dece pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cílada esconde, com que alcançá
Acílade por manhas & ouſadias.
Ells por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo ſem pauor he o forte peito.

22

Nam vés dum Castellano, que agrauado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mauros he deitado.
De Portugal fazendose inimigo
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo;
Mas vè que bum Portugues com pouca gente
O desbarata & o prende ouſadamente.

23

Martim Lopez se chama o caualleiro,
Que destes leuar pode a palma & o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro;
Vello entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o simul no ceo que lhe aparece,
Com que nos poucos ſeus o eſforço crece.

Ves.

CANTO OCTAVO. 25

Ves vāo os Reis de Cordoua e Sevilha,
Rotos, os outros doui, e nam de espago;
Rotos? mas antes mortos, marasulha
Feixa de Deos, que nam de humano braç.
Ves ja a villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

25

Olha hum Mestre que deçe de Castella,
Portugues de naçam, como conquista
A terra dos Algarues, e ja nella
Nam acha que por armas lhe resista;
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma a escalla vista:
Ves T'aula tomada aos moradores,
Em viugança dos sete caçad'res.

26

Ves com belica astucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente,
He dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueja a gente
Mas nam passes os tres q̄ e Frâça e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

27
Velloz co nome vem de auentureiros,
A Castella, on ie o preço sos leuaramoço
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algus se exerçitaram,
Vê mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiam,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode nam temer a ley Letea.

28
Atenta nun que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do prouo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu naturol, & nam de albeyo.

29
Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sandia Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencero pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso, & o Goadiana habita.

Mas

Mas nam ves quasi ja desbaratado,
 30
 O poder Lusitano , pela ausencia
 Do Capitam deuoto, que apartado
 Orando inuoca a summa & trina essencia:
 Vello com pressa ja dos seus achado,
 Que lhe dizem que lhe falta resistencia
 Contra poder tamanho, & que viesse,
 Por que consigo esforço aos fracos desse.

31

Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda nam era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouuindo que a possançā
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura noua estaua dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

32

Se quem com tanto esforço em Deas se atreue,
 Ouuir quiseres como se nomea,
 Portugues Capitam chamar se deve:
 Mas mais de dom Nuno Alvarez se arrea,
 Dito sa patria que tal filho teue.
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres & Neptuno,
 Sempre suspirara por tal aluno.

Na

O 0
OS LUSIADAS DE L. DE CA.

33
Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuauam roubado ou sadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha.
Destes, só por lixar com amor ardente
O priso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroa,

34
Olha este desleal o como paga
O perjuro que fez e vil engano,
Gil Fernandez he de Elias quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alago
Co sangue de seus donos Castelhano:
Mas olha Rui Pereira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto,

35
Olha que dezessete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Parem logo sentiram com seus danos,
Que nam só se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.

Sab se.

Sabese antigamente que trezentos ³⁶ mil Romanos
 La contra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atrevidamentos
 De Viriato tanto se illustraram,
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraueis, de erança nos deixaram,
 Que os muitos por ser poucos nam temamos
 O que despois mil vezes amosiramos.

37

Olha cadous Infantes Pedro & Henrique,
 Pragenie generosa de Ioane,
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, & desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

38

Ves o Conde dom Pedro que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Ves outro Conde está que representa
 Em terra Marte, em forças & oufadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alcagere da ingente companhia:
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam:
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes criam,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desviam,
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquellos pais illustres que ja deram
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Legos, que dos trabalhos que tiueram,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descanjos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham,
Culpa de Reis, que as vezes a priuados
Dão mais que a mil, q esforço & saber tenha
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe nam conuenham,
E como a seu contrario natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que á com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com custumes altos & excellentes
 Sustentam a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor nam clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escuras
 Mas destes acha poucos a pintura.

13

Assi está declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos & dereitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouvia,
 As gostosas batalhas que ali via.

14

Mas ja a luz se mostraua duuidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do Orizonte & luminescencia
 Leuana aos Antipodas o dia,
 Quando o Gentio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos

Na falsa opiniam, que em sacrificios

Anteuem sempre os casos duuidos,

Por sinais diabolicos, & indicios

Mandados do Rei proprio, estudosos

Exercitauam a arre & seus officios,

Sobre esta vinda desta gente estranha;

Que as suas terras vem da ignota Espanha.

16
Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,

De como a noua gente lhe seria

Iugo perpetuo, eterno catiueiro,

Destruicam de gente, & de valia:

Vaise espantado o atonito agoureiro

Dizer ao Rei (segundo o que entendia)

Os sinais temerosos que alcançara

Nas entradas das viélimas que oulhara.

17
A isto mais se ajunta que hum deuoto

Sacerdote da ley de Maphamede,

Dos odios concebidos nam remoto,

Contra a diuina Fe, que tudo excede,

Em forma do Propheta falso & noto,

Que do filho da escraua Agar procede,

Baco odioso em sonhos lhe aparece,

Que de sens odiosinda se nam dece.

E diz

CANTO OCTAVO: 136

E diz lhe assi, guardaios gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado
Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gran legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei que eu dey ao nescio pouo humano;

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro & ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Seraizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agaren.
Salea da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrara resto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

52

Diueros pareceres & contrarios

Ali se dão segundo o que entendiam,
Astutas trações, enganos varios,
Perfidias inuentauam & teciam;
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruijam da gente pretendiam,
Por manhas mais fotis & ardis melhores
Com peitas adquerindo os regedores.

53

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas

Conciliam da terra os principais,
E com razões notaveis & discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinias.

O quanto

O quanto deve o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Por que como este posto na superna
 Cadeira, pode mal dos aparatados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingoa conselheira.

55

Nem tam pouco direy que come tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde manejo
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hū bom em tudo he justo & sancio
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderá ter conta,
 A quieta inocencia, em so Deos pronta.

56

Mas aquelles auaros Catuaís
 Que o Gentilico pouco gouernauam,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues desfacho dilatauam:
 Mas o Gama, que nam pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauam,
 Que leuar a seu Rei hum final certo
 Do mundo, que deixá descuberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas & naos, & gente mandaria,
Manoel, que exercita a summa alieza,
Com que a seu jugo & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle nim era mais que hum diligente,
Descobridor das terras do Oriente.

58
Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa & indina
Nam era desphantar se desphantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Monros.

59
Este temor lhe esfriu o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe acende & atiza;
Que bem vê que grandissimo proueito
Fará, se com verdade & com justica
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achaua muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes.
 O grande capitam chamar mandava,
 A quem chegado disse, se quiseres
 Confessarme a verdade limpa & nua,
 Perdam alcançaras da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
 Que de teu Rei me desfe, que he fingida:
 Porque nem tu tens Rei, nem patria amada:
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hisperia ultima alongada
 Rei, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometer com naos & frotas
 Tam incertas viagens & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
 O teu Rei tem a regia majestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com peças & dões altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que final nem penhor não he bastante,
 As palauras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DE LOPE CA

64
Se por ventura vindes desterrados,
Como ja foram homens d'alta sorte,
Em meu Reino sereis agos alhados,
Que toda a terra he patriza p'ra o forte:
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infania, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

65
Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insidias que ordenava:
O Mahometico odio, donde vinha:
Aquillo que tam mal o Rei cuidava:
Cua alta confiança, que cominha,
Com que seguro credito alcançava:
Que Venus Acidalia lhe influia:
Tais palavras do sabio peito abria:

66
Se os antigos delitos, que a malicia:
Human a cometeeu: pi'sca idade
Nam cansiram, que o vaso da iniquicia:
Açoute tam cruel da Christandade:
Viera por perpetua inimicicia:
Na geraçam de Adão, co a falsidade:
O poderoso Rei da torpe seita,
Nam conceberas tu tam m'a suspeita:

Mas por que nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes opressões, & em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade : sem respeito
 Das razões em contrario que acharias
 Senão cresses a quem nam crer denias.

67

Por que se eu de rapinas so viuesse
 Vndiuago, ou da patria desterrada,
 Como cres que tam longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Por que esperanças, ou porque interesse,
 Viria esperimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradoress.

68

Se com grandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q̄ a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & reino amigo
 Então verás o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

OS LUSIXDAS DE L. DE CA.

Se te parece impinada feito,
Que Reida ultimā Hispania ati me mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenhum qſo possibil tem por grande.
Bem parece que anobre & gran conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortalezas.

70

Sabe que ha muitos annos, ique os antigos
Reis nſſos firmemente propuserão
De vencer os trabaldoſ, & perigos,
Que sempre as grandes coſas ſe apuſerão
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, preteuerão
De ſaber que ſim tinham, & onde eſtavam
A derradeiras praias que lauauam.

71

Conceito digno foi do ramo claro aberto morado
Do ventur ſa Rei, que arrou primeiro. O
O mar, poꝝ yr deitar do niubo caro
O morador de Abila derradeiro:
Este poſſui industria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descoberir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Idra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crecendo

Crescendo eos successos bons primeyros
 No peyo as oysadias descobriram
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros;
 Que hns succedendo aos outros proseguiram:
 De Africa os moradores derradeyros.
 Austrais, que nunca os sete flaminhas viram,
 Forão vistos de nos, afars deixando
 Quantos eslam os Tropicos queymando.

73

Assi com firme peyo, & com tamanko
 Proposito vencemos à Fortuna,
 ate que nos no seu terreno estranho
 Viemos por a ultima coluna:
 Rompendo a força do liquido estanho
 Da tempestade horrifica, & importuna
 Ati chegamos, de quem se queremos
 final, que no nosso Rey de ti leuemos.

74

Esta he a verdade Rey, que nam faria
 Por tam incerto bem, tam fraco premio
 Qual, nam sendo isto assi, esperar podia,
 Tam longo tam fregido, & vao proemio:
 Mas antes descanfar me deixaria
 No nance descanfado & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alhejos feysto rico.

S 4

Assique

OS LV STADAS DE L. DE CA.

Assique ô Rey, se minha grão verdade
Tês por qual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E seinda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode ver se,
Que facil he a verdade dentender se.

76

Atento estaua o Reyna segurança,
Com que prouava o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal julgados.

77

Iuntamente a cobiça do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
Ofaz obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & nam co Mauro engano,
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgūa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Ia da Real presençā veneranda
 Se parte o Capitam, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcaçam, que a sua esta de largo.

79

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que nouos laços
 Lhe machinaua, nada lhe concede,
 Interpondot tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

80

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcaçam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na matençam dos Mouros, torpe & fera;
 O que delle ate li ñam entendera.

Era

OS LUSIADAS DE L. DE CARVALHO

Era este Catual, hum dos que estauam

Corrutos pela Maumetana gente,

O principal por quem se gouernauam

As cidades do Samorim potente;

Delle somente os Mouros esperauam

Efeito a seus enganos torpemente,

Elle, que no concerto vil conspira

De suas esperanças nam delira;

§2

O Gama com instancia lhe requere

Que o mande por nas naos, & nam lhe val,

E que assilho mandara, lhe refere,

O nobre successor de Perimal:

Porque razam lhe impede & lhe difere

A fazenda trazer de Portugal,

Pois aquillo que os Reis ja tem mandado

Nam pode ser por outrem derrogado?

§3

Pouco obedece o Catual corruto

A tais palauras, antes reuoluendo

Na fantasia algum futil, & astuto,

Engano diabolico, & estupendo,

Ou como banhar passa o ferro bruto

No sanguue auorrecido, estaua vendo,

Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,

Porque nenhua aa patria mais tornasse!

Que

CANTO OCTAVO

VI 249

Que nenhum torne aa patria so pretende

O conselho infernal dos Maumetanos,

Porque nam saiba nunca onde se estende

A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:

Não parte o Gama em fim, que lho defende

O Regedor dos barbaros profanos,

Nem sem licença sua yrse podia,

Que as almádias todas lhe tolbia.

85

Aos brados & razões do Capitam;

Responde o Idolatra, que mandasse

Chegar aa terra as naos, que longe estam,

Porque melhor dali fosse, & tornasse:

Sinal he de inimigo, & de ladram,

Que la tam longe a fruta se alargasse,

Lhe diz, porque do certo & fido amigo

He nam temer do seu nenhum perigo.

86

Nestas palauras o discreto Gama

Enxerga bient, que as naos desja perto

O Catual, porque com ferro, & flama

Lhas assalte, por odio descuberto:

Em varios pensamentos se derrama:

Fantasiando está remedio certo,

Que desse a quanto mal se lhe ordenava,

Tudo temia, tudo em fin cuidava

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE GA.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminosa,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e ali, e dessossegado.

88

Tal o vago juyzo fluetuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara;
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixara,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

89

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,
Imitar os illustres, e igoatalos.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar perigos, e uitallos;
Com militar engenho, e sutil arte
Entender os imigos, e enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

Insiſte o Malabar em telo preſo,

Senão minda chegar a terra a armada,

Elle conſtanſe, e de yra noſtre acſo,

Os ameaços ſeus nam tem nida:

Que ante quer ſobre ſi tomar o pſo,

De quanto mal a vil malicia ouſada

Lhe andar armada, que por em ventura

A frota de ſeu Rei, que tem ſegura.

91
Aquelle noite eſteue ali detido,

E parte do outro dia, quando orſenç

De feitoriar ao Rei: mas impedido

Foy da guarda que tinha não pequena:

Cometelhe o Gentio outro partiſo,

Temendo de ſeu Rei castigo, ou pena,

Se ſabe esta malicia, a qual aſinba

Saberá, ſe mais tempo ali o detinha:

92.

Diz lhe que man le vir toda a fazenda

Vendibil, que trazia, per a terra,

Pera que de vagar ſe troque e vende,

Que quem nam quer comércio busca guerra:

Posto que os maos prepoſitios entenda

O Gama, que o danado peito encerra,

Consente, porque ſabe por verdade,

Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertaſe

OS LVSTIADAS DE L. DE CAI

93
Concertāse que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis nam quer auenturar,
Onde lhos tome o imigo , ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana , que conuenha,
Escreue a seu yrmão , que lhe mandasse
A fazenda , com que se resgatasse.

94
Vem a fazenda a terra , aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Coella ficam Aluaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigaçam , que mando & rogo.
No peito vilo premio pode & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Poiso Gama soltou pela fazenda.

95
Por ella o solta , crendo que ali tinha
Penhor bastante , donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitam mais tempo detivesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra , porque nam podesse
Ser mais retido , sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixá desconsgado.

Nas

Nas naos estar se deixá vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que nam se fia ja do cobiçoso
 Regedor corrompido & pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sò por ficar senhor do gram tesouro:
 Entra, pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acriso a chuua douro:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 que a troco do metal luzente, & louro,
 Entreza aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afogada empago morre

98

Este rende munid is fortalezas,
 Faz tredores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 Entrega Capitães aos inimigos;
 Este corrompe virginalis purezas,
 Sem temer de honra, ou fama alguns perigos,
 Este deprausa vezes ás ciencias
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que futilmente
os textos este faz & desfaz leis:

Este causa os perjurios entre a gente:

E mil vezes tiranos torna os Reis.

Ate os que so a Deos omnipotente

Se dedicão, mil vezes ouuireis,

Que corrompe este encantador, & illude;

Mas nam sem cor com tudo de virtude.

FIM.

Canto Nono.

Iuerão longamen-

te na cidade

Sem vender se a fazenda os doce
us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade

Fazem, que nam lha comprem mercadores;

Que todo seu proposito, & vontade

Era, deter alios descubridores

Da India, tanto tempo que viesssem

De Meca as naos, que as suas desfizesssem.

Lano

CANTO NONO.

2
Lano seio Eritreo, onde fundada
Arslane foi do Egipcio Ptolomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se conuerteo,
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meça, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, & profana,
Da relegiosa agoa Maumetana.

3

Gida se chama o porto, donde o trato
De todo o roxo mar mais florecia,
De que tinha proueto grande, & grato
O Soldão que esse Reino possuia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria viem buscar cada anno.

11
Por estas naos os Mouros e sperauam,
Que como fossem grandes & possantes
Aquellas, que o comércio lhe tomauam,
Com flamas abrasarem crepitantes:
Neste socorro tanto confiavaam,
Que ja nam querem mais dos nauegantes,
Se nam que tanto tempo ali tardasssem,
Que da famosa Meça as naos chegassem.

T

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Gouernador dos ceos, & gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dà conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influios piados accidentes
De aff içam em Monçaise, que guardado
Estava pera dar ao Gama aujo,
E merecer prissão o Paraíso.

Este de quem se os Mouros nam guardaião,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinaião,
A tençam lhe desfobre torpe & fera:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informo o cauto Gima das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora sam dos Jeus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremito,
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama

CANTO NONO.

O Gama que também considerava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho ja nam esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos amava:
Aos feitores, que em terra estão, mandaua
Que se tornem aas naos: E porque a fama
Desta subita vinha os nam impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

9
Porem nam tardou muito, que voando
Hum rumor nam soasse com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Foram sentidos virse da cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio capitam, com breuidade
Faz represaria nus, que aas naos vierão,
Avender pedraria que trouxerão.

10
Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, e conhecidos
Da falta delles, logo entre os milbores
Sentido foi, que estão no mar retidos:
Mas ja nas naos os bôs trabalhadores,
Voluem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, hûs puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros pendem da verga, & ja desfam
Avella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatava
A pressa, com que a armada se leuava:
As molheres & filhos, que se matam
Daquelles que vão presos, onde estaua
O Samorim, se aquerção que perdidos
Hústem os pais, as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos imigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as desculpas, & tornando
Algūs negros, se parte as vellas dando.

13

Parte se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava,
En querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o comercio que tratava:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixava,
Com estas nouas torna aq[ue] patria cara,
Certos sínus leuando do que achara.

Lxxviii

Leua algüs Malibares, que tomoio
 Per força, dos que o Sàmorim mandara,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que comprára:
 A seca flor de Banda nam ficou,
 A Noz, & o negro crauo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Com que Ceilão he rica illuslre & bello,

15

Isto tudo lhe ouiuera a diligênciia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo que se escreua,
 O ditoso Africano, que a clemênciia
 Diuina assi tirou descura treua,
 E tam longe da patria achou maneira,
 Pera subir aa patria verdadeira.

16

Apartadas assi da ardente costa,
 As venturofas naos, levando a prom.
 Pera onde a natureza tinha posta
 A Meta Austrina da esperança boa,
 Levando alegres nouas & reposta,
 Da parte Oriental per Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar interto, temilos & ledos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

17
O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Navegaçam, os varios çeos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tām longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum, temp por gosto tom perfeito,
Que o coração para elle he vase estreito.

18
Porem a Deos & Cipria, que ordenada
Era per a auor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dala
Que sempre os guia ja de longos annos;
A gloria por trabalhos el lancada,
Satisfaçam de bem sofridos danos,
Lhe andava ja ordenando, & pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

19
Despois de ter hum pouco reholido
Na mente o largo mar que navegarāram;
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causaram;
La trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passaram,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, & manso.

Algum

Algum repouso em fim, com que podesse
 Refucitar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parecelhe razam que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

21

Isto bem reuoluido, determina
 De terthe aparelhada la no meio
 Das agoas, algua insula diuina
 Ornada de sinalado & verde arreioz
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que posse soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanas.

22

Ali quer que as aquaticas donzellias,
 Esseiem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titolo de bellas,
 Gloria dos olhos, eor dos corações,
 Com danças, & coreas, por que nellas
 Influira secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De consentar a quem se offeçoarem.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tal marinhabuscou ²³ ja, pera que aquelle
Que de Achises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de esp. 1ç0, por futil partido:
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assi como naquella empreſa antiga
A ajudou ja, nestoutra a ajude & ſiga.

24

No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ji foi conuertida
Perifera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deos, ja partida,
No ar lisiuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa o ar, & o vento
Sereno faz, com brando mouimento.

25

Ia sobre os Idalios montes pendê,
Onde o filho frecheiro estaua entam,
Ajuntando outros muitos, que pretendê
Fazer húa famosa expedicam
Contra o mundo reuelde, porque emende
Erros grandes, que ha dicas nelle estam,
Amando couſas que nos foram dadas,
Nam pera ser amadas, mas uſadas.

Via

Via Aæleon na caça, tam austero,

De cego na alegria bruta, insana,

Que por seguir hum feo animal fero;

Foge da gente, & bella forma humana;

E por castigo quer doce, & seuero,

Mostra lhe a fermosura de Diana,

E guarda se nam seji iinda comido

Desses cães que agora ama, & consumido.

27

E vê do mundo todos os principais,

Que nenhum no bem publico imagina,

Vê nelles, que nã tem amor a mais

Que a si somete, & a quem Philaucia insinua

Vê que esses que frequentam os reais

Paços, por verdadeira & saã doctrina

Vendem adulaciam, que mal consente

Mondar se o nouo trigo florecente.

28

Vê que aquelles que deuem aa pobreza

Amor diuino, & ao pouo charidade,

Amão somente mandos, & riqueza,

Simulando justiça, & integridade:

Da fea tyrania & de a spereza

Fazem direito, & vaã seueridade:

Leis em fauor do Rei se establecem,

As em fauor do pouo so perecem.

Vœus

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vem fim que ninguem ama o que deue,
Se nam o que somente mal deseja,
Nam quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe nam for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estao em varias ondas trabalhando,
Hus amolando ferros passadores,
Outros astreas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estam de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & conciada,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauam,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações arlendo estauam,
Viuaas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauam,
Lagrimas sam de miserios amantes,
Aviua flama, o nunca morto lame,
Desejo he so que queima, & não consome.

Alouas

Algūs exercitando a mão ar diuam,
 Nos duros corações da plebe ruda;
 Crebros s̄ospiros pelo ar soauam,
 Dos que feridos vāo, da seta aguda,
 Fermosas Nymphas sam as que curauam
 As chagas recebidas cuj i ajuda
 Nam somente dà vida aos mal feridos:
 Mas poem em vida os inda nam nascidos.

33

Fermosas sam algūas & outras feas
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curão no aas vezes asperas tiagias
 Algūs ficam ligados em cadeas,
 Por palauras fuitis de sabias Magas;
 Isto acontece aas vezes quando as setas
 Acertam de leuar eruas secretas.

34

Destes tiros aſſi desordenados,
 Que estes moços mal destros vāo tirando;
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o pouo ferido miserando
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando;
 Qual o das moças, Bibli & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria hum de Iudea.

E vos

OS L VSIADAS DE L. DE CAI

35
E vos ô poderosos por pastoras

Muytas vezes ferido o peyto vedes,

E por bayxos, & rudos vos senhoras

Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,

Hūs esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados & paredes,

Mas eu creyo que deste amor indino,

He mais culpa a da māy, que a do minino;

36

Mas ja no verde prado o carro leue

Punhão os brancos Cisnes mansamente,

E Dione, que as rosas entre a neue

No rosto traz, dicia diligente.

O frecheiro, que contra o céo se atreue,

A recebella vem, ledo, & contente,

Vem todos os cupidos seruidores,

Beyjar a mão aa Deosa dos amores.

37

Ella por que nam giste o tempo em vāo,

Nos braços tendo o filho, confiada

Lhe diz, amado filho, em cuja mão

Toda minha potencia está fundada:

Filho em quem minhas forças sempre estão,

Tu que as armas Tifeas tēs em nada,

A socorrerme a tua potestade

Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
 Que en ja de muito longe fauoreço,
 Porque das Parca sey minhas amigas,
 Que me ande venerar & ter em preço,
 E porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder n'esso.

39
 E porque das insidias do odio so
 Baco foram na India molestados,
 E das injurias sós do mar vndoso,
 Poderão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, querer que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

40
 E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 Da mor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo,
 Todas núa illa juntas & subidas,
 Illa que nas entranhas do profundo
 Oceano, terá apparelhada,
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

OS LUSIADAS DE L. DE CAS

Ali com mil refrescos & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas;
Em fim com mil deleites nam vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
D'amor feridas, peralhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobicassem.

12.

Quero que aja no reino Neptonino
Onde eu nasci, progenie forte & bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella.
Mal auera na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas aguas arde.

13.

Afí Venus propos, & o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebei
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga aas aues, cujo canto
Ha Phaeontea morte choiu tanto.

Mia

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Húa famosa, & celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes the he contraria,
 Outras muitas ha tem por companheyra;
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Laetante, mintirosa, & verdadeyra,
 Que com cem olhos ve, & por onde voa
 O que ve com mil bocas apregoa.

115

Vão a buscar, & mandam a dianite,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louuores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrinem celebrara:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se es albára,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

116

O louuor grande, o rumor excellente
 No coração dos Deoses, que indin idos
 Forão por Baco contra a illusltre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
 O peyto feminil, que leuemente
 Muda quaesquer propositos tomados.
 Ia julga por mao zelo, & por irueza
 Desear mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas
Húa apos outra, gême o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algúas vão, & algúas fazem giros: O
Caem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhos ardentesissimos sospiros, B.I.
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama. P.O

118

Os cornos ajuntou da eburnea Lúa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhúa,
Porque mais que nenhúa lhe era esquinaz,
Ja não fica na aljua seta algúia
Nem nos equoreos campos Nympha viua,
E se feridas inda estam viuendo,
Sera pera sentir que vão morrendo. O.Q

119

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina;
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor aa flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta. O.P.C

13

la todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, & junto caminhaua
 Em coreas gentis, ysanga velha,
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
 Ali a fernaosa Densa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava,
 Ellas que vao do doce amor vencidas,
 Estam a seu conselho offerecidas.

51
 Cortando vao as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada;
 Descjando prouerse de agoa fria,
 Pera a grande viagem prolongada:
 Quando juntas com subita alegria,
 Ouueram vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo ceo a mai fernaosa
 De Menonio, suave & deleitosa.

52
 De longe a ilha viram fresca & bella,
 Que Venus pelas ondas lha leuaua.
 (Bem como o vento leua brinca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergaua,
 Que por que nam passassem, sem que nella
 Tomasssem porto, como di s' jaua,
 Pera onde as naos nauegao a mouia
 A Accidalia, que tudo em sim podia:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas firme a fez & imobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa a caça usada;
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia húa enseada
Curua & quieta; cuja branca area
Pintou de ruinas conchas Cyterea.

50
Tres fermosos outeiros se mostrauam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo e smalte se adornauam,
Na fermeza ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauam
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriuam,
A sonorosa Limpha fugitiva.

55
Num valle ameno, que os outeiros fende
Vinhama as claras agoas ajuntar se,
Onde húa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredo gentil sobre ella pendê,
Como que prompto está pera afeitarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil

CANTO NONO

56
Milaruores estam ao ceo subindo;
Com pomos odoriferos & bellos,
A Larangeira tem no fructo lindo
Acor, que tinha Daphne nos cabellos;
Encostase no chão, que está caindo
A Cidreira cos p'los amarellos,
Os fermosos limões ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.

57
As cruores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
Da louro Deos amados, & queridos
Mirtos de Cytereia, cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
E lá apontando o agudo Cipariso
Pera onde he posto o Etereo paraíso.

58
Os dores que dá Pomona, ali natura
Produze diferenças nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dam muito melhores.
As Cerejas porpuras na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Abre a Româ, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes.
Entre os braços do Vlmeiro está a jocunda
Vide cūs cachos roxos, & outros verdes:
E vos se na vossa aruore fecunda
Peras pyramidalis viuer quiserdes,
Entregaiuas ao dano, que cos bicos
Em vos fazem os passaros inicos.

60

Pois a rapécaria bella & fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o flor Cyfisia inclina,
Sobollo tanque lucido & sereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

61

Pera julgar distilcoufa fora,
No ceo vendi, & na terra as mesmas core;
Se diua aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a ell aas bellas flores:
Pintando estaua ali Zefiro & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, & fresca Rosabella,
Qual reluzen nas faces da donzella.

A can-

A candida Cecem das Maturinas

Lagrimas ruciadas, & a Manjarona,
Veuse as letras nas flores Hyacintinas,
Vam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos & boninas
Que competiu Cloris com Pomona:
Pois se as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouvão.

63

A longo da agoa o niueo Cisne canta,
Respon lethe do ramo Philomena,
Di sombra de seus cornos nam se espanta
Acteon nágoa cristalina & bella:
Aqui a fugace Lebre se leuanta
Da espessa mata, ou temido Gazella,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leue passarinho.

64

Nesta frescura tal desembarcaram
I das naos os segundos Argonautas,
Onde pola floresta se deixaram
Andar as bellas Deivas como incautas,
Algumas doces Cytaras tocavam,
Algumas arpás, & sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingião
Seguir os animais, que nam seguião.

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andasssem pelos campos e spalhadas,
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeyras desejadas
Algúas, que na forma descuberta
Do bello corpo estauam confiadas,
Posta a artifciarfa fermosara,
nuas lauarfe deyxam na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, que na praya
Punham os pés de terra cubiçosos,
Que nam hanenhum delles, que nam saxe
De acharem caça agreste desejosos:
Nam cuydam que sem laço, ou redes caya,
Caça naquelle montes deleytos
Tão suave, doméstica, e buua,
Qual ferida lha tinha ja Eiricina.

67

Algúas que em espingardas, e nas bêstas
Pera ferir os seruos se fiau im,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se linçauam:
Outros nas sombras, que de as alta festas
Defendem a verdura, passeauam
Ao longo da agoa, que suave, e queda
Por aluas pedras corre aa praya leia.

Começao

⁶⁸ Começao de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem a vista julga, & sente,
 Que nam erão das rosas, ou das flores,
 Mais da tam fina, & seda diferente
 Que mais inita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo se por arte mais fermosas.

⁶⁹ Da Veloço espantado hum grande grito,
 Sepiores caça estranha disse he esta,
 Se inda duram o Gentio antigorito,
 A Deosas he figrada esta floresta:
 Mais desobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca, & bem se manifesta
 Que sam grandes as coes & excellentes
 Que o mundo enubre aos homens imprudens.

70

Sigamos esta Deosas, & vejamos,
 Se fant sticas sam, se verdadeiras,
 Est dito veloces mais que Gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras:
 Fugindo as Nymphas vio por entre os ramos
 Mais mal industrias que ligeiras,
 Pouco & pouco se arindo, & gritos dando,
 Se deixam yr dos Galgos alcançando.

OS LVSTADAS DE LIDE CAI

De húa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,
Açendese o desjo que se leua
Nas aluas carnes subito mostradas,
Húa de industria cae, & ja releua
Com mostras mais misias, que indinadas,
Que sobre ella empescendo tambem caia
Quem a seguiò pela arenosa praia.

72

Outros por outra parte vão topar,
Con as Desfas despidas que se lauam,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assaltalham espirauam,
Húa fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançauam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que as mãos cobiçosas vão negando.

73

Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem foras:
Taldos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi & calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual

Qual ção de caçador sagaz & ardido,
 Vjado a tomar na agoa a aue ferida,
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,
 Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta nagoa, & da presa nam duuida,
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo
 Remete ba que nam era yrmaã de Phebo.

75

Lionardo soldado bem desposto,
 Manhoço, caualleiro, & namorado,
 A quem amor nam dera hum so desgosto,
 Mas sempre fora delle maltratado:
 E tinha ja por firme prosuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porem nam que perdesse a esperança,
 Deinda poder seu fado ter mudança,

76

Quis aqui sua ventura, que corria
 Apos Efire, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria,
 O que deu pera darse a natureza,
 Ia cansado correndo lhe dizia.
 O fermosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Todas de correr cansâm,⁷⁷ Nymphâ pura,
Rendendo se aa vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espeçura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se io em dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Onam na creas, porque eu quando a crio,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

Nam canses, que me cansas! & se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella forâ que nam possa alcançarte;
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo bisca de escaparte,
E notarás no fim d'este sucesso,
Tra la spica & la man, qual muro he messo.

79

O não me fujas, assi nunca o breue
Tempo fija de tua fermatura,
Que so com refrear o passo leue,
Vencerás da fortuna a firça dura:
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia d'ventura,
Que em quanto d' sejey me vao seguindo,
O que tu so farias nam me fugindo.

Pois

Põeste da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Levas me hum coraçāo, que liure tinhas?

Soltamo, & correrás mais levemente

Não te carrega essa alma tam mequinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada tenas? on despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menor pesa?

⁸¹
Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu nim sofrerás o peso della;

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudará a triste & dura estrella.

E se se lhe mudar, não vas fugindo,

que Amor te ferirà, gentil donzella,

E tu me esperarás, se amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere!

⁸²
Ia nam fugia a bella Nympha, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso & alegria,

Cair se deixá aos pés do vencedor,

que todo se desfazem puro amor.

O que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Q[uem] famosos baixos ha flotesse,
E menina su choru que soava,
Q[uem] afgos tam suaves, que yra honeste
Que curtos celos alegres fiamaua.
Q[uem] que mao passim na membra e nos festa
Que Venus em prazeres inflamaua,
Milhar he esprimentado que jalgao,
Mas julgue o quem nem pode esprimentalo.

84
Desta arte em fim conformes ja as fermosas
Nymphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornam de capellas de leitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes;
As maois aluas lhe dauam como esposas
Com palauras formais e estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

85
Hua dellas maior, a quem se humilha
Todo o choro das Nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitao illustre que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e regia,
Mostrando se senhora grande e egregia.
Que

CANTO NONO.

Que despois de lhe ter dito quem era,

Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dandolhe a entender, que ali viera
Por alta influçam do imobil fado,
Per ilhe descobrir da vinda esphera,
Da terra immensa, & mar nam nauegado
Os segredos, por alta prophecia
O que esta sua naçam so merecia.

87

Tomando o pela mão a leña & guia
Pera o cume dum monte alto & divino,
No qual húa rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, & em prazer contíno,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores:

88

Afí a fersmosa, & a forte companhia,
O dia quasi todo estam passando,
Nua alma, d'ce, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compensando
Porque dos feitos grandes, da oufadia
Forte & famosa, o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto & subido,

Que

ESIADAS DE LIDE CA:

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra coufa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimadas
Aquellas preminencias gloriofas,
Os triumphos, a fronte coroada
De Palma & Louro, a gloria & maranilha
Estes famos os deleites desta Ilha.

90

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lano estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trab. lho imenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragoso:
Mas no fim doce, alegre & deleitoso.

91

Nam eram senão premios, que reparte
Por feitos mortais & soberanos,
O mundo cos varões, que esforço & arte
Diridios os fizeram, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo & Marte
Eneas & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno com Diana
Todos foram de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama trombeta de obras tais,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos
 Por isso, o vos que as famas estimais,
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignaro,
 Que o animo de liure faz escravo.

93

E ponde na cobiça hum freio duro,
 Ena ambiçam tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes & no torpe & escuro
 Vicio da tirania infame & urgente:
 Porque essas bonras vaas, esse ouro puro
 Verdadeiro valor nam dam aa gente,
 Milhor he merecellos sem os ter
 Que possuilos sem os merecer.

94

Ou day na paz as leis iguais, constantes,
 Que aos grandes nam dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes & possantes
 E todos tereis mais, & nemhum menos
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as bonras, que illustram tanto as vidas.

E fareis

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

*E fareis clara Rique tanto amais,
Agora os conselhos bem cuidados
Agora co as espadas, que immortais
Vos faraõ, como os vossos ja passados:
Impossibilidaes nam façais,
Que quem quis sempre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nestas illas de Venus recebidos*

FIM.

*Canto Decimo
& ultimo.*



*As ja o claro ama-
don de Larissea
Adultera, inclinava os animais,
La pera o grande lago, queroda
Temistutam, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Faumia enfrea,
Co sobro, que nos tanques naturais
Encresta a agoa serena, & despertava
Os Lirios, & lazmins que a calma agrada.
Quando*

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes,
 Subiuão pera os paçôs radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Misal, daltos manjares, excellentes
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

3

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
 Se assentam douos & douas, amante & dame,
 Noutras aa cabeceira douro finas,
 Esta coa bella Deosa o claro Gama:
 De ygoarias suaves & diuinas
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se acumulão os pratos de fulo duro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

4

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão nam só do Itálico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coraçam mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura dagoa fria.

OS TIVSIADAS DE L. DE CA.

Mil práticas alegres se tocavam
Risos doces, sutis, & argutos ditos
Que entre hū & outro manjar se alvatauão
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos nam faltauão,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizeram desca farda eterna pena,
Cúa voz d'hu angelica Syrena.

6
Cantava a bella Minfa, & cos acentos
Que pellas altos paços vāo soando,
Em cor fina e iygual, os instrumentos
Suaves veem a hum tempo e informando:
Hum subi o silencio enfrea os ventos,
E fizbir docemente murmurando
As agogs & nas casas naturais
A dormecer os brutos animais.

7
Com doce voz estā subin' lo arceo
Altos varões, que estam por vir ao mundo,
Cujis claras l'leas vio Pr' theo,
Num g'obo vāo, diafano, rotundo,
Que lupiter em dom lho conceden
Em l'nhas, & despois no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Nufa a clara historias

CANTO DECIMO.

183

Materia he de Coturno, & nam de Soco

A que a Nympha apriendeo no immenso lago
Qual Yopas nam soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, ou tro em Cartago.
Aqui minha Caliope te muoco
Neste trabalho extremo, por que em pago,
Me tornes, do q escreuo, & em vao preuendo,
O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio
Ha pouco que passar ate o Outono,
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual ja não me jacto, nem me abondo:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, & eterno sono,
Mas tu me dás que cumpra, ó gran Rainha
Das Mafas, co que quero aa naçam minha.

Cantando a bella Deosa, que viriam
Do Tejo, pello mar que o Gama abriu,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oce no Indico se spira:
E que os Gentios Reis, que nadariam
Aceruiz sua anjugo, o ferro & yra
Prouariam do bruto duro & forte,
Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantava d'hum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por nam quebrar cos singulares
B'roes, os nos que dera damizade,
Sofrerà suas cidades & lugares,
Com ferro, incen'ios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais olos terà coa noua gente.

12

E canta como la se embarcaria.

Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentir'io, quando entraria
O curu lenho, & a furrido Oceano,
Quando m'is n'go + os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

13

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do sa'gado & curuo no,
Desbaratirão os N'ires infernais
No passo Cambilão, tornando frio
Despanto o ar lor inmens do Oriente
Que verá tanto obrartam pouca gente.

Chamará

Chamarão Samorim mais gente noua:

Virão Reis Bipur, & de Tánor,
 Das serras de Narsinga, que alta prona
 Estaram prometendo a seu senhor:
 Fara que todo o Naire em fim se mui,
 Que entre Calecù jaz, & Cananor,
 Dambas as leis immigas, pera a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pola terra.

15

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra & mar, o gram Pacheco ousado,
 A grande multidam que yrá matando,
 A todo o Malabar terá admirado:
 Cometerá outra vez nam dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos Deoses vãos, surdos & immoros

16

Ia nam defenderá somente os passos,
 Mas queimarla ha lugares, templos, casas,
 Acerca de yra o Cão, nam vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasa:
 Fará que os seus de vida pouco escassos
 Cometão o Pacheco que tem afas
 Por dous passos num tempo, mas voando
 Dhum noutro, tudo yrá desbaratando,

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

17
Virà alio Samorim, por que em p'fsoa
Veja a batalha & os seus esforç e anime,
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andar sublime:
Inam vera remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara trações, & vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fara menas.

18

Que tornará a vez si p'tima cantava,
Pellejar co in acto & forte Luso,
A quem n'enhum trabalho pesa & agraua,
Mas com tudo este só o fara confuso:
Trara pera a batalha horrenda & braua,
Machinas de madeiros fora de uso,
Peralhe abalar as Carauellas,
Que ate li vão lhe fora cometellas.

19

Pella ago aleuar i serris de figo
Pera abr. sa lhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farà servaā a br. uezi com que venhas
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Quen as sis da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

Porque

Porque tantas batalhas sostentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inuentadas
 Tantos Cães nam imbelles profligados;
 Ou p' receram fabulas f'nhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Deceram a ajudallo, & lhe darão
 Esforço, força, ardil & coraçāo.

21

Aquelle que nos Campos Maratonios
 O gran poder de Dario esirue & rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende,
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tuseo contendē
 E a defensa da ponte, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte & sabio.

22

Mas neste passo a Nympha o som canoro
 Abaxando, fez ronco & enristecido,
 Cantando em baixa voz enuulta em choro
 O grande e forço mal agradecido:
 O Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seras sempre engrandecido,
 Se em ti visto abatido o brauo Marte,
 Aquitens com quem podes consolarte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardam injusto & duro,
Em ti & nelle veremos altos peitos,
Abixo stado vir humilde, & escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & a aley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justica & que a verdade.

24

Isto fazem os Reis, quando embebidos.
Nua aparença branda que os contenta,
Dão os premios de Alme merecidos.
A alingna vaã de Ulfisses fraudulenta:
Mas vêigome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Senão os dama fabios caualeiros,
Dão os logo a auarentos lisongeiros.

25

Mas tu de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se nam es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

Mar

CANTO DECIMO.

165

Mas eis outro, cantaua, intitulado
26
*Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar sera illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal & humano,
Deitado fora o perfido Tirano.*

27

Tambem faram Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas & edificios,
Co ferro & fogo seu, queimada & fea,
Em pago do passados maleficios:
Despois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos, & arteficios,
Contra os Lufos: com vellas, & com remos
O mancebo Lourenço farà estremos.

28

Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encheram todo o mar, coa ferrea pela
Que sae com trouão do cobre ardente,
Fara pedaços leme, masto, vela,
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina immiga: dentro nela
Saltando, a fara so com lança & espada
De quatro centos Mouros despejada.

Mas

OS LUSTADAS DE LIDECA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O para onde esforço, nem prudencia
Poderá auer que a vida lhe reserue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe faram que com vida senam saya
As armadas de Egipro & de Cambaya.

30

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força rende
Os ventos que faltaram & os perigos
Do mar que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende,
Outro Scena verão que espedeçado
Nam sabe ser rendido nem domado.

31

Com toda húia coxa fora que em pedaços
Lhe leua hum cego tiro que possara,
Se serueinda dos animojos braços,
E do gran coraçam que lhe fíara:
Ate que outro pilouro quebra o laços,
Com que o alma o corpo seliara,
Ella solta voou da prisão fora,
Onde subito se achá vencedora.

Vayle

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo que em pedaços se apresenta
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço retumbar a gran tormenta,
 Que venja dar a dura & eterna pena,
 De Espanhas, Basiliacos, & trabucos,
 A Cambaicos crueis & a Mamelucos.

33

Eis vemo pay com animo estupendo,
 Trazendo furia & magoa por antolhos
 Com que o paterno amor lhe está mouendo
 Fogo no coraçam, agoa nos olhos:
 A nobre yra lhe vinha prometendo
 Que o sangue fara dar pellois giolhos
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
 Podêlo ha o Indo ver & o Gange ounilo.

34

Qual o Touro cioso, que se ensaya
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta
 No tronco dhum Carualho ou alta Fay
 E o ar ferindo, as forças esperimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado na opulenta
 Cidade de Dabul, a espada afia,
 Abaxandolhe a tumida onfadia.

Elogio

OS LVSTADAS DE L. DE CAI

35
E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Fara espalhar a fraca & grande armada
De Calech, que remou tem por malhas:
A de Melique Yazaca auetelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fara yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

36

Mas a de Mir Hacem, que abalroando
A furia esperara dos vingadores,
Verá braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar de seus senhores,
Rayos de fogo yr am representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentiram olhos & ouuidos,
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospéra vitoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Ham successo que triste & negro vejo
O Cabo Tormentorio que a memoria
Cos ossos guardará: nam terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que nam tiraram toda a India & Egito;

Alo

³⁸Ali Cafres seluagens poderam,

O que destros immigos nam poderam,

E rudos paos tosta los sos faram,

O que arcos & pelouros nam fizeram,

Occultos os juizos de Deos sam,

As gentes vaas que nam nos entenderam,

Chamão olhe fado mao, fortuna escura,

Sendo so prouidencia de Deos pura.

39

Mas ò que luz tamanha, que abrir sinto;

Dizia a Ninfia, & a voz aleuantaua,

La no mar de Melinde em sangue tinto

Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:

Pello Cunha tambem, que nunca extinto

Sera seu nome, em todo o mar que laua

As ilhas do Austro, & praias, q se chamão

De sam Loureço, & é todo o Sul se afamão:

40

Esta luz he do fogo, & das luzentes

Armas, com q o Albuquerque yra amâsando

De Ornuzos Parseos, por seu mal valentes,

Que refusam o jugo honroso & brando:

Ali verão as setas estridentes

Reciprocarse, a ponta no ar virando,

Contra quem as tirou, que Deos pel ja

Por quem estende a fe da madre Igr ja.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali do sal os montes nam defendem
De corrupçam os corpos no combate,
Que mortos poll. praya, & mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
Ate que a força so de braço afrendem
A abaxar a ceruiz, on se selhe ate
Obrigacãm de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

12

Que gloriofas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo
Toma a ilha illustriSSima de Goa:
Despois, obedecendo an duro ensejo
A deixa, & occasiam i sp̄ ra boa,
Com q̄ a torne a tomar, que e forço & arte
Venceram a fortuna, & o proprio Marie.

13

Eis ja sobrelli torna & vay rompendo
Por muros fogo, lincas & pilotos,
Abrindo com a spada o spesso, & brendo
Fusadram de Gerim, & de Mouros:
Iam soldados inclitos fazendo
Mais que Lioes famelicos, & Touros,
Na luz que sempre c lebrada & dina
Sera da Egipcia su. Eta Caterna.

Nem

Nem tu menos fugir poderas desse,
 Posto que rica, & posto que assentada
 La no gremio da Aurora onde naceste,
 Opule ita Malaca nomead:i:
 As setas venenosas que fizeste,
 Os Crises com que ja te vejo armada,
 Mil uos invorados, Iaos valentes.
 Todos faras ao Luso obedentes.

15

Mais estanças cintaria esta Syrena
 Em louvor d. illustissimo Albuquerque,
 Mais alembrote hua yra que o condena
 Posto que a fama fui o mundo cerque:
 O grande capitam, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheiro
 Pera os seus, que juiz cruel & intiero.

16

Mas en tempo que fomes, & asperezas
 Doenças febas, & trouões ardentes,
 As fizam & o lugar fizem cruezas
 Nos soldados a to lo obeientes:
 Prince de selaticas brutezas,
 De peitos inhumanos & insolentes,
 Dar extremo suplicio pella culpa
 Que a fraca humanidade & Amor desu'pa.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nam serà a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cùa escraua vil lasciuia & escuras
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera & dura,
Cos seus húa ira infusa nam refrea,
Poëna fama alua noda negra & fea.

18

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, & deulha alegrementē
Nam sendo seu soldado e sperimentado,
Nem vendose num cerco duro & urgente;
Sentio Ciro que andaua ja abrafado
Araspas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomará em guarda, & prometia
Que nenhum mao desejo o venceria.

19

Mas vendo o Illustre Fersa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defensa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num cōjo grande em recompensa;
Per força de ludita foy marido
O ferreo Baldouino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em couſas grandes,
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas prosegundo à Nympha o longo canto,
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar e por espanto
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Midina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, e Gidá, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Barborá se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

⁵¹
 A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Ia pello nome antigo tam famosa,
 Quanto agora soberba e soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della dara tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excessa e gloriafa
 Vencendo se erguerá na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

⁵²
 Tambem Sequeira as ondas Eritreas.
 Diuidindo abrirá nouo caminho,
 Per a ti grande imperio que te arreas
 De seres de Candace e Sobá ninho:
 Maçuá com Cisternas de agoa cheas
 Vera, e o porto Arquico ali vizinho
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dam ao mundo nouas marauilhas.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

53
Vira despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa que cà tera prouado:
Castigara de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do desterro
Em que estás & seras inda tornado,
Cos titulos de Conde & dhonras nobres,
Viras mandar a terra que descobres.

54
Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado coa Regia dignidade,
Te tirara do mundo & seus enganos:
Outro Meneses logo, cuja ydade
Homayor na prudencia que nos anos,
Gouernará & fará o dito so Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

55
Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão so do peito que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos dalma todos sete
Decubica triumpha & i continentia,
Que em talidade he suma de excellencias.

Mas

CANTO DECIMO.

270

Mas despois que as estrelas o chamarem,
56
Socederas o forte Mazcarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote que fama eterna tenhas:
Peranteus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

57

No reino de Bintam, que tantos danos
Tera a Malaca muito tempo feitos,
Num so dia as injurias de mil anos
Visgaras, co valor de illustres peitos,
Trabalhos & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos e streitos,
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
Tudo fico quer rompas & sometas.

58

Mas na India cubica & ambiçam,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & Iustiça te faram
Vituperio nenhum, mas so desgosto:
Quem faz injuria vil, & sem rezam
Com forças & poder, em que está posto,
Nam vence, que a vitoria verdadeira,
He saber ter justiça nua & inteira.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudo nam nego que Sampayo
59
Sera no esforço illustre & assinalado
Mostrando se no mar hum fero rayo,
Que de immigos mil vera qualhado:
Em Bacanor fara cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiále, com quanta armada tenha.

60

Enão menos de Dio a fera frota
Que Chaultemera de grande & ousada,
Fara coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira & destroçada:
Por Heitor Portugues de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Sera aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

61

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme
De Chale as torres altas erguerá
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçaim se lhe dará,
Nam sem sangue porem que nelle geme
Meliique, porque a força so de espada
Atranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da silueira bem sustenta:
 Fara em Noronha a morte o vsado officio,
 Quando hum reuramo, ò Gama, se esprimeta
 No governo do Imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar fara amarelo.

63

Das mãos do ten Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que ja sera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances ao mar vsado:
 Despois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Dâmão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta aberta
 Que fogo & frechas milteram cuberta.

64

A este o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio:
 Despois yra com peito esforçadissimo
 A tolher que nam passe o Rey Gentio
 De Calecú, que ass com quantos vejo
 O fara retirar de sangue cheyo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Destroirà a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Húa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destroir o mundo nam duvida,
Vencerà co furor do ferro & fogo,
Em sivera Beadala o Marcio jogo.

66

Tendo assilimpa a India dos immigos,
Virá despois com cetro a gouernala,
Sem que ache resistencia nem perigos,
Que todos tremem delle & nenhum fala:
So quis prouar os asperos castigos
Baticalá, que virá ja de Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou cheia
E de fogo & trouões desfeita & fea.

67

Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras dirituado,
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselhos sabio & bem cuidados
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portugues terá sempre leuantado,
Conforme successor ao succedido
Que hú ergue Dio, outro o defende erguidos
Persas

Persas ferozes, Abassis & Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de custumes
 Que mil nações ao cerco feras vem
 Faram dos ceos ao mundo vãos queixumes
 Por que hás poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portugues juram desridos
 De banhar os bigodes retorcidos.

69

Basiliscos medonhos & Lioes,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,
 Que tam ledos as mortes tem por certas:
 Ate que nas mayores opressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem:

70

Fernando hum deles, ramo da alta pranta,
 Onde o violento fogo com ruído,
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Sera ali arrebatado, & ao o s. bilo:
 Aluaro quando o inuerne o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo, vence as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & despois os inimigos.

Y +

Eis

OS LUSADAS DE L DE CA.

Eis vem de spois, o pay, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha dà felice & soberana:
Hus paredes subindo escusam porta
Outras a abrem, na fera esquadra insana
Feitos faram tam dinos de memoria,
Que nam caibam em verso, ou larga história.

72

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vay Dábul na costa
Nem lhe escapou Pondal no sertão posta.

73

Estes & outros Barões por variás partes
Dinos todos de fama & marauilha,
Fazendose na terra brauos Martes,
Viram lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha
E acharam estas Nymphas & estas mesas,
Que gloriase & hóras sam de arduas empresas.

Afí.

Aſſi cantaua a Nimp̄ha & as outras todas

Com sonoroſo aplauſo vozes dauam,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer ſe celebrauam:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nua conſona voz tod̄is ſouam,
 Nam vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama glorioſa.

75

Despois que a corporal neceſſidade
 Se ſatisfez do mantimento nobre,
 Ena armonia & doce fuauidade,
 Virão os altos feitos, que descobre
 Thetis de graça ornada, & grauidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deſte alegre & claro dia
 Pera o felice Gama aſſi dizia.

76

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que nam pode a vā ciencia
 Dos errados & miferos mortais:
 Sigueme firme & forte com prudencia
 Por este monte eſpesso, tu cos mais:
 Aſſi lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, diſſicil, duro a humano trato.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nam andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficia, claramente.

78

Qual a materia seja nam se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, e hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Núca sergue, ou se abaxa, e hū mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por diuina arte.

79

Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comonido
De espanto e de díssio alisicou,
Diz he a Deusa, O ir-sunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, e gras, e o que desjas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
 Eterea, & elemental, que fabricada
 Assi foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio, & meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficia tam limada,
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguē o entende,
 Que a tanto o engenho humano nāo se estende.

81
 Este orbe que primeiro vay cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radlando,
 Que a vista cega, & a mente viltambem
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem,
 Tam inho, que elle fo se entende & alcança,
 De quem nāo ha no mundo semelhança.

82
 Aqui fo verdadeiros gloriosos
 Diuos estão, porque eu, Saturno & Iano
 Iupiter, Iuno, somos fabulosos
 Fingidos de mortal & cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, & se mais o trato humano
 Nos pode dar, he so que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.

E tāobē

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

⁸³
E tambem porque a santa prouidencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bôs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podem nos empêcem.

⁸⁴
Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso eslâ chamando,
Nem nega que esse nome preminent,
Tambem aos maos se dá, mas falsamente:

⁸⁵
Em sim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que nam anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Quenão se enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

86
 Com este rapto & grande mouimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo
 Por obra deste, o Sol andando a tanto,
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojogado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de laz nunca escaffo
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

87
 Olha estoutro debaxo, que esmaltado e brilho:
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 Enos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste, & faz ornado
 Co largo cinto douro, que estrellantes,
 Animais doze traz afigurados,
 Apoentos de Phebo limitados.

88
 Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, & seu pay & o drago horreido:
 Vê de Cassiopea a fermosura,
 E do Orionte o gesto turbulentoo,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, os Cães, a Nao, & a doce Lira:
 Debaxo

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Debaxa deste grande firmamento,
Ves o rey de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercario de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

90
En todos estes orbes, differente
Curso veras, nuns graue, & noutrous leue;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estam caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento & neue;
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

91
Neste centro ponsada dos humanos,
Que nam somente ousados se contentam
De sofrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esperimentam,
Veras as varias partes, que os insanos
Mares dizidem, onde se apousentam
Varia nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varias leis

Ves

CANTO DECIMO.

176

Ves Europa Christã mais alta & clara
 Que as outras em polícia & fortaleza:
 Ves África dos bens do mundo angra
 Inculta, & toda cheia de brutez,
 Co Cabo que ate qui se vos negara,
 Que assentou perao Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita.
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

93

Vê do Beno notapa o grande imperio,
 De seluatica gente, negra & mu:
 Onde Gonçalo morte & vituperio,
 Pádecerá, polla fe sancta sua:
 Nace por este incognito Hemisperio,
 O metal, porque mais a gente sua,
 Ve que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

94

Olha as casas dos negros, como estam
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensim,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidam
 Qual bado espesso & negro de Estorninhos
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defendera Nhaya com destreza.

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo

Nace, que nam souberam os antigos

Vela rega, gerando o Crocodilo,

Os pouos Abassis de Christo amigos,

Olha como sem muros (nouo estilo)

Se defendem melhor dos inimigos,

Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama

Que ora dos naturais Nobá se chama.

96

Nesta remota terra, hum filho seu

Nas armas contra os Turcos seraclaro;

Ha de ser dom Christouam o nome seu,

Mas contra o fim fatal nam hareparo;

Ve ea acosta do mar, onde te deu

Melinde hospicio gasalhoso & caro

O Rampo rionota, que o romance

Da terra chama Obi, entra em Quilmanee:

97

O cabó ve ja Aromata chamado,

E agora Goardafù dos moradores,

Onde começa a boca do afamado

Mar roxo, que do fundo toma as cores.

Este como limite esta lançado

Que diuide Asia de Africa & as milhoes

Pouoações, que parte Africa tem

Macuà sam, Arquico, & Suamquem.

Ves

CANTO DECIMO.

377

⁹⁸
Ves o extremo Suez, que antigamente

Dizem que foy dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade:
Olha as agoas, nas quaes abrio patente
Estrada o gram Mouses na antiga ydade
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulentas.

99

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
Co sepulchro de sancta Caterina,
Olha Toro & Gidà, que lhe falece
Agoa das fontes doce, & cristalina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reyno da seca Adem, que confina
Com a serra Darzira, pedra viua,
Onde chuua dos Ceos se não deriuia.

100

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente vaga & baça,
Donde vem os caualos pera a guerra
Ligeiros & ferozes, de alta raça:
Olha a costa que corre ate que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
O Cabo, que co nome se appellida,
Da cidade Farta que ali sabida.

Z

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

101
Olha Dofar insigne, por que manda
O mais cheir so encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Rosalgate & prayas sempre auaras,
Começao reino Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras que in la seram claras.
Quando as gales do Turco & fera armadas
Virem de Castel branco nua a espada.

102
Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundantes.
Atensa a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates húa entrada.

103
Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos:
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de nam ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuz, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

CANTO DECIMO.

Aqui de dom Felipe de Meneses

Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reueses
De dom Pedro de Sousa, que prouara
Ja seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força jo de espada.

Mas deixemos o estreito & o conheci lo

Cabo de Iasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Danatura, & dos dões usados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermojo Indo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem
Dona tra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,

E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de Cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seô faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vos outros aqui se estam guardando.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Ves corre a costa cèlebre Indiana
Pera o Sul, ate o cabo Comori
Ia chamado Cori, que Taprobania
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virà despois de ti,
Terà vitorias terras, & cidades
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

108

As prouincias, que entre hum & o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometta, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Qut a Iesu Christo teue a mão no lado

109

Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, feirmosa, grande & rica:
Os idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se pubrica,
Thome vinha prègando, & ja passara
Prouincias mil do mundo, que insinara.

Chegado

150

Chegado aqui prégando & junto dando
 A doentes saude, a mortos vida
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andaua edificando,
 Fazer delle madeira, & nam duvida
 Poder tiralo a terra com pessantes
 Forças d'homens, de engenhos de Aliphantes.

151

Era tam grande o peso do madeiro
 Que so pera abalar se, nada abasta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta
 Ata o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

152

Sabia bem que se com se formoda
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,
 Que obedecer à logo da voz sagrada,
 Que assilho insinou Christo, & elle o proua:
 A gente ficou disto aluorçada,
 Os Bramenes o tem por couxa noua,
 Vendo os milagres, vendo a Santidade,
 Não medo de perder autoridade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

113
Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscaram desfios
Com que Thome nam se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não batam dura, & fera,
Como a virtude falsa da sinceria.

114
Hum filho proprio mata, logo acusa
De homicidio Thome, que era inocente:
Dá falsas testemunhas, como se vasa
Condenarā no a morte brevemente:
O Santo que nam vê melhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

115
O corpo morto manha ser trazido
Que resucite, & seja perguntado;
Quem soy seu matador, & sera crido
Por testemunho o seu mais aprovado:
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Ihesu crucificado,
Da grazas a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homecida.

Este

¹¹⁶
Este milagre fez tamango espanho,

Que o Rey se banha logo na agoa santa,
E muito apos elle, hum beija o manho
Outro louvor do Deos de I home canta:
Os Bramenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os mordem enueja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinao matalo em fim de tudo.

¹¹⁷
Hum dia que preganlo ao povo estaua,

Fingirão entre a gente hum ar oido,
Ja Christo neste tempo lhe ordenaua,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multilão das pedras, que voava,
No Santo daja a tudo offerecido,
Hum dos maos por fartarse mais de pressa
Com crua lança o peito lhe atravesse

¹¹⁸

Chorarão te I home, o Gange & o Indo,

Choroute toda a terra que pisaste,
Mais te choram as almas, que vestindo
Se yão da sancta Fe que lhe insinaste:
Mas os Anjos do ceo cantando & rindo,
Te recebem na gloria que ganhasse,
Pedimos te, que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

119
E vos outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como ~~tais~~ ~~tais~~
Sem yrdes a pregar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
na patria onde Prophet a ninguem he,
Com que se salgarao em nossos dias.
(Infieis deixo) tantas Heresias?

120
Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tam famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsingarica, & poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

121
Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:
Ve Cathigao cidade das melhores
De Bengala prouincia, que se prezra
De abundante, mas olha que està posta
Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha

S. 22

Olha o reyno Arracão, olha o assento
 De Pegu, que ja mōstros pouoaram,
 Mōstros filhos do feo ajuntamento
 Dhūa molher & hūcão, que fosse acharam:
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geraçam custumão, o que usaram
 Por manha da Raynha, que inuentando
 Tal uso, deitou forao error nefando.

S. 23

Olha Tauay cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tam comprido,
 Tenassari, Quedá, que he socabeça
 Das que Pimenta ali eem produzido:
 Mais auante fareis que se conheça
 Malaca, por Imperio ennobreido,
 Onde toda a prouincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mande.

S. 24

Dizem que desta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando dinidio,
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
 Iuntas ambas a gente antiga viu:
 Chersoneso soy dita, & das prestantes
 Veas douro, que a terra produzio,
 Aurea porepithe o lhe ajuntaram,
 Alguns que fosse Ophir ymaginaram.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas na ponta da terra Cingapura
125
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,
Daqui tornando a costa aa Cyntosura
Se encurua, e pera a Aurora se endereita:
Ves Pam, Putane, reinos e a longura
De Syão que estes e outros mais fugem
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamay se chama.

126

Ves neste gran terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra e numero potentes,
Auás, Bramás, por serras tam compridas:
Ve nos remotos ventos outras gentes
Que Gueos se chamão de selvagens vidas,
Humanas carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, usança cruda.

127

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle crê como indisreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, & miserando,
 Dos procelosas baxos escapados:
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Sera o injusto mando executado
 Naquelle, cuja Lira sonorosa,
 Sera mais affamada que ditosas.

329

Ves corre a costa que Champà se chama,
 Cuja mata he do pão cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão ve a incognita enseada,
 Aqui o soberbo imperio, que se afama,
 Com terras & riqueza nam cuidada,
 Da China corre, & ocupao senhorio
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

330

Olha o muro, & edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio & o outro se edifica
 Certissimo final, & conhecido,
 Da potencia real, soberba & rica:
 Estes o Rey que tem não foynacido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

India

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Inda outramuita terra se te esconde,
S. 31

Ate que venha o tempo de mostrarse,
Mas nam deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamarse:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscarse,
He Iapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada sera coa Ley diuina.

S. 32
Olha ca pello mares do Oriente

As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Ternate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas
As aruores verás do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que nam decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem,

S. 33

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam

Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltam,
Da verde Noz tomando seu tributo;
Olha tambem Bornéo, onde nam faltam
Lagrimas, no licor qualhado & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sàndalo salutifero & cheiroso,
 Olha a Sunda tam larga, que hñia banda
 Esconde per o Sul difficultoso:
 A gente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle fo sem outro vao,
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

135

Ven aquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapora,
 A fonte que oleo mana, & a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda & fino ouro dà tambem.

136

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuues passa, ou a vista engana
 Os naturaes o tem por cousta sancta,
 Polla pedra onde está a pêgada humana:
 Nas ilhas de Maldiuu nace a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujo pomo contra o veneno urgente
 He tido por Antidoto excelente.

Veras

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Veras de fronte estar do roxo estreito
Socotorà co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar tambem fogeito
A vos na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta e presa,
De jam Lourenço ve a Ilha afamada,
Que Madagascar he dalguns chamada.

538

Eis aqui as nouas partes do Oriente,
Que vos outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com tam forte peito nauegaisse
Mas he tambem razão, que no Ponente
Dhum Lusitano hum feito inda dejais,
Que de seu Rey mostrandose agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado,

539

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a farà a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo
Castella vessa amiga sera dina
De lancerlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos e custumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
 Parte tambem co pao vermelho nota,
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
 Descobrila ha a primeira vossa frota:
 Ao longo desta costa que tereis
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico polo vay da linha.
 Dhúa estatura quasi Gigantea
 Homens vera, da terra ali vizinha:
 E mais auante o estreito, que se arreia
 Co nome delle agora, o qual caminha
 Pera outro mar & terra que fica onde
 Com suas frias afaso Austro a esconde.

Ate qui, Portugeses concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pello mar, que ja deixais sabido,
 Viram fazer barões de fortes peitos:
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos, que vos façam ser aceitos
 As eternas esposas, & fermosas,
 Que coroas vos tecem gloriofas.

Podeis

OS LVSTIADAS DE L. DE CA.

103
Podeis vos embarcar, que tendes vento

E mar tranquilo pera a patria amada;
Assi lhe disse, e logo mouimento
Fazem da Ilha alegre e namorada;
Leuão refresco, e nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Solo mundo aquente.

104
Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, e nunca yrado,
Ate que ouueram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, e Rey temido e amado,
O premio e gloria dão, por que mandou
E com titulos nouos se illustrou.

105
No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, e a voz enronquecida
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida;
O fauor com que mais se acende o engenho
Não no dà a patria não, que i slámetida
No gosto da cubica, e na rudeza
Dhña austera, apagada, e vil tristeza,

Enão

Enio sey porque influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gozo,
 Que os animos leuanta de contíno,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos ô Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhay que sois (& vede as outras gentes)
 Senhor so de vassallos excellentes.

Olbay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes liões, & brauostouros,
 Dando os corpos a fomes, & vigias,
 A ferro, a fogo, a setas & pilouros:
 A quentes regiões, a plagas frias
 A golpes de Idolatras & de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir a tudo aparelhados
 De vos tam longe sempre obedientes,
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar reposa promptos & contentes,
 So com saber que sam de vos olhados
 Demonios infernais, negros & ardentes
 Cometerão conuoscó & nam duuido
 Que vencedor vos façao, nam vencido.

Fauoreceyos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos
Com a presençā, & ledā humanidade,
De rigurofas leis desaliuayos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esprimentados leuantayos,
Se com a esperiencia tem bondade,
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

150

Todos fauorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pellos vicios
Comuns, toda ambicōn teram por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vaā não pretende nem dinheiro.

151

Os Caualeiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido & feruente,
Estendem nāo somente a ley de cima,
Mas mda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tam remoto clima
Vos vāo seruir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, hūs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos excessivos.

Fauoreceyos logo, & alegrayos

¹⁵²
 Fazey senhor que nunca os admirados
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
 Poussem dizer que sam pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses:
 Tomay conselho so desprimentados,
 Que virão largos anos, largos meses,
 Que posto que em cientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

¹⁵³
 De Phormião Philosopho elegante
 Vereis co no Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava & lia:
 A discipina militar prestante
 Nam se aprende senhor na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando;
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

¹⁵⁴
 Mas eu que falo humilde, baxo & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado:
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louvor sae as vezes acabado.
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa esperiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pera seruiruos braço das armas feito,
Pera cantar uas mente aos Musas dada,
So me fale se vos devo,
De quem virtus dum j' rezada:
Se me is, voce conde o vosso peito
Dina emp. fator de ser cantada
Como a prefiguramente particina,
Ollend a ossa inclinacão diuina.

156

Ora se p' mais no a de Medusa
vou al mirar monte Atlante,
que os uirgos em nos de Ampelusa
C' o m' arrocos e Trudante,
que a leda musa,
no mundo de vos cante
e quando em vos se veja,
que os sibiles ter enueja.



fol. 15

Canto 9, est. 83.

O que fumintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que seava,
Que afagos tam suaves, que gera honesta;
Que em risinhos alegres se serrava:
O que mais passava na mentha e na festa
Que venias com prazeres inflamava,
Melhor he experimentalo que julguei,
Mas julguee quem nam pode experimentalo.



22. der. Oct. 1893

Wiederholung wird vorausgesetzt
dass die ersten Abgaben auf

die ersten drei Monate abgesehen werden

Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

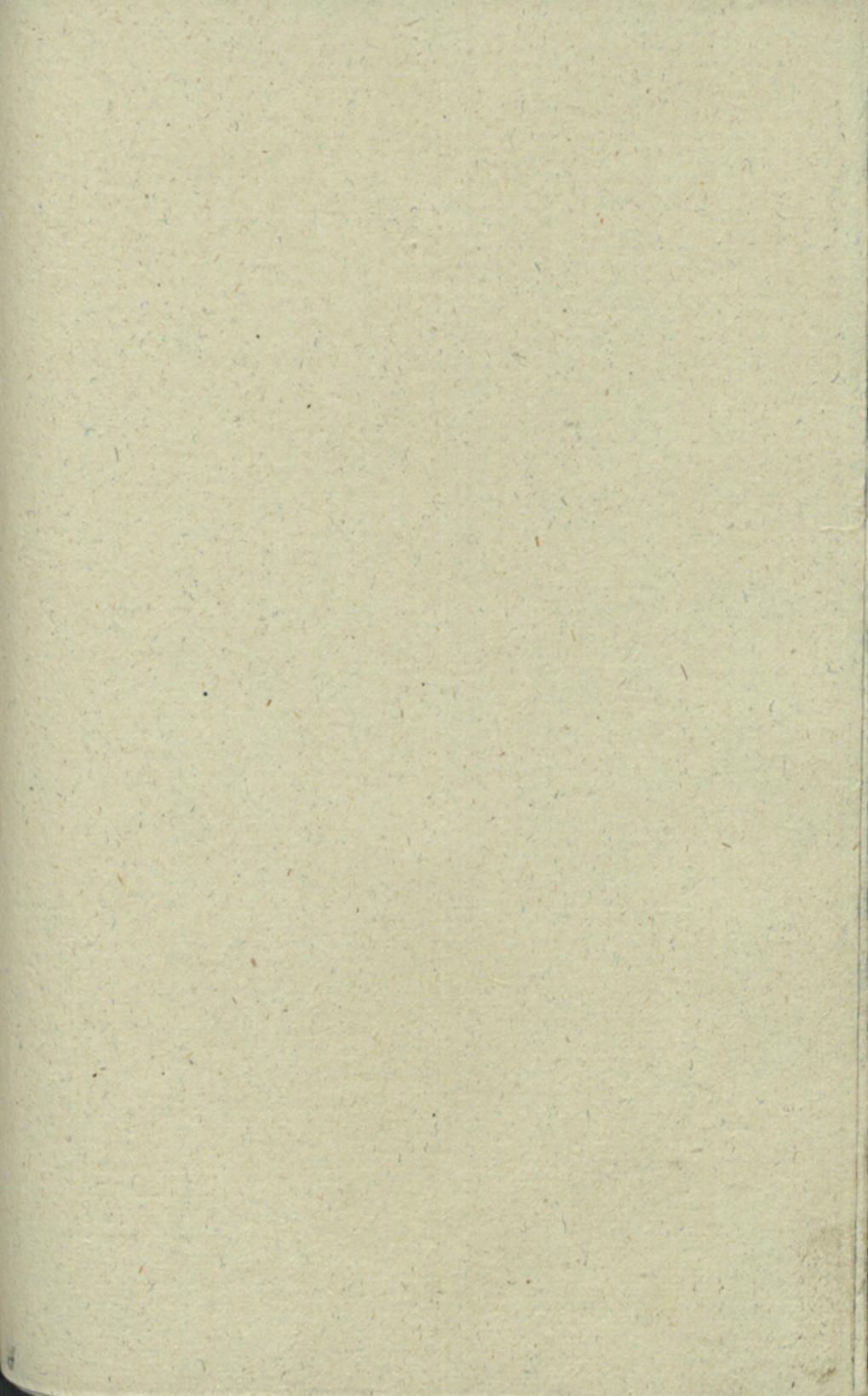
Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

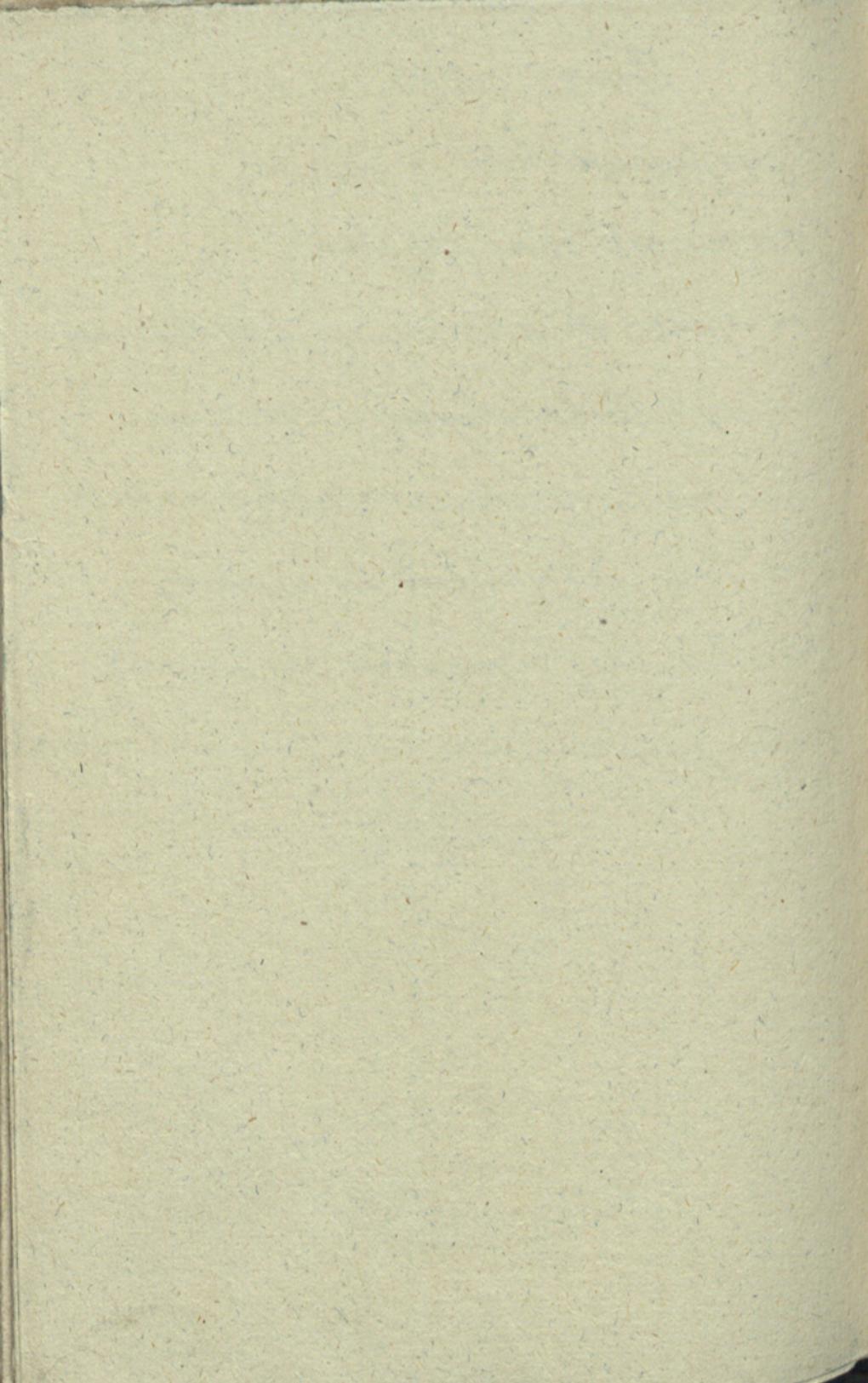
Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

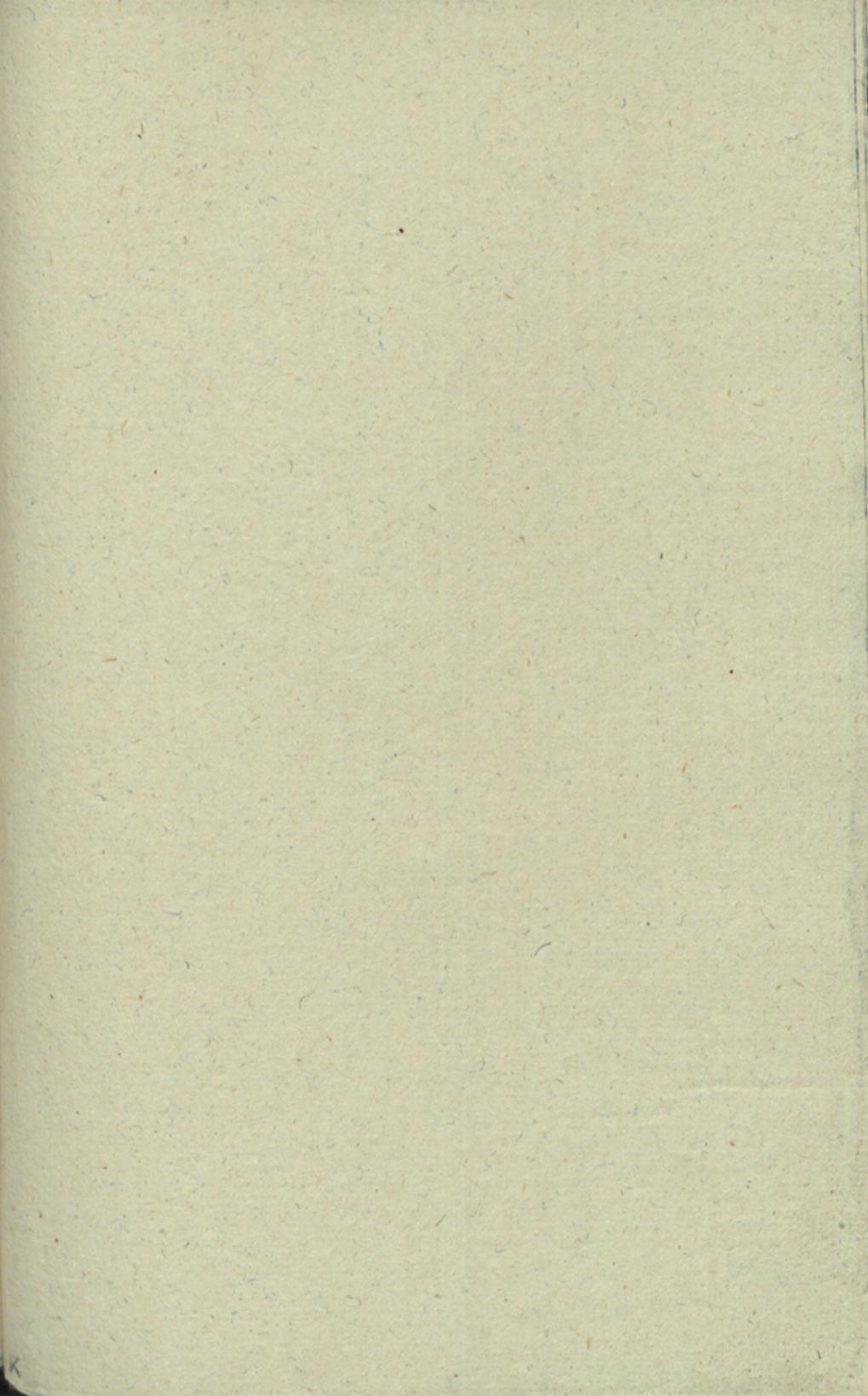
Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

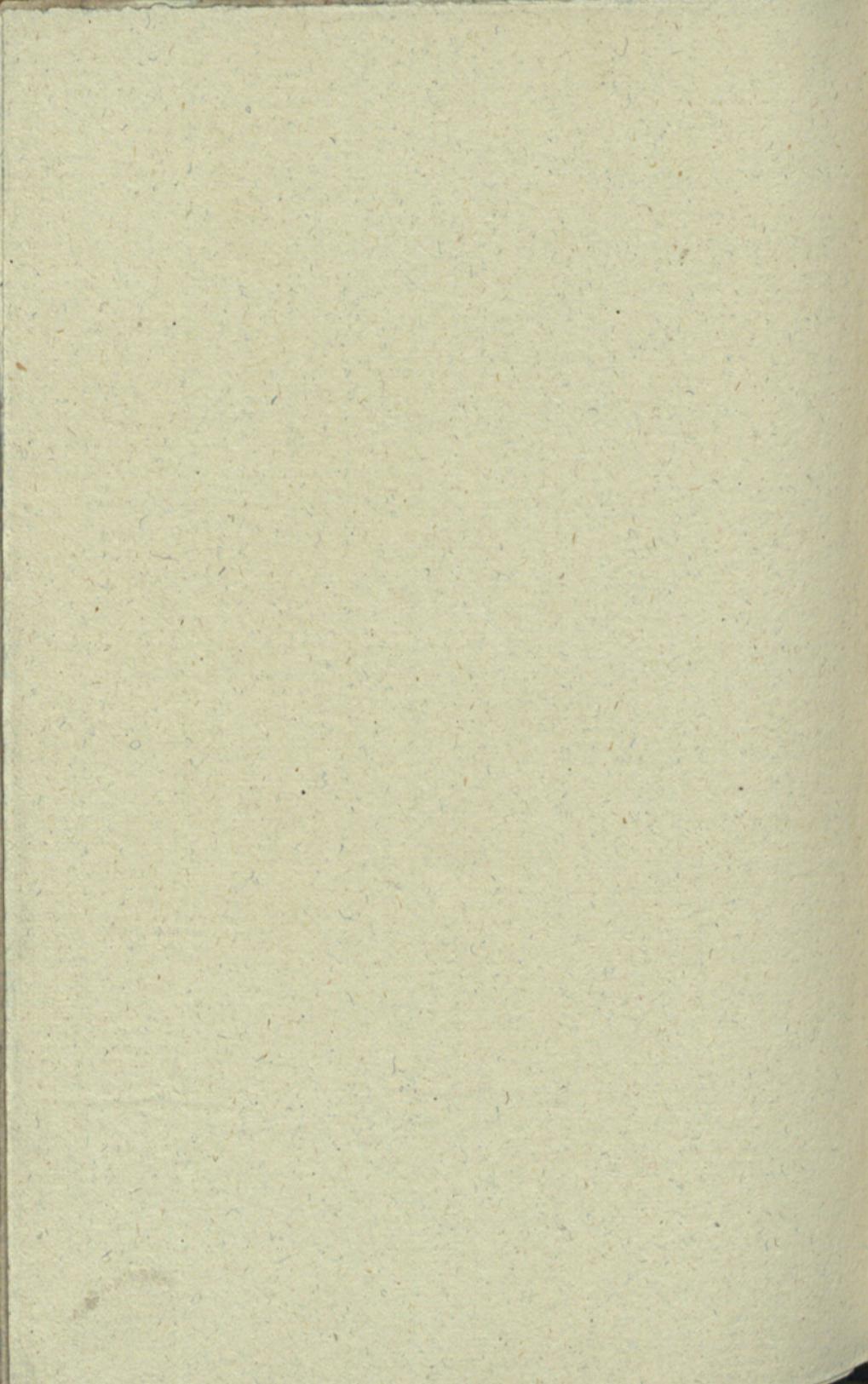
Wiederholung wird vorausgesetzt dass die ersten drei Monate abgesehen werden

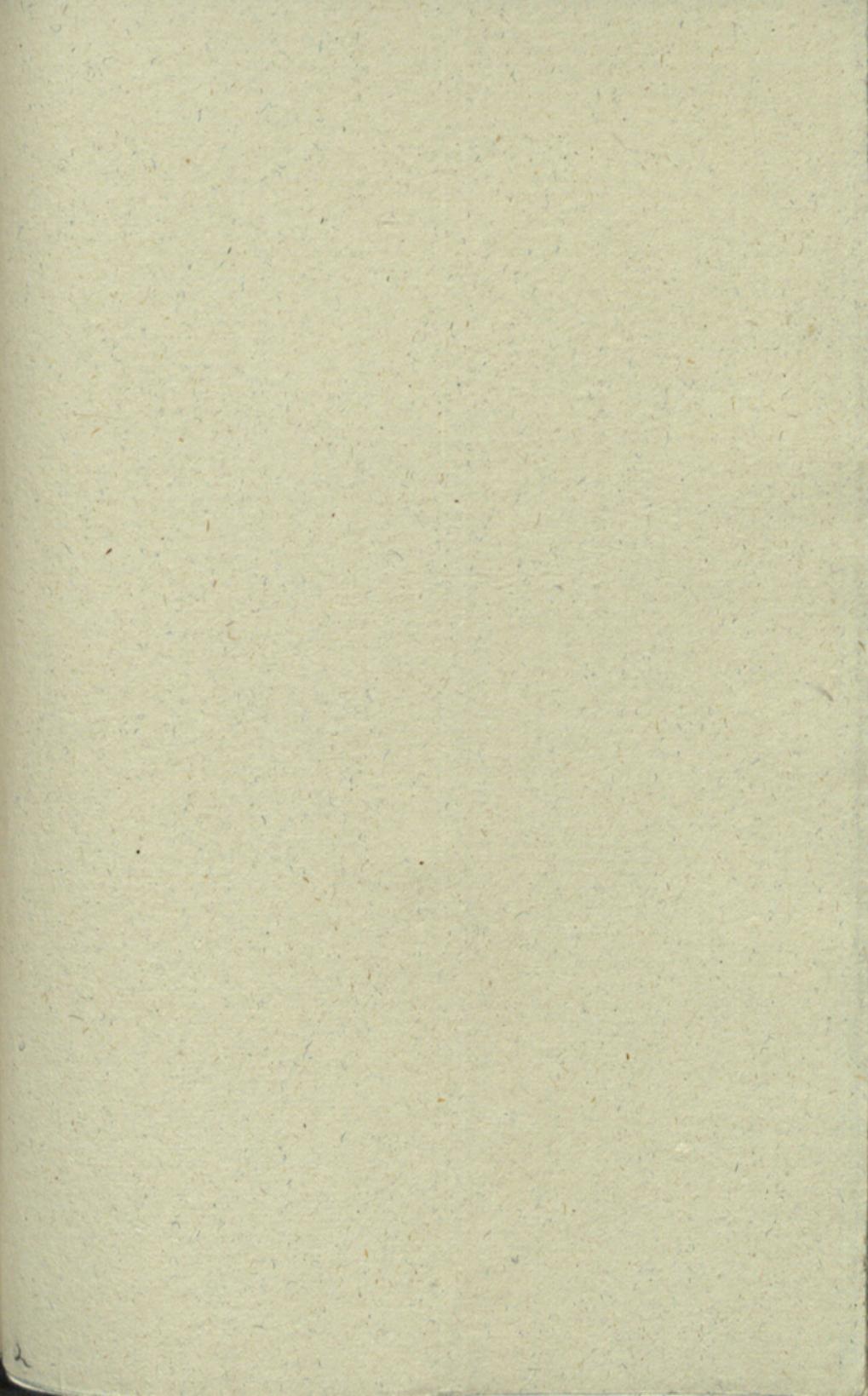


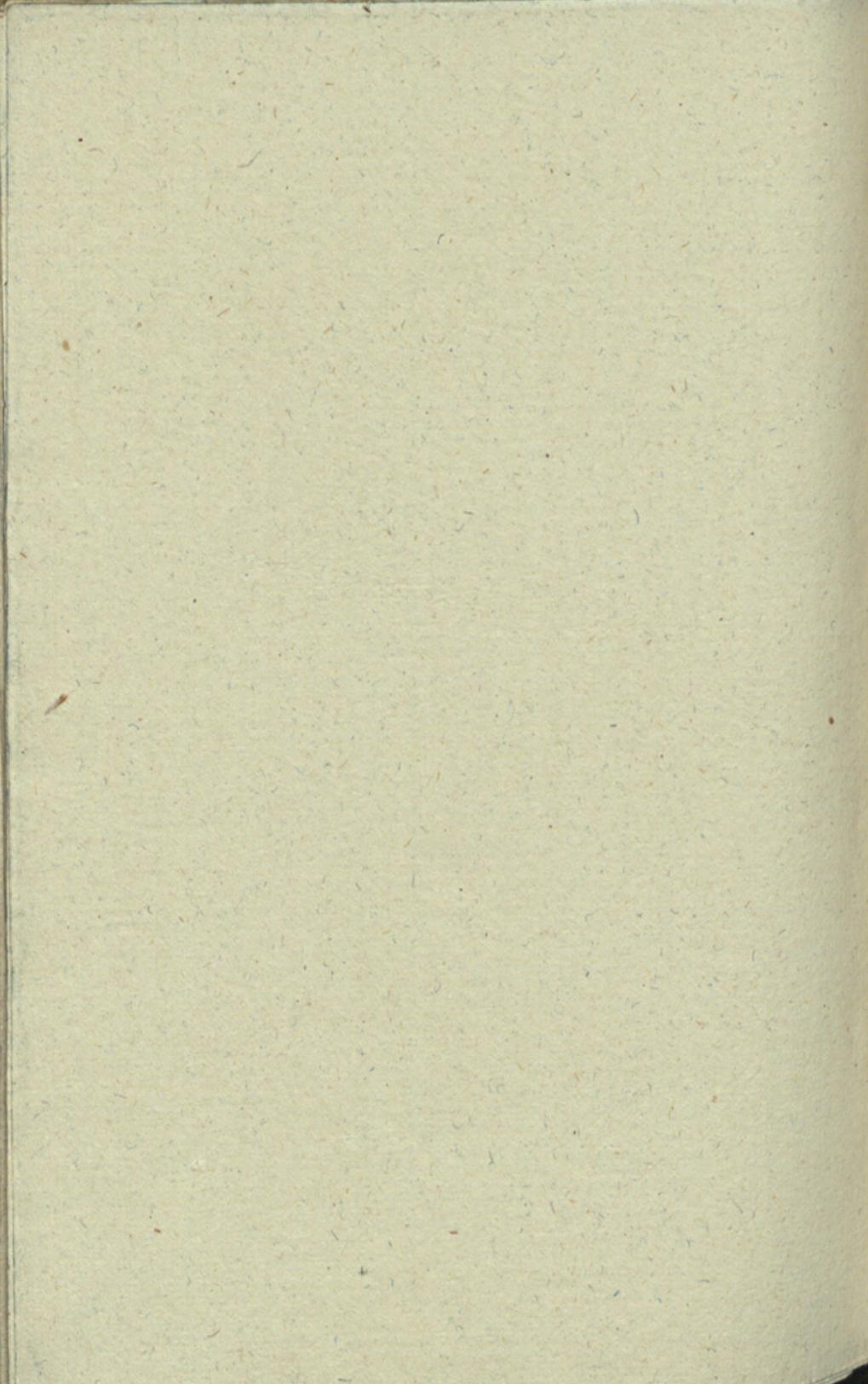


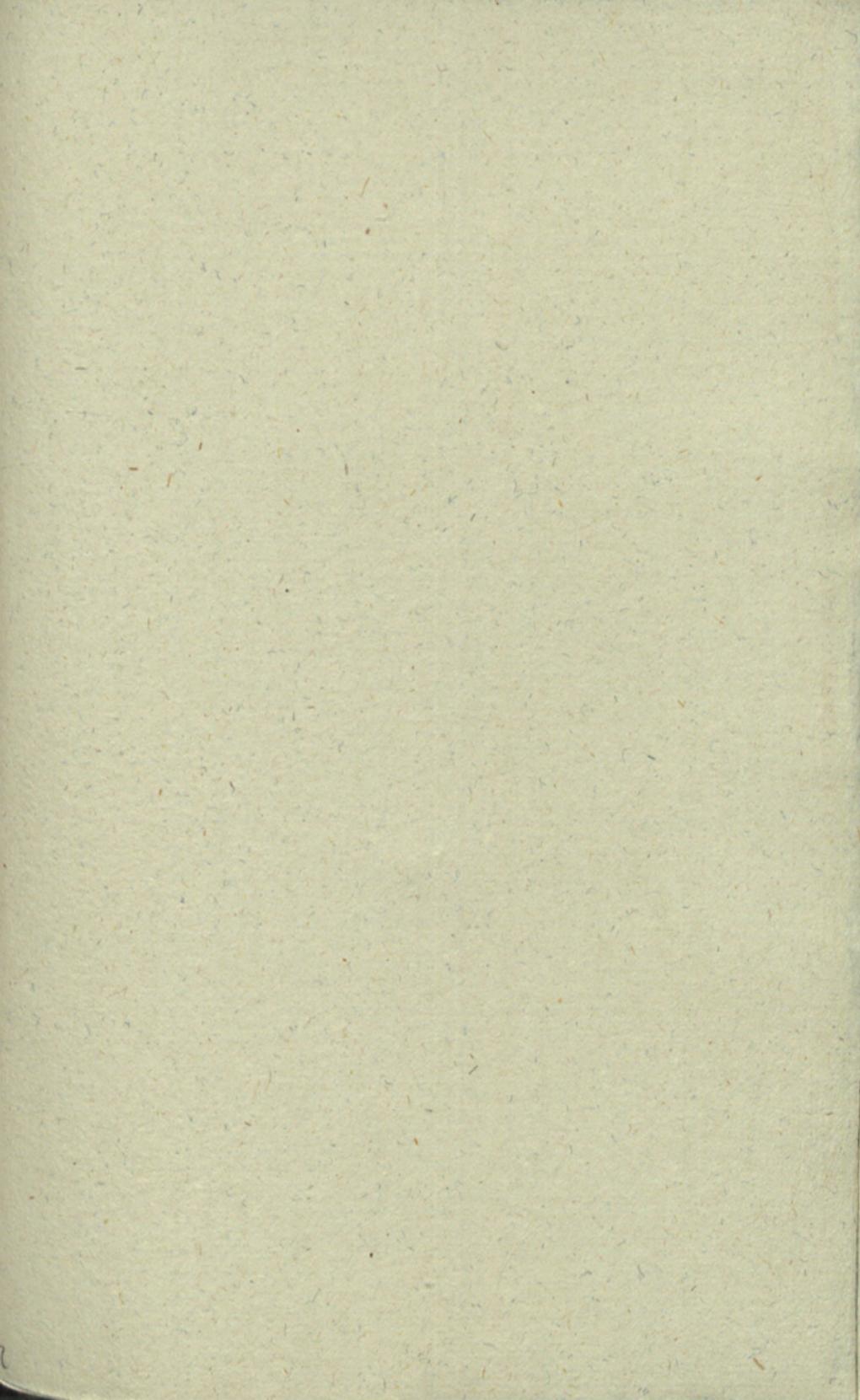


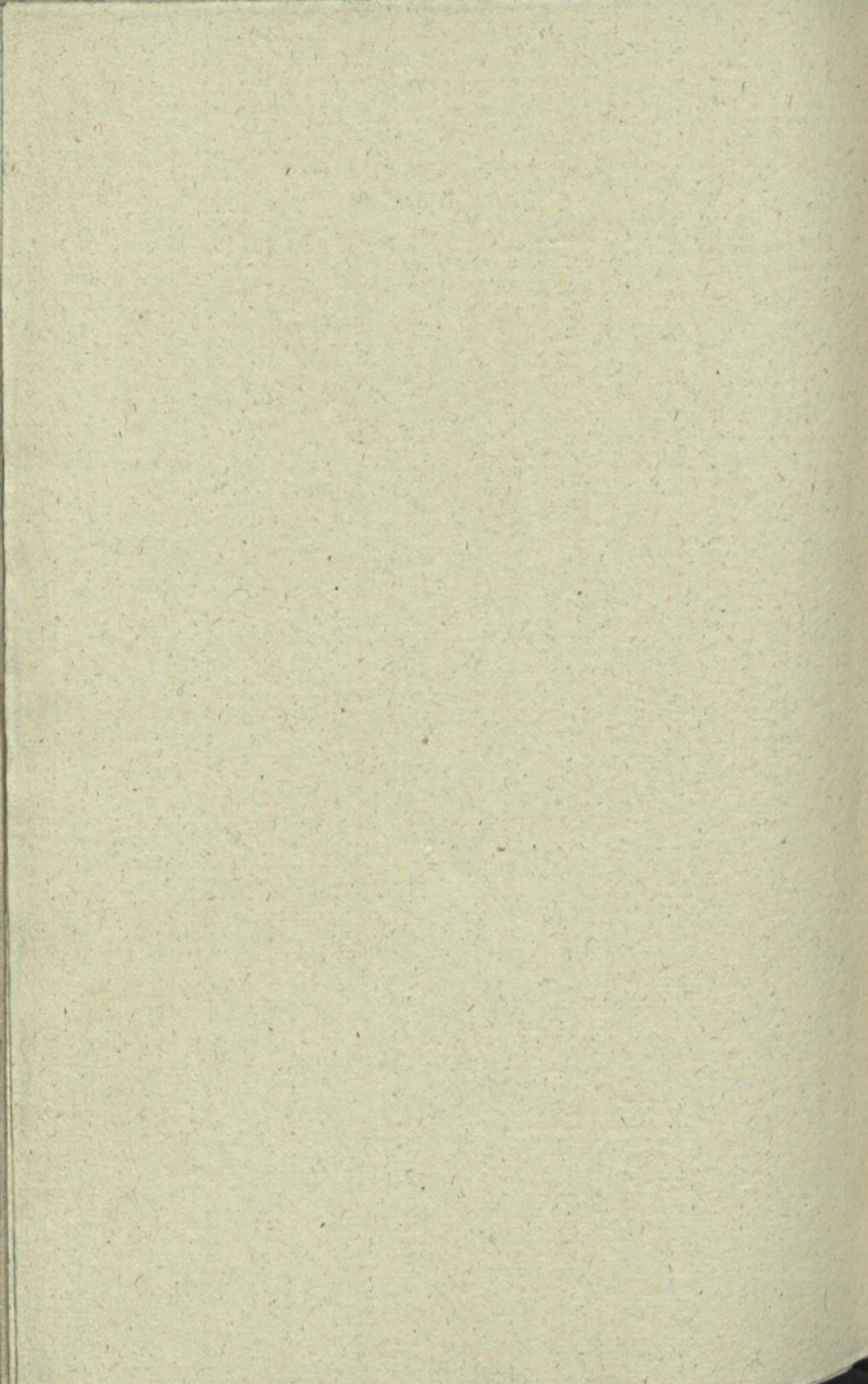


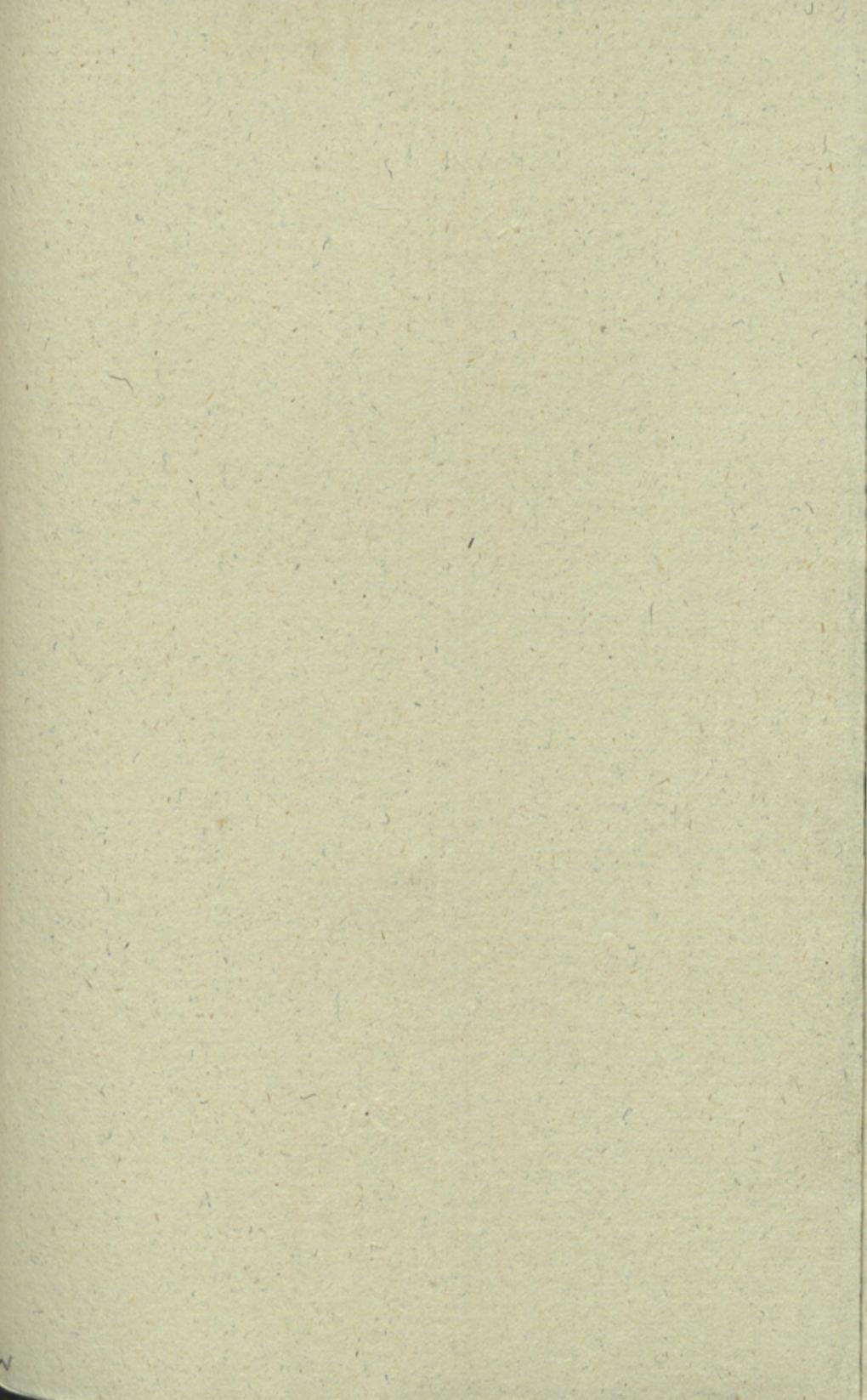


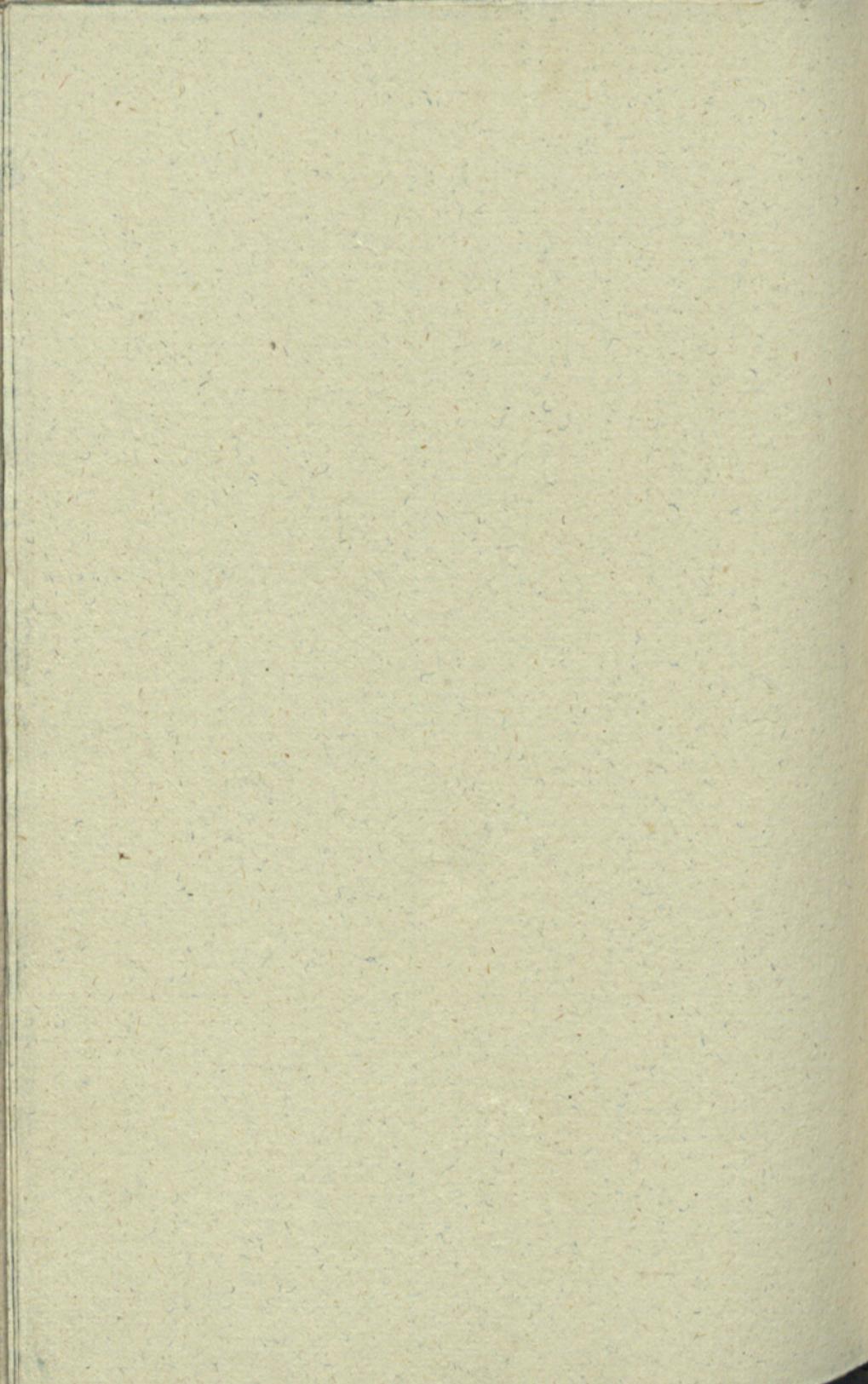


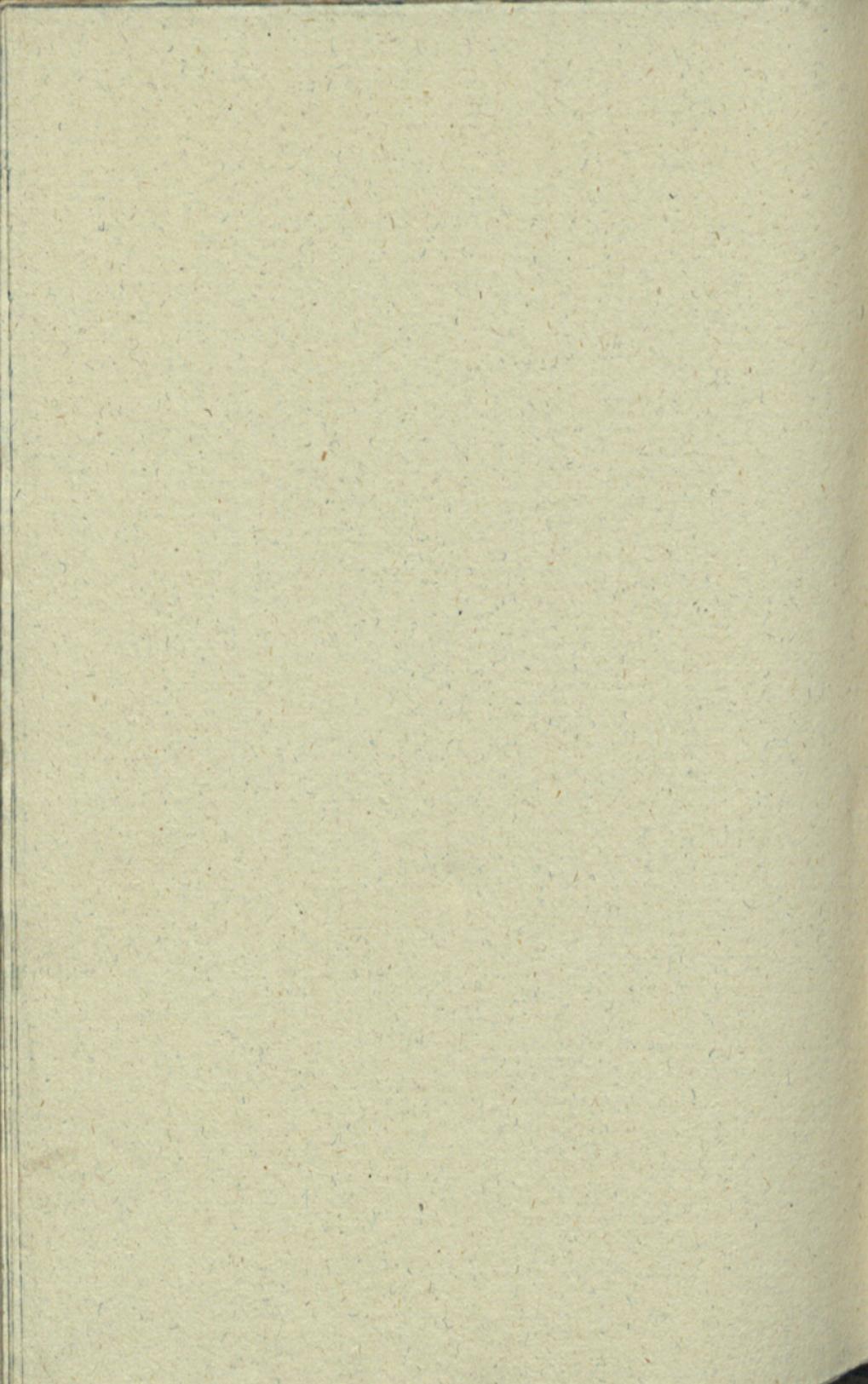


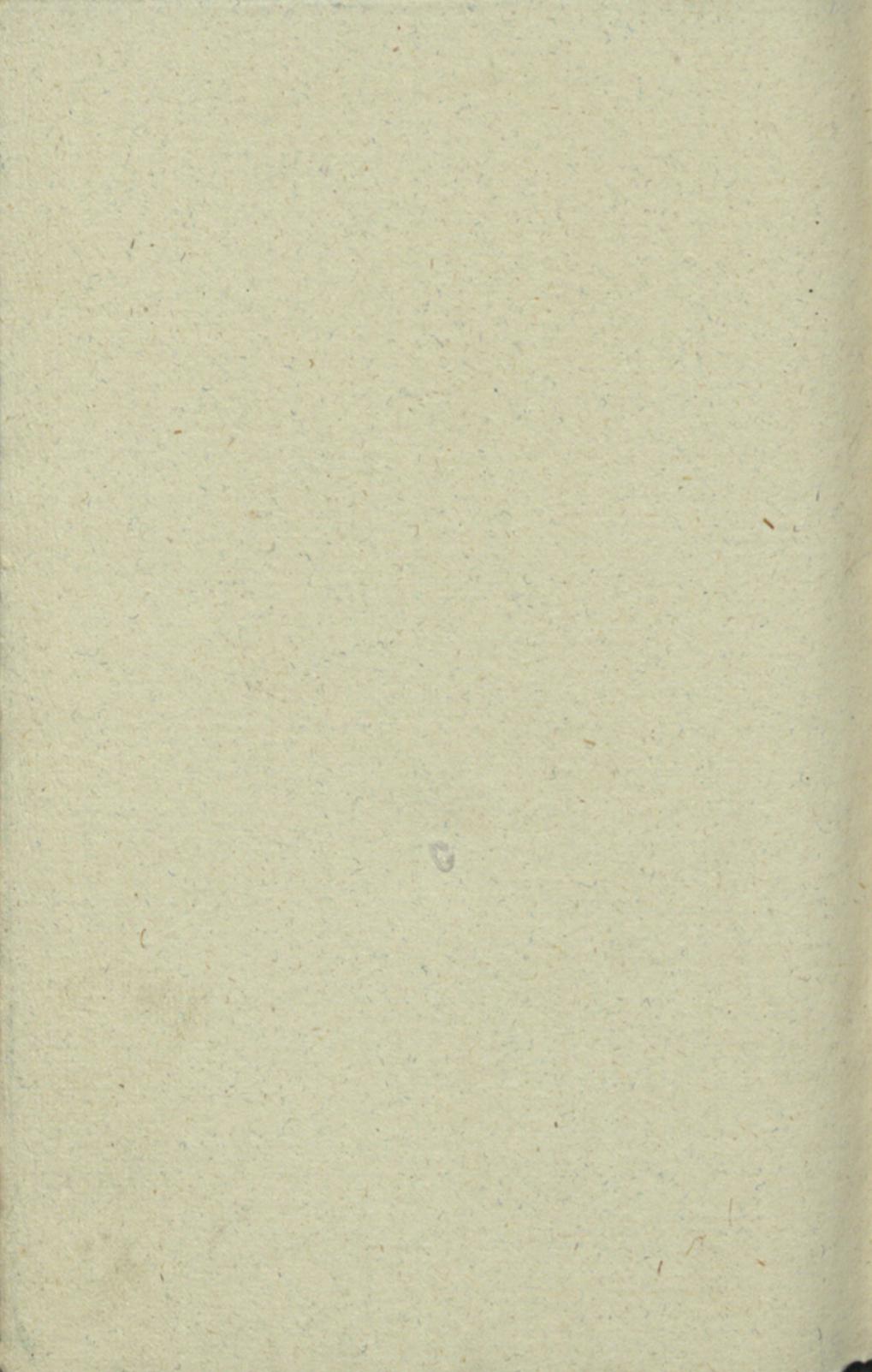


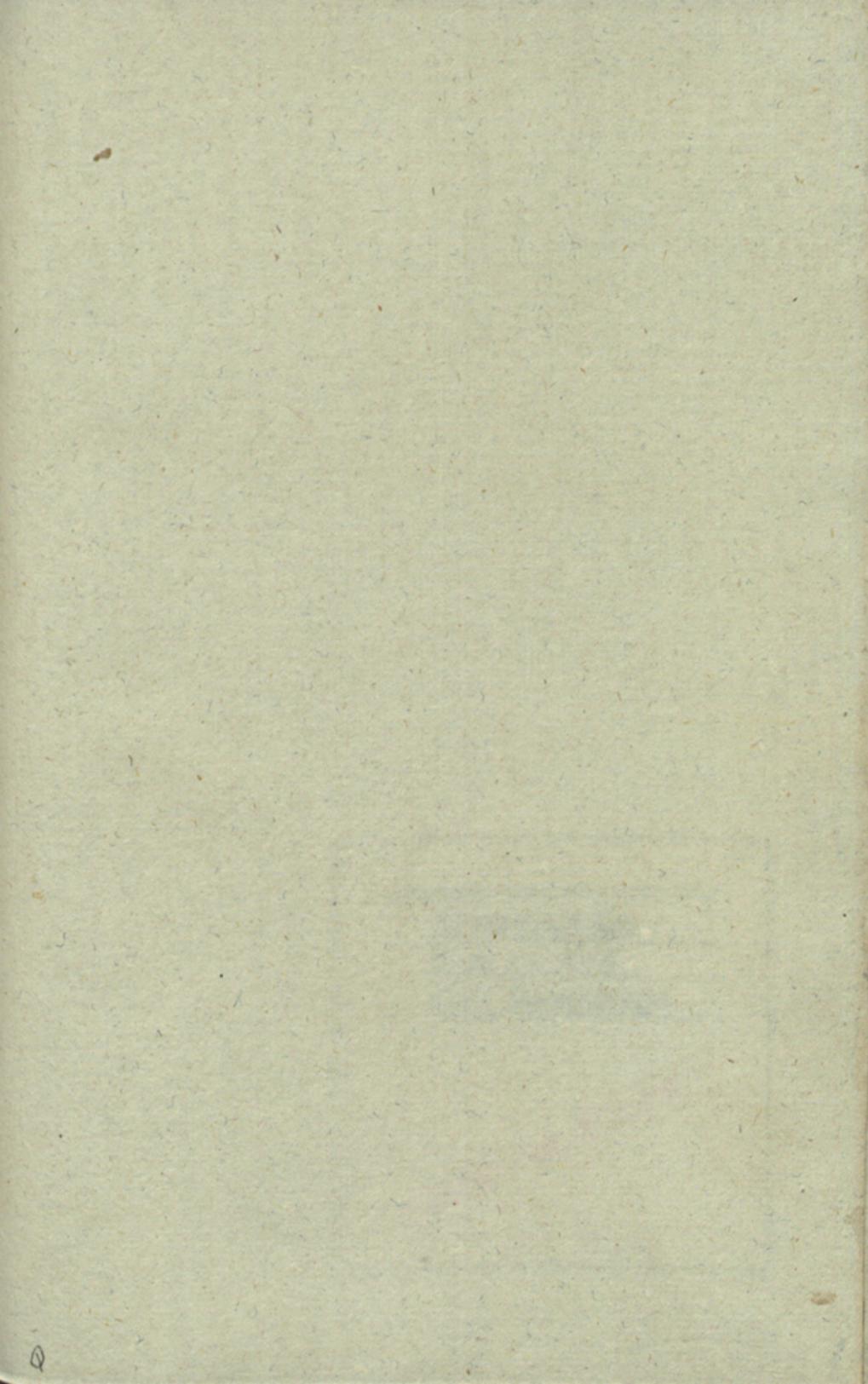


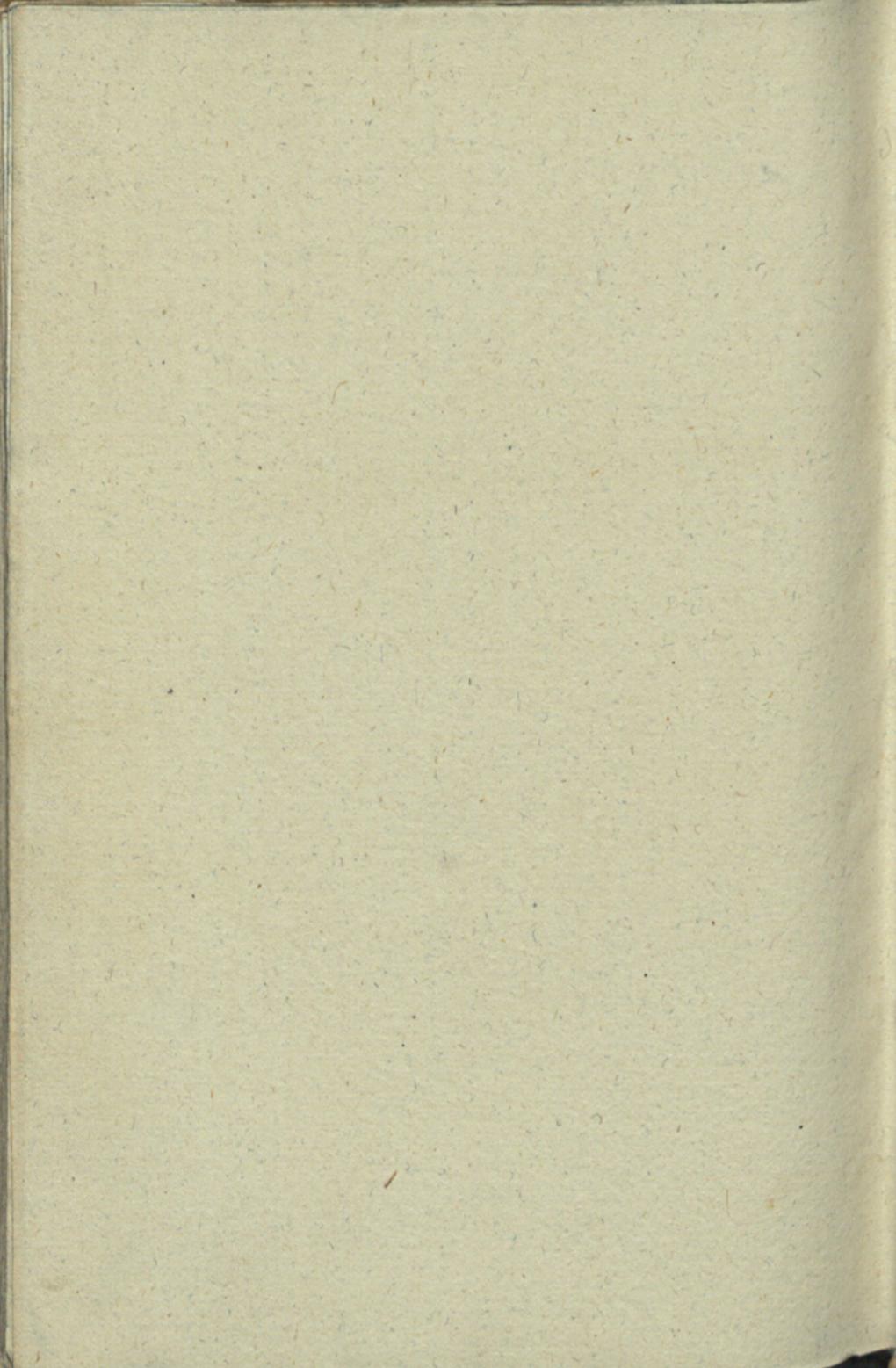












O restauro desta obra deve-se a:

FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GUL BENKIAN

Salve um Livro!

